KRISHNAMURTI

QUE É APRENDER

(1)

Esta manhã desejo começar por salientar a extraordinária importância da liberdade. Em geral, não desejamos ser livres. Temos nossas famílias, nossas responsabilidades, nossos deveres — e aí nos estabilizamos. Vemo-nos inibidos por leis sociais, por determinado código de moralidade, além de levarmos a carga de nossas cotidianas tribulações e problemas; e quando encontramos alguma espécie de consolo, algum meio de fuga a todo esse conflito e aflição, facilmente nos satisfazemos. Quase nenhum de nós deseja verdadeiramente ser livre, em qualquer sentido ou profundidade que seja; entretanto, parece-me que uma das coisas mais importantes da vida é o descobrirmos, por nós mesmos, como poderemos ser total e completamente livres. Poderá a mente humana, tão fortemente condicionada, tão estreitamente confinada em suas lides diárias, tão cheia de temores e ansiedades, tão incerta quanto ao futuro e tão constante em sua exigência de segurança — poderá ela suscitar em si própria uma mudança radical, só realizável em completa liberdade?

Em verdade, este é um problema que deveria interessar a cada um de nós, pelo menos durante as três semanas de nossa estada aqui. Não se trata de meu interesse verbal, senão de sermos capazes de através da análise verbal, discursiva — penetrar fundo em nós mesmos e descobrir se há alguma possibilidade de sermos livres. Sem liberdade, não se pode descobrir o que é verdadeiro e o que é falso; sem liberdade, a vida é sem profundeza; sem liberdade, somos escravos de toda a sorte de influências e de pressões sociais, das inumeráveis exigências que estamos constantemente enfrentando.

B.R.

Assim sendo, como indivíduos, podeis examinar-vos, penetrante e impiedosamente, para descobrirdes se alguma possibilidade temos, cada um de nós, de ser livres?

Por certo, só em liberdade pode haver mudança. E nós temos de mudar, mas não superficialmente, com pequenos aparos aqui e ali; temos de operar uma radical transformação da própria estrutura de nossa mente. Por isso, *sinto* ser tão importante falarmos de mudança, discutirmo-la, para ver até que ponto poderemos penetrar neste problema.

Sabeis o que entendo por "mudança"? "Mudar" é pensar de maneira totalmente diferente; é fazer nascer um estado de espírito livre da ansiedade em qualquer momento, sem sentimento de conflito, sem luta para conseguir alguma coisa, para ser ou "vir a ser" algo. É estar completamente isento de medo. Para se descobrir o que significa estar livre do medo, acho necessário compreender a questão de "instrutor e discípulo" e, assim, compreender o que é *aprender. Aqui,* não há instrutor nenhum, nem ninguém que está sendo ensinado. Todos estamos aprendendo. Por conseguinte, tendes de ficar completamente livres da idéia de que alguém vai dar-vos instrução ou prescrever-vos o que fazer; e isso significa uma relação inteiramente diferente entre vós e este orador. Nós estamos aprendendo e não sendo ensinados. Se, com efeito, compreenderdes que não estais aqui para serdes instruído por alguém, que não há instrutor nenhum para instruir-vos, nenhum salvador para vos salvar, nenhum *guru* para prescrever-vos o que fazer — se compreenderdes realmente este fato, tereis então de fazer tudo *por vós mesmo;* e isso requer extraordinária energia.

A energia se dissipa e degrada, perde-se totalmente, quando se estabelece a relação de instrutor e discípulo; portanto, durante as presentes palestras, e nas discussões subseqüentes, espero que não prevaleça nenhuma idéia de tal relação. Seria verdadeiramente maravilhoso se pudéssemos eliminá-la totalmente, deixando subsistir unicamente o movimento do aprender.

Em geral, aprendemos pelo estudo, por meio dos livros, pela experiência, ou mediante instrução ministrada por outro. São essas as maneiras comuns de aprender. Aprendemos de memória o que devemos fazer e o que não devemos fazer, o que devemos pensar e o que não devemos pensar, como devemos sentir, como devemos reagir. Pela experiência, pelo estudo, pela análise, pelo sondar, pelo exame introspectivo, armazenamos conhecimentos na forma de memória e, depois, a memória "responde" a ulteriores "desafios" e

exigências, do que resultam conhecimentos e mais conhecimentos. Tal processo nos é bastante familiar, pois é nossa única maneira de aprender. Se não sei pilotar um avião, aprendo a fazê-lo. Recebo a necessária instrução, vou adquirindo experiência, que fica retida na memória, e, por fim, posso voar. É esse o único processo de aprender familiar à maioria de nós. Aprendemos pelo estudo, pela experiência, pela instrução. O que se aprende é confiado à memória, na forma de conhecimento, e esse conhecimento funciona sempre que se apresenta um "desafio" ou todas as vezes que temos de fazer alguma coisa.

Ora, eu penso que há uma maneira de aprender completamente diferente, e sobre este assunto vou dizer algumas palavras; mas, para poderdes compreender essa maneira e por ela aprender, deveis estar totalmente livres da autoridade, porque, do contrário, estareis apenas sendo instruídos e ireis apenas repetir o que ouvistes dizer. Eis porque tanto importa compreender a natureza da autoridade. A autoridade é um empecilho ao aprender — ao aprender que não é acumulação de conhecimentos na forma de memória. A memória reage sempre *por padrões;* nenhuma liberdade existe. O homem que está carregado de conhecimentos, de instrução, que está curvado sob o peso das coisas que aprendeu, nunca é livre. Poderá ser um homem altamente erudito, mas sua acumulação de conhecimentos o impede de ser livre, e, por conseguinte, ele é incapaz de aprender.

Acumulamos várias formas de conhecimentos — científicos, fisiológicos, técnicos, etc. — e tais conhecimentos são necessários ao bem-estar físico do homem. Mas, também, acumulamos conhecimentos porque queremos estar em segurança, porque queremos atuar, sem perturbações, porque queremos agir dentro dos limites de nossos conhecimentos, para nos sentirmos sempre em segurança. Nunca desejamos estar na incerteza — temos horror à incerteza — e, por conseguinte, acumulamos conhecimentos. É a essa acumulação psicológica que quero referir-me, pois é ela que nos veda completamente a liberdade.

Deste modo, no momento em que se começa a inquirir o que é liberdade, é necessário contestar não só a autoridade, mas também o conhecimento. Se estais meramente sendo instruídos, se estais meramente acumulando o que ouvis, o que ledes, o que experimentais, nunca sereis livres, porquanto estareis sempre funcionando dentro do padrão do conhecido. É isso, com efeito, o que em geral nos acontece. Sendo assim, que cumpre fazer?

Sabe-se como a mente e o cérebro funcionam. O cérebro é uma coisa de natureza animal, suscetível de progredir e evolver, que vive e funciona entre as paredes de sua própria experiência, seu conhecimento, suas esperanças e temores. Está perenemente ativo com o intuito de salvaguardar-se e proteger-se; e, até certo ponto, *tem* de proceder assim, pois, do contrário, em breve seria destruído. Necessita de certo grau de segurança, daí prender-se ao hábito de acumular, para seu benefício, toda sorte de conhecimentos, de obedecer a toda espécie de instrução, criando um padrão ao qual adapta o seu viver, de maneira que nunca está livre. Quem quer que observe o seu próprio cérebro, o total funcionamento de si próprio, estará bem cônscio desse modo de existência "padronizada", na qual nenhuma espontaneidade existe.

Que é, pois, aprender? Existe alguma maneira diferente de aprender, um aprender não cumulativo, que não se torne um mero fundo de memória ou de conhecimento, criador de padrões e de obstáculos à liberdade? Existe alguma qualidade de aprender que não se torne uma carga, que não tolha a mente, mas, ao contrário, lhe dê liberdade? Se alguma vez vos fizestes esta pergunta, não superficialmente, porém profundamente, deveis saber que é necessário averiguar porque a mente se apega à autoridade. Quer se trate da autoridade do instrutor, do salvador, do livro, quer da autoridade de nosso próprio saber e experiência, por que razão se apega a mente à autoridade?

A autoridade assume formas variadas. Há a autoridade dos livros, a autoridade da igreja, a autoridade do ideal, a autoridade de vossa própria experiência, e a autoridade do saber que acumulastes. Estais apegados a essas autoridades? Tecnicamente, há necessidade de autoridades; isto é simples e óbvio. Mas, estamos falando sobre o estado psicológico da pessoa; e, deixando de parte a autoridade técnica, por que razão se apega ela à autoridade, no sentido psicológico?

Apega-se à autoridade, evidentemente, porque teme a incerteza, a insegurança; teme o desconhecido, o que poderá acontecer amanhã. E podemos nós viver sem autoridade de espécie alguma — autoridade no sentido de dominação, arrogância, dogmatismo, agressividade, desejo de sucesso e de fama, desejo de vir a ser *alguém*? Podemos viver neste mundo, freqüentando o escritório e outros mais lugares, num estado de completa humildade? Isso é muito difícil de verificar, não achais? Mas, penso que só nesse estado de humildade completa — que é o estado da mente que está

sempre pronta a reconhecer que *não sabe* — só nesse estado há possibilidade de aprender. De outro modo, estaremos sempre acumulando e, portanto, deixando de aprender.

Pois bem; pode-se viver, dia por dia, nesse estado? Entendeis minha pergunta? Certo, a pessoa que está deveras aprendendo nenhuma autoridade reconhece, nenhuma autoridade busca. Achando-se num constante "estado de aprender", não só das coisas exteriores, mas também das coisas interiores, não pertence a nenhum grupo, nenhuma sociedade, nenhuma raça ou cultura. Quando se está aprendendo constantemente de todas as coisas, sem nada acumular, como pode haver autoridade, instrutor? Como se pode seguir alguém? E essa é a única maneira de viver — aprendendo, não dos livros, mas de vossas próprias ânsias, dos movimentos de vosso próprio pensamento, de vosso próprio ser. A mente está, então, sempre fresca, olha todas as coisas de maneira nova, e não com os olhos cansados do saber e da experiência. Compreendendo-se isso, verdadeiramente, profundamente, cessa toda a autoridade. Então, este que vos fala nenhuma importância tem.

O extraordinário estado que a verdade revela — a imensidão da Realidade — não vos pode ser dado por outrem. Não há autoridade, não há guia. Tendes de descobri-lo por vós mesmos e dar, assim, algum sentido a esse caos que chamamos "a vida".

É uma jornada que deveis fazer completamente *só*, sem companheiros, sem mulher, sem marido, sem livros. Só podeis iniciar essa jornada depois de perceberdes claramente a verdade de que tendes de viajar completamente só — e percebê-la é estar só; não por azedume, pessimismo, desespero, mas por verdes o fato de que é absolutamente necessário *caminhar só*. É esse fato, e o percebimento dele, que nos põe livres para viajar sós. O livro, o salvador, o instrutor — vós mesmos sois todos eles. Deveis, pois, investigar-vos, aprender a vosso respeito, o que não significa acumular conhecimentos sobre vós, para, com esses conhecimentos, observardes os movimentos de vosso próprio pensar. Estais compreendendo?

Para esse aprendizado, para conhecer-vos, deveis observar-vos num "estado de novo", de liberdade. Nada podeis aprender sobre vós pela mera aplicação de conhecimentos, isto é, observando-vos com os conhecimentos adquiridos de algum instrutor, de algum livro, ou de vossa própria experiência. O "vós" é uma entidade extraordinária, uma coisa complexa, vital, intensamente viva, em constante mutação, a passar por experiências de todo gênero. É um vórtice de descomunal energia, e ninguém pode instruir-vos a

respeito dele — ninguém! Esta é a primeira coisa que se deve compreender. Uma vez compreendida, percebida a sua verdade, já estais liberto de pesado fardo: deixastes de contar com outros, para vos dizerem o que deveis fazer. Já está então em começo a liberdade, com seu inefável perfume!

Assim, tenho de conhecer-me, pois, sem o conhecimento de mim mesmo, nunca terá fim o conflito, nunca terá fim o medo e o desespero, nunca haverá a compreensão da morte. Quando me compreendo, compreendo todos os entes humanos, as relações humanas em sua totalidade. Compreender a mim mesmo é aprender a respeito do corpo físico e das várias reações nervosas; é estar consciente de cada movimento de pensamento; é compreender a coisa denominada "ciúme", "brutalidade"; é descobrir o que é afeição, amor. É compreender, em seu todo, aquilo que constitui o "eu", o "vós":

Aprender não é estabelecer uma base de conhecimentos. O aprender ocorre a cada instante; é um movimento no qual vos observais infinitamente, sem jamais condenar, sem nunca julgar, sem nunca avaliar, porém sempre e unicamente observando. Desde o momento que condenais, interpretais ou avaliais, tendes um padrão de conhecimento, de experiência, e esse padrão vos impede o aprender.

Sem vos compreenderdes não é possível uma mudança na raiz mesma da mente; e essa mutação, essa mudança, é necessária. Não emprego a palavra "mudança" no sentido de se ser influenciado pela sociedade, pelo clima, pela experiência, ou por outra qualquer espécie de pressão. As pressões e influências apenas poderão impelir-vos numa certa direção. Refiro-me à mudança que se opera sem esforço algum, em virtude de compreenderdes a vós mesmo. Há, sem dúvida, enorme diferença entre as duas coisas; entre a mudança operada mediante compulsão, e a mudança que vem espontânea, natural, livremente.

Pois bem; se estais seriamente interessados — e parece-me que seria um tanto absurdo se tivésseis feito tão longa viagem, para assistir a estas conferências, com este calor e sujeitando-vos a tantos desconfortos, sem estardes seriamente interessados — então, estas três semanas que aqui passareis vos oferecerão uma excelente oportunidade de *aprender*, de empenhar-vos numa real observação, numa profunda investigação. Pois, senhores, estou bem cônscio de que vossa vida é muito superficial. Sabemos e temos experimentado muitas coisas, somos capazes de falar com muita sutileza,

mas, na realidade, nenhuma profundidade temos. Vivemos à superfície; e, vivendo à superfície, esforçamo-nos por tornar muito *sério* esse viver superficial. Mas, eu me refiro a uma *seriedade* que se não restringe ao mero nível superficial, uma seriedade que penetra as últimas profundezas de nosso próprio ser. A maioria de nós não é verdadeiramente livre; e, para mim, a menos que sejamos livres — livres de nossas preocupações, de nossos hábitos, de nossas deficiências psicossomáticas, livres do medo — nossa vida continua sendo terrivelmente superficial e vazia, e nessa condição vamos envelhecendo e morrendo.

Assim, no decorrer destas três semanas, tratemos de averiguar se poderemos quebrar as paredes desta existência superficial que tão zelosamente temos cultivado, para penetrarmos em algo muito mais profundo. E esse processo de penetração não depende de nenhuma autoridade, não depende de sermos instruídos por outro sobre como fazê-lo — porque ninguém vo-lo pode ensinar. O que aqui temos de fazer é aprender juntos o que há de verdade em tudo o que vamos examinar e, uma vez tenhais realmente compreendido o verdadeiro, estará terminada toda dependência da autoridade. Não necessitareis, então, de livro nenhum, não necessitareis de ir à igreja ou ao templo; já não sereis um seguidor. Há na liberdade grande beleza, grande profundeza, grande amor, que desconhecemos completamente porque ainda não somos livres. Assim, o que primeiramente nos deve interessar parece-me ser a investigação dessa liberdade, não só por meio da análise verbal, discursiva, mas também independentemente da palavra.

Está fazendo muito calor, mas devo dizer que todo o possível se fez para tornar bem fresco o interior deste pavilhão. Não podemos realizar mais cedo as reuniões, porque há muitos que vêm de longe; assim sendo, teremos de sujeitar-nos ao calor como uma parte dos inevitáveis desconfortos.

Como sabeis, há necessidade de nos disciplinarmos — não mediante rigoroso controle, porém, sim, pela integral compreensão da questão da disciplina, pelo aprender o que ela é. Consideremos, por exemplo, esta coisa imediata; o calor. Podemos sentir o calor que está fazendo, sem nos deixarmos importunar por ele, visto ser o nosso interesse, a nossa investigação — que constitui o próprio movimento do aprender — muito mais importantes do que o calor e o desconforto do corpo. O aprender, pois, requer disciplina; e o próprio ato de aprender é disciplina; por conseguinte, não há necessidade de *impor-nos* disciplina alguma, nenhum con-

trole artificial. Isto é, eu quero *escutar*, não só o que se está dizendo, mas também todas as reações que as palavras provocam em si mesmo. Quero conscientizar-me de cada pensamento, de cada gesto. Isso, em si, é disciplina, e tal disciplina é extremamente flexível.

Assim, penso eu, a primeira coisa que vos cumpre descobrir é se — como ente humano que está vivendo em determinada "cultura" ou comunidade — realmente necessitais de liberdade, tanto quanto necessitais de alimento, de satisfação sexual, de conforto; e até onde e até que profundidade estais disposto a ir, a fim de serdes livre. Acho que é só isto o que podemos fazer nesta primeira palestra — ou, melhor, a única coisa que podemos fazer durante estas três semanas, visto ser esta a única coisa que podemos ter em comum — só ela, e nada mais. Entendeis? Porque tudo o mais se torna mera sentimentalidade, devoção, emocionalismo — coisas muito infantis. Mas, se vós e eu estivermos, conjuntamente, buscando, investigando, aprendendo o que significa ser livre, então, nessa abundância todos poderemos comungar.

Como disse no início, aqui não há instrutor e não há discípulo. Cada um de nós está aprendendo, mas não a respeito de outrem. Não estais aprendendo a respeito do orador, ou de vosso companheiro ao lado. Aprendeis sobre vossa pessoa. E se estais aprendendo acerca de vós mesmo, sois então o orador, sois o vosso companheiro ao lado, sois capaz de amar o vosso próximo; de outro modo, não podeis amá-lo, e tudo o que se está dizendo ficará sendo meras palavras. Não podeis amar o próximo se tendes o espírito de competição. Toda a nossa estrutura social — econômica, política, moral, religiosa — se alicerça na competição, e ao mesmo tempo dizemos que devemos amar o próximo. Isso é uma impossibilidade, visto que onde há competição não pode haver amor.

Assim, para se compreender o que é o amor, o que é a verdade, necessita-se de liberdade — e esta ninguém vos pode dar. Tendes de encontrá-la por vós mesmo, com diligente trabalho.

12 de julho de 1964.

A MENTE LIVRE

(2)

Em nossa reunião aqui, há dias, estivemos falando sobre a necessidade de liberdade; e com essa palavra "liberdade" não me referia à liberdade fragmentária, superficial, em certos níveis de nossa consciência. Falávamos sobre a necessidade de se ser *totalmente* livre — livre nas raízes mesmas da mente, em todas as nossas atividades físicas, psicológicas e parapsicológicas. Liberdade supõe total ausência de problemas, não achais? Porque, quando a mente é livre, pode observar e agir com perfeita clareza; ela pode ser o que é, sem consciência de nenhuma tradição. Para mim, uma vida de problemas — econômicos ou sociais, particulares ou públicos — destrói e perverte a lucidez. E tem-se necessidade de lucidez. Necessita-se de uma mente que veja bem claro cada problema que surge, uma mente capaz de pensar sem confusão, sem condicionamento, uma mente dotada de afeição, amor, que nada tenha em comum com emocionalismo ou sentimentalismo.

Para nos acharmos nesse estado de liberdade — o qual é dificílimo de compreender e requer muita perquirição — necessitamos de uma mente não perturbada, uma mente quieta; uma mente que funcione por inteiro, não apenas na periferia, mas também no centro. Essa liberdade não é uma abstração, um ideal. O movimento da mente livre é uma realidade, e os ideais e abstrações nenhuma relação têm com ele. Essa liberdade ocorre natural e espontaneamente — sem nenhuma espécie de coerção, de disciplina, de controle ou persuasão — ao compreendermos integralmente como surgem e findam os problemas. A mente com um problema perturbador, e que encontra meios de fugir a esse problema, continua sendo uma mente inibida, acorrentada, não livre. Para a mente que não resolve cada problema que surge, em qual-

quer nível que seja — físico, psicológico, emocional — não pode haver liberdade e, por conseguinte, clareza de pensar, de visão, de percebimento.

A maioria dos entes humanos tem problemas. Entendo por "problema" a renitente perturbação causada pela inadequada "resposta" a um desafio — isto é, pela incapacidade de atendermos às solicitações da vida com todo o nosso ser; ou, pela indiferença que produz uma disposição *habitual* para aceitar e suportar os problemas. Há um problema toda vez que deixamos de enfrentar e examinar uma situação até suas últimas conseqüências. Não se pode deixar isso para amanhã ou alguma data futura, pois cada situação deve ser enfrentada logo que surge, a cada minuto, a cada hora, a cada dia.

Todo problema, em qualquer nível que seja — consciente ou inconscientemente — é um fator que destrói a liberdade. Problema é tudo aquilo que não compreendemos totalmente. O problema de qualquer de nós pode ser a dor, o incômodo físico, a morte de alguém, ou falta de dinheiro; pode ser a incapacidade de descobrirmos por nós mesmos se Deus é uma realidade ou mera palavra, sem nenhuma substância. E há os problemas atinentes às relações, particulares e públicas, individuais e coletivas. A não compreensão das relações humanas, em seu todo, *gera* problemas; e quase todos nós temos problemas (causadores de doenças psicossomáticas) a alquebrar-nos a mente e o coração. Com essa carga de problemas, apelamos para vários meios de fuga; cultuamos o Estado, aceitamos a autoridade, recorremos a alguém para que resolva nossos problemas, atiramo-nos a uma fútil repetição de orações e rituais, entregamo-nos à bebida, aos prazeres sexuais, ao ódio, à autocompaixão, etc.

Temos cultivado muito zelosamente todo um sistema de fugas — racionais ou irracionais, nervosas ou intelectuais — o qual nos permite aceitar e, por conseguinte, suportar todos os problemas humanos que surgem. Mas tais problemas produzem, inevitavelmente, confusão e a mente nunca se torna livre.

Agora, não sei se tendes o mesmo modo de sentir que eu tenho em relação à necessidade — *não* necessidade fragmentária, necessidade de um dia em que nos vemos subitamente obrigados a enfrentar uma certa situação, porém a necessidade absoluta (desde que começamos a refletir nessas coisas, até o fim da vida) de não se ter problema algum. Provavelmente não percebeis quanto é urgente essa necessidade. Mas, se pudermos ver com toda a cla-

reza, concretamente — não abstratamente — que a necessidade de se estar livre de problemas é tão grande quanto a de alimento e ar puro, então, com essa percepção *agimos*, tanto psicologicamente, como nas ocupações da vida diária; essa percepção estará sempre presente em tudo o que fizermos, pensarmos e sentirmos.

Assim, a libertação dos problemas é a questão principal, pelo menos para esta manhã. Pode ser que tornemos a considerá-la de maneira diferente amanhã, mas isso não importa. O importante é perceber que a mente em que há conflito é uma mente destrutiva, porque está sempre a deteriorar-se. A deterioração não depende de nenhuma idade: ela se manifesta quando a mente se acha envolvida em conflito e tem muitos problemas não solucionados. O conflito é o núcleo da deterioração e da decadência. Não sei se percebeis a verdade dessa asserção. Se a percebeis, então o problema é de como resolver o conflito. Mas, primeiramente, é necessário a pessoa perceber por si própria que a mente que tem qualquer espécie de problema, em qualquer nível e de qualquer duração que seja, é incapaz de pensar com clareza, de ver as coisas como são — brutalmente, impiedosamente, sem sentimentalismos nem autocompaixão.

Ora, em geral costumamos fugir logo que surge um problema, e achamos dificílimo "ficar com o problema" e observá-lo, sem interpretar, condenar ou comparar, sem tentar alterá-lo ou fazer alguma coisa em relação a ele. Isso requer plena atenção; mas, para a maioria de nós nenhum problema é tão sério que mereça toda a nossa atenção, isso porque levamos uma vida superficial e em regra nos satisfazemos com soluções fáceis e respostas prontas. Queremos esquecer o problema, afastá-lo de nós e ir vivendo com outra coisa qualquer. Só quando o problema nos atinge intimamente, como em caso de morte ou de absoluta falta de dinheiro, ou quando nos vemos abandonado por nosso marido ou nossa mulher — só então o problema pode tornar-se crítico. Mas, nunca permitimos a nenhum problema produzir uma *crise real* em nossa vida; temos sempre a habilidade de varrê-lo com explicações, com palavras, com vários meios de defesa de que nos servimos.

Já sabemos o que significa um problema. É uma situação que não quisemos examinar até suas últimas conseqüências e compreender completamente; por conseguinte, o caso não foi liquidado e fica a repetir-se indefinidamente. Para compreender um problema, precisamos compreender as contradições — as contradições extremas e também as contradições triviais de cada dia — de nosso

próprio ser. Pensamos de um modo e agimos de outro; dizemos uma coisa e sentimos coisa bem diferente. Há conflito entre o respeito e o desrespeito, a rudeza e a polidez. De um lado, o sentimento de arrogância, de orgulho, de outro lado fazemos exibição de humildade. Conheceis as numerosas contradições, tanto conscientes como ocultas. Ora, como surgem essas contradições?

Como já tenho dito repetidas vezes, peço-vos escutardes não apenas o que o orador diz, mas também o vosso próprio pensamento; que observeis a maneira como se operam vossas próprias reações, e estejais cientes de vossa reação ao ser formulada aquela pergunta (como surgem as contradições?), a fim de vos familiarizardes com vós mesmo.

Quando temos um problema, quase sempre desejamos saber de que maneira resolvê-lo, o que fazer a respeito dele, como transcendê-lo, como nos livrarmos dele, ou qual é a sua solução. Nada disso nos interessa aqui. Eu quero saber como o problema surge; porque, se posso descobrir a raiz de um problema, se posso compreendê-lo de princípio a fim, terei então encontrado a solução de todos os problemas. Se posso olhar completamente um só problema, serei então capaz de compreender qualquer problema que se apresente no futuro. Assim, como surge um problema, um problema psicológico? Consideremos isso em primeiro lugar, uma vez que os problemas psicológicos pervertem todas as atividades da vida. Só quando a mente compreende e resolve um problema psicológico logo que surge, e não transporta o "registro" desse problema para a próxima hora ou dia seguinte, é só então que ela será capaz de enfrentar o próximo "caso" com renovado vigor, com clareza. Nossa vida é uma série de "desafios" e "respostas", e devemos ser capazes de enfrentar cada desafio de maneira completa, porque, do contrário, cada momento nos trará novos problemas. Compreendeis? Todo o meu interesse é ser livre, não ter problemas — a respeito de Deus, do sexo, do que quer que seja. Se Deus se tornou para mim um problema, então não devo procurá-lo; porque, para descobrir se há Deus, um ser supremo e imensurável, deve a minha mente estar muito clara, purificada, livre, não quebrantada por nenhum problema.

Eis porque eu disse logo de início que a liberdade é necessária. Dizem-me que mesmo Karl Marx — o deus dos comunistas — escreveu que os entes humanos têm direito à liberdade. Para mim, a liberdade é indispensável — liberdade no começo, liberdade no meio, liberdade no fim — e não existe essa liberdade quando "trans-

porto" um problema de um dia para o outro. Isso significa que, não só tenho de descobrir como surge um problema, mas também como eliminá-lo, de modo que o problema não mais se repita, não seja transferido para mais tarde, e não se sinta nenhuma necessidade de "amanhã" refletir sobre ele e resolvê-lo. Se "transporto" o problema para o dia seguinte, estou contribuindo para que ele se enraíze; e, depois, a extirpação desse problema se torna mais um problema. Por conseguinte, tenho de "operar" pronta e radicalmente, para a completa e definitiva extinção do problema.

Estais vendo, pois, quais são os dois pontos que temos de examinar; descobrir como surge o problema (problema relativo à esposa, aos filhos, problema de falta de dinheiro, ou o problema de Deus — qualquer problema) e, também, como poderemos extirpá-lo imediatamente.

O que estou dizendo não é ilógico. Demonstrei-vos logicamente, racionalmente, a necessidade de se pôr fim ao problema e de nunca "transportá-lo" para o dia seguinte. Desejais fazer perguntas sobre o assunto?

PERGUNTA: *Não compreendo porque dizeis que o dinheiro não representa problema.*

KRISHNAMURTI: Para muitos, ele constitui um problema. Eu nunca disse o contrário. Notai, por favor, que eu disse que um problema é toda coisa que não compreendemos completamente, quer relacionada com dinheiro, quer com o sexo, Deus, as relações com a nossa esposa ou com alguém que nos odeia — não importa *qual seja* a coisa. Se tenho uma doença ou muito pouco dinheiro, isso se torna um problema psicológico. Ou pode ser o sexo que se torna um problema. Estamos investigando como surgem os problemas psicológicos, e não como proceder em relação a um dado problema em particular. Entendeis? Santo Deus! Isto é tão simples.

No Oriente, há pessoas que abandonam o mundo e peregrinam de aldeia em aldeia a esmolar. Os brâmanes da Índia estabeleceram, durante séculos, o costume de respeitar, de nutrir e vestir o homem que abandona o mundo. Para esse homem, evidentemente, o dinheiro não constitui problema nenhum; mas não estou advogando esse costume aqui! Estou, simplesmente, apontando que a maioria de nós tem problemas psicológicos. Não tendes problemas, não só de dinheiro, mas também de sexo, Deus e de vossas relações? Não tendes preocupações sobre se sois amado ou não sois

amado? Se tenho muito pouco dinheiro e desejo mais, isso naturalmente se torna um problema. Tenho preocupações e ansiedades a esse respeito; ou me torno invejoso, porque vós tendes mais dinheiro do que eu. Tudo isso perverte a percepção, e são estes os problemas que ora consideramos.

Estamos interessados em descobrir como surge um problema dessa natureza. Acho que tornei suficientemente claro este ponto; ou desejais aprofundá-lo mais?

Ora, por certo, um problema surge quando há em mim uma contradição. Se não há contradição em nenhum nível, não há problema algum. Se não tenho dinheiro, irei trabalhar, esmolar, pedi-lo emprestado. Farei qualquer coisa, e isso não me será difícil.

PERGUNTA: *Mas, que acontece quando nada se pode fazer?*

KRISHNAMURTI: Quereis dizer que não podeis fazer nada? Se possuís alguma técnica ou conhecimento especializado, podeis tornar-vos isto ou aquilo. Se sois incapaz de qualquer coisa, podeis cavar a terra.

INTERROGANTE: *Depois de certa idade, um homem não pode fazer nenhum trabalho.*

KRISHNAMURTI: Para esses casos, há a ajuda do governo.

INTERROGANTE: Não, senhor, não há.

KRISHNAMURTI: Então ele morre, e acabou-se o problema. Mas este é um problema *vosso*, minha senhora?

INTERROGANTE: *Não é um problema pessoal.*

KRISHNAMURTI: Então, vos referis a outra pessoa e, assim, isso não nos interessa. Estamos falando aqui a vosso respeito, como ente humano que tem problemas, e não sobre algum parente ou amigo.

INTERROGANTE: *Não há ninguém que olhe por ele, senão eu. Como posso vir aqui escutar-vos, deixando-o sem nenhuma assistência?*

KRISHNAMURTI: Não venhais, então.

INTERROGANTE: *Mas, eu quero vir.*

KRISHNAMURTI: Então não façais disso um problema.

PERGUNTA: *Quereis dizer que numa situação incômoda ou embaraçosa, como, por exemplo, falta de dinheiro, podemos sobrepor-nos a essa situação?*

KRISHNAMURTI: Não. Vede, já me tomastes a dianteira querendo resolver o problema. Quereis saber como proceder com o problema, e ainda não cheguei aí. Só formulei o problema, e não o que a seu respeito se deve fazer. Quando alguém diz que devemos elevar-nos acima do problema, ou pergunta o que se pode fazer por um parente ou amigo, velho, e sem dinheiro — percebeis o que essa pessoa está fazendo? Está fugindo ao fato. Um momento, escutai o que estou dizendo. Não aceiteis nem rejeiteis o que digo — escutai-o apenas. Não tendes vontade de enfrentar o fato — que sois *vós,* com o vosso problema, e não outrem. Se resolverdes vosso próprio problema de ente humano, ajudareis a outro (ou não o fareis, conforme o caso) a resolver o seu. Mas, no momento em que vos passais para o problema de outro, perguntando "Que devo fazer?" — assumistes uma posição em que não se pode dar nenhuma resposta e, por conseguinte, torna-se existente uma contradição.

Não sei se está tudo claro.

INTERROGANTE: *Sou sem instrução em virtude de uma incapacidade da infância, e isso tem sido para mim um problema medonho toda a vida. Como resolvê-lo?*

KRISHNAMURTI: Tendes uma terrível preocupação de resolver problemas, não é verdade? Eu não a tenho. Sinto muito. Logo de início eu vos disse que não me interessava resolver problemas, nem vossos, nem meus. Não sou vosso protetor ou guia. Sois vosso próprio instrutor e vosso próprio discípulo. Aqui estais para aprender, e não para perguntardes a outro o que deveis e o que não deveis fazer. A questão não é sobre o que se deve fazer por um inválido, ou por alguém que não tem dinheiro suficiente, ou que é iletrado, etc. etc. Aqui estais para aprender de *vós mesmo* a respeito dos problemas que tendes, e não para serdes instruído por mim. Por-

tanto, não me coloqueis nessa posição falsa, porque eu não quero instruir-vos. Se o fizesse, me tornaria um guia, um *guru*, e iria aumentar as numerosas inutilidades com que se explora o próximo já existentes no mundo. Estamos aprendendo, não mediante estudo, porém mantendo-nos vigilantes, despertos, autoconscientes; nossa relação, por conseguinte, difere completamente da relação de mestre e discípulo. Este orador não vos está instruindo, nem dizendo o que deveis fazer — isso seria completa imaturidade.

PERGUNTA: *Quando somos incapazes de ver tudo o que um problema envolve, como poderemos penetrar até à raiz desse problema e resolvê-lo?*

KRISHNAMURTI: Tão ansiosos vos mostrais por descobrir o que se deve fazer, que ainda não me destes oportunidade de entrar nessa questão. Escutai por alguns minutos, se vos apraz. Não vou dizer-vos o que deveis fazer em relação a vossos problemas. Vou apontar-vos como aprender, e o que é *aprender;* e vereis então que, ao compreenderdes um problema, o problema termina. Mas se apelais para alguém, pedindo-lhe que vos diga o que deveis fazer acerca de um problema, vos tornareis como uma criança irresponsável, cujos passos são guiados por outro, e tereis mais problemas ainda. Isto é verdadeiro e simples, e, assim sendo, peço-vos de uma vez por todas que lhe deis acolhida em vossa mente e em vosso coração. Aqui estamos para aprender e não para sermos instruídos. Ser instruído é confiar à memória o que se ouve de outro; mas a simples repetição, de memória, não traz a solução de problemas. Só há madureza no efetivo aprender. O uso do conhecimento, daquilo que foi aprendido meramente de memória, como meio de resolver os problemas humanos, procede da falta de madureza, e só pode criar mais padrões, mais problemas.

O simples desejo de resolver um problema é uma fuga aos problemas, não achais? Não penetrei o problema, não o estudei, não o explorei, não o compreendi. Não conheço a beleza, ou a fealdade, ou a profundidade do problema; minha única preocupação é resolvê-lo, afastá-lo de mim. Esta ânsia de resolver um problema, sem o ter compreendido, é uma fuga ao problema; por conseguinte, torna-se mais um problema. Toda fuga gera novos problemas.

Pois bem; tenho um problema que desejo compreender completamente. Não desejo fugir dele, não desejo "verbalizar" a seu

respeito, não quero falar a outro sobre ele; só quero compreendê-lo. Não estou esperando que ninguém me diga o que devo fazer. Sei que ninguém pode dizer-me o que devo fazer; e que, se alguém o fizesse e eu aceitasse sua instrução, isso constituiria um ato fútil e absurdo. Assim, tenho de aprender sem ser *instruído* e sem fazer uso da lembrança do que aprendi acerca de anteriores problemas, para atender ao problema presente. Oh, não percebeis a beleza disso!

Sabeis o que significa viver no presente? Parece-me que não, infelizmente. Viver no presente é não ter continuidade nenhuma. Mas isso é coisa de que trataremos noutra ocasião.

Tenho um problema, e desejo compreendê-lo, aprender a respeito dele. Para tanto, não posso trazer as lembranças do passado e, com a ajuda delas, ocupar-me com o problema; porque o problema novo exige uma maneira nova de estudá-lo, e não posso aplicar-me a ele com minhas lembranças mortas, estáticas. O problema é algo atuante, e, portanto, tenho de ocupar-me dele agora. Por conseguinte, o elemento tempo deve ser totalmente afastado.

Desejo descobrir como surgem os problemas — os problemas psicológicos. Como disse, se compreendo toda a estrutura causativa dos problemas e fico, em conseqüência, livre de criar problemas para mim mesmo, saberei então como agir em relação ao dinheiro, ao sexo, ao ódio, em relação a tudo na vida; e, no lidar com essas coisas, não irei criando novos problemas. Tenho, assim, de descobrir de que modo surge o problema psicológico, e não qual a maneira de resolvê-lo. Entendeis? Ninguém me pode dizer como surge o problema; eu próprio tenho de compreender isso.

Enquanto estou "explorando" dentro em mim, o mesmo deveis fazer em vós, e não ficar apenas ouvindo minhas palavras. A menos que ultrapasseis as palavras e olheis a vós mesmos, as palavras de nada vos servirão; tornar-se-ão meras abstrações, e nunca uma realidade. A realidade é o movimento de vossa própria investigação descobridora, e não a indicação verbal desse movimento.

Está bem claro, até aqui?

Para mim, como disse, a liberdade é da mais alta importância. Mas a liberdade de modo nenhum pode ser compreendida, se não há inteligência; e a inteligência só pode vir ao compreendermos, individualmente, as causas dos problemas. A mente deve estar alertada, atenta, num estado de supersensibilidade, de modo que cada problema seja resolvido assim que se apresenta. De outro modo,

não há liberdade verdadeira; só há uma liberdade periférica, fragmentária, sem nenhum valor. Isso é o mesmo que um homem rico dizer que é livre. Santo Deus! Ele é um escravo da bebida, do sexo, do conforto, de dúzias de coisas. E o homem pobre que diz: "Sou livre, porque não tenho dinheiro" — esse tem outros problemas. A liberdade, pois, e a manutenção dessa liberdade, não pode ser uma mera abstração: ela deve constituir para vós, como ente humano, uma necessidade absoluta, porque é só quando existe a liberdade que podeis amar. Como podeis amar se sois ganancioso, ambicioso, competidor?

Não concordeis, senhores; assim, estais-me deixando fazer sozinho todo o trabalho.

Eu não tenho interesse em resolver o problema ou em procurar alguém que me diga como resolvê-lo. Nenhum livro, nenhum guia, nenhuma igreja, nenhum sacerdote mo pode dizer. Há milênios que nos entretemos com essas coisas, e continuamos carregados de problemas. O freqüentar a igreja, a confissão, a oração — nada disso resolverá nossos problemas, que apenas continuam a multiplicar-se, como atualmente está acontecendo. Assim, de que modo surge um problema?

Como já disse, quando não há contradição interior, não há problema algum. A contradição envolve conflito do desejo. Mas o desejo em si não é contraditório. Por certo, o que cria a contradição são os objetos do desejo. Porque pinto quadros, escrevo livros, ou por qualquer coisa estúpida que faço, desejo ser famoso, aplaudido. Quando ninguém me reconhece os méritos, há uma contradição e fico em estado lastimoso. Tenho medo da morte, que não compreendi; e nisso a que chamo "amor", há contradição. Vejo, pois, que o desejo é o começo da contradição — não o desejo em si, mas os objetos do desejo são contraditórios. Se tento mudar ou negar os objetos do desejo, dizendo que me aterei a uma só coisa e a nada mais, essa coisa, por sua vez, se torna também um problema, porque tenho de resistir, erguer barreiras a tudo o mais. Assim, o que devo fazer não é meramente mudar ou reduzir os objetos de meu desejo, porém compreender o desejo em si.

Direis, talvez: "Que relação tem tudo isso com o problema"? — Pensamos ser o desejo que cria o conflito, a contradição; e eu estou apontando que não é o desejo, porém os objetos ou alvos contraditórios do desejo que criam a contradição. E nenhuma vantagem há em tentar ter *um só* desejo. Isso é fazer como o sacerdote, que diz: "Só tenho um desejo, o desejo de alcançar a Deus"

— e que tem uma infinidade de desejos, dos quais nem sequer está consciente. Cumpre, pois, compreender a natureza do desejo, e não tratar meramente de controlá-lo ou negá-lo. Diz a literatura religiosa que não se deve ter desejo, mas sim, destruir o desejo — o que é uma inanidade. É preciso compreender como o desejo surge e o que lhe dá continuidade — e *não* como fazê-lo terminar. Compreendeis o problema? Pode-se ver como o desejo surge: isto é muito simples.

Há a percepção, o contato, a sensação (sensação mesmo sem contato) e da sensação resulta o começo do desejo. Vejo um carro; suas linhas, sua forma, sua beleza me atraem, e eu o desejo. Mas, destruir o desejo significa ficar insensível a tudo. Quando sou sensível, já estou no "processo" do desejo. Vejo um belo objeto, ou uma bela mulher — o que quer que seja — e dá-se o despertar do desejo; ou vejo um homem de extraordinária inteligência, integridade, e quero ser também assim. Da percepção vem a sensação, e da sensação o começo do desejo. É isso o que verdadeiramente acontece; não há nada de complicado na coisa. A complexidade só começa quando o pensamento entra em cena e dá ao desejo continuidade. Penso no carro, na mulher, ou no homem inteligente, e desse pensamento o desejo recebe continuidade. De outro modo, ele não continua. Posso olhar o carro, e não passa disso. Entendeis? Mas, no momento em que penso no carro, tem então o desejo continuidade e começa a contradição.

PERGUNTA: *Pode haver desejo sem objeto?*

KRISHNAMURTI: Tal coisa não existe. Não há desejo abstrato.

PERGUNTA: *Então, o desejo está sempre relacionado com um objeto. Mas dissestes que temos de compreender o mecanismo do desejo em si, e não nos preocuparmos com o seu objeto.*

KRISHNAMURTI: Senhor, eu mostrei como o desejo nasce, e como, por meio do pensamento, lhe damos continuidade.

Sinto muito, mas temos de parar agora. Continuaremos na próxima quinta-feira.

14 de julho de 1964.

COMUNICAÇÃO E COMUNHÃO

(3)

Há, penso eu, uma grande diferença entre "estar em comunicação" e "estar em comunhão". Estar em *comunicação* é partilhar idéias, por meio de palavras, agradáveis ou desagradáveis, por meio de símbolos, de gestos; e as idéias podem ser traduzidas ideologicamente, ou interpretadas conforme as peculiaridades, as idiossincrasias, o *fundo* de cada um. Mas, na comunhão, penso que ocorre algo muito diferente. Na comunhão não há partilhar idéias, ou interpretação de idéias. A pessoa pode *estar,* ou não, em comunicação com outros por meio de palavras, mas se acha em relação direta com o que observa; e se encontra em comunhão com a própria mente, com o próprio coração. Pode-se *comungar* com uma árvore, por exemplo, ou com uma montanha, um rio. Não sei se já alguma vez estivestes sentado sob uma árvore e se realmente experimentastes estar em comunhão com ela. Isso não é sentimentalismo, nem emocionalismo: está-se em contato direto com a árvore. Há uma extraordinária intimidade nessa relação. Nessa comunhão, deve haver silêncio, um senso profundo de quietude; os nervos, o corpo estão em repouso; o próprio coração quase parado. Não há interpretação, não há *comunicação,* não há partilhar. Vós não sois a árvore, e tampouco estais identificado com a árvore: há só esse sentimento de intimidade em profundo silêncio. Não sei se alguma vez experimentastes isso. Experimentai-o, numa ocasião em que vossa mente não esteja a "tagarelar", a divagar, em que não estejais a monologar, a lembrar-vos de coisas feitas ou por fazer. Esquecei tudo isso e procurai entrar em comunhão com a montanha, com um rio, uma pessoa, uma árvore, com o movimento da própria vida. Requer isso um extraordinário sentimento de tranqüilidade e uma peculiar

atenção — *não* concentração, porém uma atenção natural e agradável.

Pois bem; desejo *estar em comunhão* convosco, nesta manhã, a respeito do que estivemos investigando outro dia. Falamos *sobre a liberdade e sua essência.* A liberdade não é um ideal, uma coisa remota; não é concepção de uma mente prisioneira, uma mera teoria. Só pode existir liberdade quando a mente não está sendo tolhida por nenhum problema. A mente que tem problemas jamais pode *comungar* com a liberdade ou estar ciente dessa coisa extraordinária que ela é.

A maioria das pessoas tem problemas e os vai simplesmente suportando; acostumam-se com os problemas e os aceitam como parte necessária da vida. Mas tais problemas não se resolvem pelo aceitá-los ou acostumar-nos com eles; e se raspamos a superfície, lá os encontramos, a "supurar", como sempre. E a maioria das pessoas vive nesse estado — aceitando perenemente um problema após outro, uma dor após outra; sentem e aceitam a desilusão, a ansiedade, o desespero.

Se simplesmente aceitamos os problemas e ficamos com eles, nós evidentemente não os resolvemos. Podemos dizer que estão esquecidos ou que nenhuma importância têm; mas eles *importam* infinitamente, porque pervertem o espírito, falseiam a percepção e destroem a clareza. Se temos um problema, ele, geralmente, invade todo o campo de nossa vida. Pode ser um problema de dinheiro, problema sexual, de falta de instrução ou atinente ao desejo de nos realizarmos, de nos tornarmos famosos. Qualquer que ele seja, ele nos absorve a ponto de apoderar-se de todo o nosso ser, e pensamos que, resolvendo-o, estaremos livres de nossas aflições. Mas a mente limitada e mesquinha que tenta resolver seu problema pessoal isolando-o do movimento global da vida não pode jamais libertar-se de seus problemas; porque cada problema está relacionado com outro e, assim, são de todo inúteis as tentativas de resolução fragmentária. É como cultivar uma só parte do campo e pensar que cultivamos o campo todo. Tendes de cultivar o campo *inteiro,* considerar *cada* problema.

Como já disse antes, o importante não é a solução do problema, porém, sim, o compreendê-lo — por mais doloroso, por mais exigente, por mais premente e urgente que ele seja. Sem querer ser positivo ou dogmático, parece-me que o preocupar-se com um só problema, em particular, é indicativo de uma mente vulgar; e a mente vulgar que tenta continuamente resolver seu problema pes-

soal nunca encontrará um meio de livrar-se de problemas. Poderá fugir de várias maneiras, tornar-se acrimoniosa, mordente, ou entregar-se ao desespero; mas nunca compreenderá o problema total da existência.

Assim, se temos de lidar com problemas, devemos ocupar-nos do campo inteiro em que eles proliferam, e não simplesmente de um dado problema. Qualquer problema, por mais complicado, por mais exigente ou premente que seja, relaciona-se com todos os outros; muito importa, por conseguinte, não tratá-lo fragmentariamente, coisa essa sobremodo difícil. Ao termos um problema urgente, doloroso, insistente, pensamos em geral que o devemos resolver isoladamente, sem levar em conta todo o conjunto de problemas. Nele pensamos fragmentariamente, mas a mente fragmentária é na realidade uma mente vulgar; é — se me permitis a expressão — uma mente burguesa. Não emprego essa palavra em sentido depreciativo, porém apenas para indicar o que a mente de fato é: ela é medíocre ao pretender resolver isoladamente um problema pessoal. A pessoa atormentada pelo ciúme, por exemplo, deseja agir imediatamente, fazer qualquer coisa, reprimir o ciúme ou vingar-se. Mas esse problema individual relaciona-se com outros problemas. É o todo que devemos considerar, e não apenas a parte.

Ao considerarmos problemas, deve ficar entendido que não estamos interessados em achar solução para problema algum. Como já apontei, a investigação que visa apenas a encontrar a solução de um problema é uma fuga ao problema. A fuga poderá ser confortável ou dolorosa, poderá exigir certa capacidade intelectual, etc.; mas, como quer que seja, é sempre fuga. Se temos de resolver nossos problemas, se temos de ficar livres deles, aliviados de todas as pressões que ocasionam, de modo que a mente fique completamente quieta e possa *perceber* (pois só pode perceber em liberdade), então o que antes de tudo nos deve interessar não é como resolver um problema, porém, sim, o compreendê-lo. Compreender um problema é muito mais importante do que resolvê-lo. Compreensão não representa a capacidade ou habilidade da mente que adquiriu várias formas de conhecimento analítico e é capaz de analisar um dado problema; compreender é estar *em comunhão* com o problema. Estar em comunhão não significa achar-se identificado com o problema. Como disse, para se estar em comunhão com uma árvore, com um ente humano, com um rio, com a extraordinária beleza da natureza, necessita-se de certa quietude, um certo senso de separação, de distanciamento do mundo.

Assim, o que aqui estamos tentando é aprender a estar em comunhão com o problema. Mas, percebeis a dificuldade que essa asserção implica? Havendo comunhão com outro, a idéia do "eu" está ausente. Quando estais em comunhão com o ente amado, com vossa esposa, vosso filho, quando segurais a mão de um amigo, nesse momento (se não se trata dessa falsa sentimentalidade, sensualidade, etc., a que chamam "amor", porém de algo completamente diferente, algo vital, dinâmico, real) há ausência total do mecanismo do "eu", com seu "processo de pensamento". Analogamente, estar em comunhão com um problema implica observação completa, não identificadora, não é? Os nervos, o cérebro, o corpo, toda a entidade está quieta. Nesse estado pode-se observar o problema sem identificação, e é esse o único estado em que é possível a compreensão do problema. O chamado artista poderá pintar uma árvore ou escrever uma poesia a respeito dela, mas estará realmente em comunhão com a árvore? No estado de comunhão não há interpretação, nem idéia de comunicação, como também a busca de uma maneira de expressão. Se expressais, ou não, essa comunhão em palavras, numa tela, ou no mármore, pouco importa; mas, no momento em que desejais expressá-la, a fim de exibi-la, de vendê-la, de vos tornardes famoso, etc., começa a ter importância o "eu".

Compreender inteiramente um problema é comungar com ele. Vereis então que o problema nenhuma importância tem, pois o que importa é o estado mental de comunhão, não criador de problemas. Mas se o indivíduo não é capaz dessa comunhão, se é egocêntrico, egotista, e deseja expressão pessoal e tantas outras infantilidades, eis a mentalidade vulgar geradora de problemas.

Assim, como já acentuei, para se compreender um problema — qualquer problema — é necessário compreender o processo do desejo. Somos contraditórios, psicologicamente, e, por conseguinte, também em nossa atuação. Pensamos uma coisa e fazemos outra. Vivemos num estado de "contradição", pois, do contrário, não haveria problemas; contradizemo-nos quando não há compreensão do desejo. Para se viver sem conflito de espécie alguma, é preciso compreender a estrutura e a natureza do desejo — não reprimi-lo, controlá-lo, tentar destruí-lo, ou simplesmente entregar-se a ele, como em geral fazemos. Isso não significa pôr-se a dormir, vegetar, e aceitar simplesmente a vida com toda a sua degeneração; significa, isto sim, perceber cada um por si mesmo que o conflito, em qualquer forma que seja — disputa com a mulher, ou marido, ou a comunidade, a sociedade — qualquer conflito — deteriora a mente, torna-a embotada, insensível.

Como disse antes, o desejo em si não é contraditório; são os objetos do desejo, e a reação do desejo a esses objetos, que criam a contradição. O desejo só tem continuidade quando o pensamento com ele se identifica.

Para observar, necessita-se de sensibilidade; os nervos, os olhos e ouvidos, todo o ser deve estar *vivo* e, contudo, a mente deve estar *quieta*. Pode-se então olhar para um belo carro, uma bela mulher, uma esplêndida vivenda, ou um rosto de extraordinária vivacidade, inteligência — pode-se observar essas coisas, vê-las tais como são, e não passar disso. Mas, em geral, que acontece? Há desejo; e o pensamento, identificando-se com o desejo, dá-lhe continuidade.

Não sei se me estou expressando com clareza. Examinaremos este ponto posteriormente.

O importante é observar sem interferência do pensamento. Mas não façais agora desta asserção um problema. Não digais: "Como posso observar, como posso ver e sentir, sem deixar o pensamento interferir?". Se perceberdes por vós mesmos todo o processo do desejo e a contradição criada por seus objetos, e a continuidade que o pensamento dá ao desejo — se perceberdes todo esse mecanismo em ação, não fareis tal pergunta. Para aprendermos a conduzir um carro, não basta recebermos instruções teóricas. Temos de sentar-nos ao volante, "dar saída" ao carro, freá-lo, aprender toda a técnica de conduzir. Da mesma maneira deveis conhecer o mecanismo extremamente delicado do pensamento e do desejo, e não apenas ser informado a seu respeito. Precisais olhá-lo, aprender o que há nele, por vós mesmo — e isso requer que dele vos acerqueis com sensibilidade.

Assim, o importante não é a solução de um problema, porém a compreensão dele. Só se apresenta um problema quando existe uma contradição, um conflito; e todo conflito supõe esforço, não é verdade? — esforço para alcançar, esforço para "vir a ser", esforço para transformar *isto naquilo*, esforço para aproximar uma coisa ou para distanciá-la. Esse esforço tem sua origem no desejo — o desejo, a que o pensamento deu continuidade. Por conseguinte, deveis aprender tudo o que se relaciona com esse processo — *aprender*, e não apenas ser instruído por este orador, pois isso nenhum valor tem. O que ouvis por meio do telefone pode ser agradável ou desagradável; pode ser real ou absurdo, completamente falso; mas o que ouvis é que é importante, e não o próprio aparelho. Em geral, damos importância ao instrumento. Pensamos que o instrumento

nos vai ensinar algo, e já vos tenho advertido freqüentemente a respeito desta particular forma de insensatez.

Aqui estais a fim de aprender, e escutais, não apenas o orador, mas a vós mesmos. Comungais com vossa própria mente, observando o funcionamento do desejo e como surge o problema. Estais entrando em intimidade com vós mesmos, e essa intimidade só pode ser sentida profundamente quando vos aplicais ao problema com toda a calma sem dizerdes: "Preciso liquidar esse problema infernal" — e sem vos sentirdes agitado ou excitado em relação a ele. Quereis averiguar como surge um problema e como o pensamento o perpetua, dando continuidade a um certo desejo. Vamos, pois, aprender como surge e como termina um problema — sem precisarmos de tempo para refletir sobre ele, mas pondo-lhe fim imediatamente.

Qualquer que seja o problema, o pensamento lhe dá continuidade. Se me dizeis algo que me agrada, o pensamento se identifica com esse prazer e nele deseja continuar a viver; por conseguinte, considero-vos meu amigo e visito-vos freqüentemente. Mas, se me dizeis algo insultuoso, que acontece? Dou também continuidade a esse sentimento, pensando nele. O que dissestes poderá ser verdadeiro, mas não me agrada e, por conseguinte, evito-vos ou desejo "dar-vos o troco". É esse o mecanismo que cria e mantém vivos os problemas.

Penso que agora está bastante claro. Pensando constantemente numa coisa, damos-lhe continuidade. Sabeis quantas coisas confusas pensais acerca de vós mesmo e de vossa família, quantas recordações agradáveis e quantas ilusões tendes a vosso respeito pensais constantemente em tudo isso e lhe dais, por conseguinte, continuidade. Ora bem, se começardes a compreender esse "processo", no seu todo, e a conhecer individualmente a natureza da continuidade, então, ao apresentar-se um problema, podereis entrar em perfeita comunhão com ele, porque então o pensamento não interfere; por conseguinte, termina logo o problema. Entendeis?

Consideremos um problema muito comum: o desejo de segurança. A maioria de nós quer estar em segurança — esta é uma das exigências humanas de origem animal. É óbvio que, no sentido físico, necessita-se de uma certa segurança. Precisamos de um lugar onde morar, e saber onde obter nossa próxima refeição — a não ser que vivamos no Oriente, onde se pode "brincar" com a insegurança física, andando de aldeia em aldeia, etc. Felizmente, ou infe-

lizmente, não se pode fazer isso aqui; quem o faz é preso por vadiagem, etc.

No animal, no bebê, na criança é muito forte a ânsia de segurança física. Mas a maioria quer estar em segurança psicologicamente; em tudo o que fazemos, pensamos e sentimos, queremos segurança, certeza. Por isso, há tanta competição entre nós; por isso, somos ciumentos, ávidos, invejosos, brutais e vivemos terrivelmente interessados em coisas insignificantes. Essa insistente exigência de segurança psicológica existe há milhões de anos, e nunca indagamos a verdade a seu respeito. Temos por assentado e certo que devemos ter segurança psicológica em nossas relações com a família, a mulher, o marido, os filhos, nossos haveres, com o que chamamos Deus. Queremos sentir-nos seguros a qualquer preço.

Ora, preciso pôr-me em comunhão com essa exigência de segurança psicológica, que é um problema real. Compreendeis? Se não nos sentimos seguros, psicologicamente, isso é para nós como perder-nos em águas profundas, ou tornar-nos neuróticos, *"esquisitos"*. Pode-se notar essa "esquisitice" na fisionomia de muitas pessoas. Eu desejo descobrir a verdade relativa a esta questão, compreender completamente a exigência de segurança; porque é o desejo de se estar seguro nas relações que gera o ciúme, a ansiedade, que faz nascer o ódio e a aflição em que vive a maioria de nós. E como pode a mente, que há milhões de anos exige segurança, que tão condicionada está, descobrir a verdade relativa à segurança? Para descobrir essa verdade, tenho, naturalmente, de estar em perfeita comunhão com ela. Não posso deixar-me instruir por outro a respeito dela — isso seria um absurdo. Eu próprio tenho de aprender o que é essa verdade. Cabe-me investigá-la, descobri-la; devo estar em perfeita intimidade com essa exigência de segurança, pois, de outro modo, nunca saberei se existe, ou não, essa coisa chamada segurança. Este é provavelmente o principal problema de cada um. Se descubro que não existe realmente segurança nenhuma, então não há problema algum, há? Já estou fora da batalha pela segurança e, por conseguinte, minha ação nas relações é toda diferente. Se minha mulher deseja abandonar-me, abandona-me e eu não fico, por isso, em situação dolorosa, não odeio ninguém, não me torno ciumento, invejoso, furioso, etc.

Vejo que prestais toda a atenção e folgo com isso! Estais muito mais familiarizados com essas coisas do que eu. Pessoalmente, não desejo fazer da segurança um problema; não desejo criar em minha vida *nenhum problema* — econômico, psicológico, ou religioso. Vejo

com clareza que a mente que tem problemas se torna embotada, insensível, e que só a que é sensível é inteligente. E, visto que esse clamor pela segurança persiste, profunda e perenemente, em cada um de nós, desejo descobrir a verdade relativa à segurança. Mas esta é uma questão muito difícil de investigar; porque, não só desde nossa infância, mas desde o começo dos tempos, sempre quisemos segurança — segurança em nosso trabalho, em nossos pensamentos e sentimentos, em nossas crenças e nossos deuses, em nossa nação, em nossa família, em nossos haveres. É por isso que a memória, a tradição, o *fundo* do passado, exercem tão importante papel em nossa vida.

Ora, toda experiência me torna mais forte a consciência de segurança. Toda experiência está sendo registrada na memória, acrescentada ao depósito de coisas passadas. Essa experiência acumulada se torna o meu fundo no decorrer de minha vida, fundo com o qual prossigo "experimentando"; por conseguinte, toda experiência nova vai acrescentar e reforçar esse fundo de memória, em que me sinto protegido, seguro. Entendeis? Portanto, preciso conscientizar-me de todo esse extraordinário processo de condicionamento. Não se trata de saber como ficar livre de meu condicionamento, porém, sim, de estar em comunhão com ele de instante em instante. Posso então olhar o desejo de segurança sem convertê-lo num problema.

Está tudo claro? Desejais fazer perguntas?

INTERROGANTE: *Não há comunhão porque a mente está sob a carga do "eu".*

KRISHNAMURTI: Senhor, vou perguntar-vos uma coisa: Que é *comunhão?* Ora, que acontece quando ouvis esta pergunta? Todo o mecanismo de vossa mente condicionada entra em função, e respondeis à pergunta; mas não a *escutastes* realmente. Pode ser e pode não ser que já tenhais refletido a esse respeito. Podeis ter pensado nisso ocasionalmente; ou talvez tenhais lido algo sobre o assunto neste ou naquele livro, e repetis o que lestes. Mas não estais *escutando*. Quando este orador diz: "Procurai estar em comunhão com uma árvore", é claro que — se tendes verdadeiro interesse — tereis primeiramente de descobrir o que isso significa. Ide sentar-vos debaixo de uma árvore, ou à beira do rio, ou à sombra de uma montanha, ou simplesmente olhai o rosto de vossa mulher, de vosso filho. Que significa "estar em comunhão"? Significa que não há

barreira de pensamento entre o observador e aquilo que está sendo observado. O observador não se está identificando com a árvore, com a pessoa, com o rio, com a montanha, com o céu. Não existe, simplesmente, barreira alguma. Se existe um "vós", com seus complexos pensamentos e ansiedades, a observar a árvore, não há então comunhão com a árvore. O estar em comunhão com alguém ou alguma coisa, exige *espaço*, silêncio; vosso corpo, vossos nervos, vossa mente, vosso coração, todo o vosso ser deve estar quieto, completamente sereno. Não digais "como posso tornar-me tranqüilo?". Não façais da tranqüilidade mais um problema. Vêde. simplesmente, que não há comunhão se está em função o mecanismo do pensamento — o que não significa pôr-se a dormir.

Provavelmente, nunca fizestes isto; nunca estivestes em comunhão com vossa mulher ou marido, com quem dormis, respirais, comeis, tendes filhos, etc. Provavelmente nunca estivestes sequer em comunhão com vós mesmo. Se sois católico, ides à igreja e recebeis o que se chama "comunhão"; mas não é disso que falo. Tais coisas são todas infantis.

Quando falamos de comunhão com a natureza, com as montanhas, entre nós, em geral não sabemos o que isso significa e procuramos imaginá-lo. Especulamos sobre a matéria, e dizemos que é o "eu" que está impedindo a comunhão. Por Deus, senhores, não façais da comunhão um novo problema. Já tendes problemas que chegam e, portanto, escutais simplesmente. Vós estais em comunhão comigo, e eu estou em comunhão convosco. Digo-vos alguma coisa, e, para a compreenderdes, tendes de escutar. Mas, *escutar* significa atenção sem esforço, com os nervos repousados; não significa "*Tenho* de escutar!" — e pôr-vos num estado de excitação, de tensão nervosa. Ou seja, escutar com agrado, naturalidade, em silêncio, para que possais descobrir o que o orador deseja transmitir. O que ele diz pode ser puro disparate, ou algo de real, e cabe-vos escutar, para o averiguardes; mas, isso parece constituir uma das vossas maiores dificuldades. Vós não escutais verdadeiramente; mentalmente, estais argumentando comigo, erguendo uma barreira de palavras.

Eu estou dizendo que o importante em tudo isso é aprender a estar em comunhão com vós próprio, de maneira agradável, feliz, de modo que possais seguir todos os pequenos movimentos de vosso pensamento e sentimento, assim como se segue o curso de um rio. Vede a atividade de cada pensamento e sentimento, sem procurar corrigi-lo, sem dizê-lo bom ou mau, sem nenhum desses

juízos simplórios, burgueses, da mente vulgar, insignificante. Observai apenas; e, no observar, sem vos identificardes com nenhum pensamento ou sentimento, agradável ou desagradável, vereis que podereis estar em comunhão com o vosso ser.

A maioria de nós deseja estar psicologicamente segura, disso fazemos questão, e, por essa razão, a família se torna um verdadeiro pesadelo; torna-se uma coisa terrível, porque dela fazemos nosso próprio meio de segurança. Em seguida, torna-se também a nação a nossa segurança e nos deixamos empolgar pelas inanidades do nacionalismo. A família tem sua razão de ser, mas, quando nos serve como meio de segurança, é veneno mortal.

Para descobrir a verdade relativa à segurança, deveis estar em comunhão com o desejo de vos sentir seguros, profundamente arraigado em nós e que constantemente se manifesta sob diferentes formas. Busca-se a segurança, não só na família, mas também em lembranças e na dominação ou influência de outro. Recorreis à lembrança de alguma experiência ou relação que vos foi grata, que vos deu esperança, conforto, e nessa lembrança buscais abrigo. Há a segurança proporcionada pelo talento e o saber, a segurança dada pelo nome e a posição. E há a segurança proveniente de uma capacidade: sabeis pintar, ou tocar violino, ou executar outra coisa qualquer, que vos faz sentirdes seguros.

Pois bem; uma vez estejais em comunhão com o desejo que vos impele a buscar a segurança, percebendo ser esse desejo o criador da contradição (já que nada ou ninguém neste mundo pode estar em segurança); desde que o descubrais individualmente, e não mediante instrução de outrem, e após a solução do problema, ver-vos-ei fora do campo da contradição e, portanto, livre do medo.

Não sei se alguma vez ficais em íntimo recolhimento. Nesse estado de silêncio interior, quando caminhais pela rua, vossa mente está completamente serena, observando e escutando, sem pensamento. Conduzindo vosso carro, olhais a estrada, as árvores, os outros carros que passam — observais, apenas, sem reconhecimento. sem nenhuma interferência do mecanismo do pensar. Quanto mais funciona esse mecanismo, tanto mais a mente se gasta: nenhum espaço fica para a simplicidade, e só a mente simples, sã, pode perceber a Realidade.

16 de julho de 1964.

MUDANÇA E MUTAÇÃO

(4)

Há, a meu ver, vasta diferença entre *mudança* e *mutação*. A mera mudança não conduz a parte alguma. Uma pessoa pode tornar-se superficialmente adaptável, muito hábil no ajustar-se aos diferentes ambientes e circunstâncias sociais, e existem várias formas de pressão interior e exterior; mas a mutação requer um estado mental bem diferente. Nesta manhã desejo salientar a diferença entre estas duas coisas.

Mudança é alteração, reforma, substituição de uma coisa por outra. Mudança implica ato de vontade, consciente ou inconsciente. E, considerando-se a confusão, a miséria, a opressão, a extrema aflição existente em toda a Ásia subdesenvolvida, torna-se evidente a necessidade de uma mudança radical, revolucionária. Há necessidade, não só de mudança física ou econômica, mas também de mudança psicológica — mudança em todos os níveis de nosso ser, exteriores e intèriores, a fim de se proporcionar uma melhor existência ao homem. Isso é óbvio, e até os mais extremados conservadores o admitirão. Mas, ainda que o reconheçamos, em regra não consideramos profundamente a questão da mudança e tudo o que ela encerra. Qualquer ajustamento, substituição, reforma, é de ação profunda, ou consiste meramente num polimento superficial, numa "limpeza", na moralidade das relações humanas? Penso que devemos compreender plenamente o que está implicado nesse processo de mudança, antes de examinarmos o que considero mutação.

A mudança, embora necessária, me parece sempre superficial. Entendo por *mudança* todo movimento operado pelo desejo ou pela vontade, toda iniciativa concentrada numa dada direção, visante a uma certa atitude ou ação bem definida. Toda mudança, evidentemente, tem atrás de si um *motivo*. Esse motivo pode ser pessoal ou coletivo, manifesto ou remoto; pode ser um *motivo* bondoso, gene-

roso, ou um *motivo* de medo, desespero; mas qualquer que seja a natureza ou o nível do motivo, a iniciativa ou movimento resultante desse motivo produz uma certa mudança. Isso me parece claro. Em geral somos suscetíveis, individual e coletivamente, de modificar nossas atitudes, sob influência, pressão, e também quando aparece alguma invenção nova que direta ou indiretamente influi em nossa vida. Podemos ser levados a mudar nossos pensamentos, orientá-los em diferente direção, por um artigo de jornal ou pela propaganda que se faz de uma idéia. A religião organizada empenha-se em educar-nos, desde a infância, numa certa forma de crença, condicionando-nos assim a mente, e, pelo resto da vida, toda mudança que operamos fica dentro dos limites "modificados" dessa crença.

Assim, são raros os que mudam, a não ser com um *motivo*. O motivo poderá ser altruísta ou interesseiro, limitado ou amplo; poderá ser o medo de perder uma recompensa, ou de não atingir um certo e prometido estado para o futuro. O indivíduo se sacrifica à coletividade, ao Estado, a uma ideologia, ou a determinada forma de crença em Deus. Tudo isso implica uma certa mudança, consciente ou inconscientemente produzida.

Pois bem; a chamada mudança é uma "continuidade modificada" do que já existia, e nessa suposta mudança nos tornamos muito hábeis. Estamos constantemente fazendo novas descobertas na Física, na Ciência, na Matemática, inventando coisas novas, preparando-nos para ir à Lua, etc. etc.

Em certos aspectos tornamo-nos extraordinariamente "sabidos", bem informados; e essa espécie de mudança envolve capacidade de ajustamento ao novo ambiente, às novas pressões que ela cria. Mas, basta isso? Pode-se perceber tudo o que determina essa superficial modalidade de mudança. Entretanto, sabemos, interiormente, profundamente, ser necessária uma mudança radical — mudança não produzida por nenhum motivo ou como resultado de pressão. Percebemos a necessidade de mutação na própria raiz da mente, pois, sem ela, somos apenas uma horda de macacos habilíssimos e dotados de extraordinárias aptidões — e não autênticos entes humanos.

Percebendo-se isso, profundamente, em nós mesmos, que cumpre fazer? Vemos que se necessita de uma mudança revolucionária, de completa mutação na raiz mesma de nosso ser, porque, do contrário, nossos problemas, tanto econômicos como sociais, irão crescendo inevitavelmente, e se tornando cada vez mais críticos. Necessita-se de uma mente nova, fresca — e, para a termos, deve

operar-se, na totalidade de nossa consciência, uma mutação não produzida por ato de vontade e, portanto, sem *motivo*.

Não sei se me estou expressando claramente.

Percebendo a necessidade de mudança, pode uma pessoa exercer a vontade, a fim de produzi-la — sendo "vontade" o desejo fortalecido, em dada direção, pela determinação e posto em movimento pelo pensamento, pelo medo, pela revolta. Mas toda mudança dessa ordem — mudança produzida pela ação do desejo, da vontade — é sempre limitada. É uma "continuidade modificada" do que *era* antes, como se pode ver pelo que está ocorrendo no mundo comunista, e também nos países capitalistas. Necessita-se, pois, de uma revolução extraordinária, de revolução psicológica no ente humano, no próprio homem; mas, se ele tem um alvo, se sua revolução é planejada, está ainda dentro dos limites do "conhecido" e, por conseguinte, não constitui mudança nenhuma.

Eu posso mudar, posso forçar-me a pensar de outro modo, a adotar um diferente sistema de crenças; posso suprimir um dado hábito, livrar-me do nacionalismo, reformar meu raciocínio, fazer eu próprio a "lavagem" de meu cérebro, em vez de deixá-la para ser feita por um partido [1] ou igreja. Tais mudanças são muito fáceis de operar em mim mesmo; mas percebo sua total inutilidade, porquanto são superficiais e não conduzem à compreensão profunda que deve orientar-nos na vida. Assim, que fazer?

Compreendeis minha pergunta? Acho que fui claro.

Se faço um esforço para mudar, esse esforço tem *motivo*, significando isso que o desejo inicia um movimento em certa direção. Aí está em ação a vontade, e, por conseguinte, qualquer mudança que seja produzida é uma simples modificação — não é uma mudança real, absolutamente.

Vejo claramente que preciso mudar, e que essa mudança deve ocorrer sem esforço. Todo esforço para mudar anula-se a si próprio, uma vez que supõe a ação do desejo, da vontade, em conformidade com um padrão, uma fórmula, um conceito preestabelecido. Assim sendo, que fazer?

Não sei se sentis como eu a relevância desta questão — o quanto ela nos interessa, não só no sentido intelectual, mas, principalmente, como um fator essencial em nossa vida. Há milhões de

---

(1) Alusão a métodos coercitivos de 'lavagem cerebral' (brain-washing) com o emprego de drogas e certos processos psicológicos (N. do T.).

anos vem o homem fazendo um esforço incessante para mudar, entretanto continua envolto em aflições, desespero, medo, só tendo raros e fugidios clarões de alegria e deleite. E como pode essa entidade, que há tanto tempo vem sendo fortemente condicionada, alijar sua carga sem nenhum esforço? Esta a pergunta que estamos fazendo a nós mesmos. Mas, "o lançar fora a carga" não deve tornar-se mais um problema; porque, como antes indiquei, problema é algo que não compreendemos, algo que não temos capacidade para examinar até o fim e liquidar de uma vez.

Para se produzir essa mutação — "produzir", não, esta é uma expressão errônea; a mutação é uma necessidade e tem de *verificar-se agora*. Introduzindo-se o tempo como fator de mutação, o tempo cria o problema. Não há amanhã, não há tempo nenhum em que eu irei *mudar* — sendo o tempo pensamento. Isso tem de acontecer agora ou nunca. Compreendeis?

Percebo a necessidade dessa mudança radical em mim, ente humano, parte integrante da humanidade; e percebo, também, que o tempo, que é pensamento, não deve representar nisso um fator. O pensamento não deve representar nisso um fator. O pensamento não pode resolver este problema. Venho exercendo o pensamento há milhares de anos e, no entanto, não mudei. Continuo com meus hábitos, minha avidez, minha inveja, meus temores, e me vejo ainda todo enredado no padrão de competição da existência. Foi o pensamento que criou o padrão; e o pensamento não pode, em circunstância alguma, alterar esse padrão sem criar outro padrão — sendo o pensamento tempo. Portanto, não posso contar com o pensamento, com o tempo, para operar a mutação, a mudança radical. Não pode haver exercício da vontade, e não se pode deixar o pensamento orientar a mudança.

Que me resta, então? Vejo que o desejo, que é vontade, não pode operar em mim uma verdadeira mutação. O homem vem trabalhando nisso há séculos e nele não se produziu nenhuma mudança fundamental. Tem-se servido, também, do pensamento para produzir mudança em si próprio — pensamento como tempo, pensamento como amanhã, com todas as suas exigências, invenções, pressões, influências — e, como vemos, ainda não houve nenhuma transformação radical. Que fazer, pois?

Ora, uma vez compreendida, em seu todo, a estrutura e o movimento da vontade, esta deixa de atuar; e, percebendo-se que o emprego do pensamento, do tempo, como instrumento de mudança, não passa de mero adiamento, termina então o processo do

pensar. Mas, que queremos exprimir ao dizer que percebemos ou compreendemos uma coisa? A compreensão é meramente intelectual, verbal, ou significa que se está vendo uma coisa como *fato*? Posso dizer que "compreendo" — mas a palavra não é a coisa real. A compreensão intelectual de um problema não é a solução desse problema. Ao compreendermos uma coisa apenas verbalmente (e isso é o que chamamos compreensão intelectual), a palavra importa muito; mas, havendo verdadeira compreensão, ela perde toda a importância, sendo então simples meio de comunicação. Há contato direto com a realidade, o fato. Se percebemos como um fato a futilidade da vontade, e também a futilidade do pensamento, ou do tempo, no produzir essa radical transformação, então a mente (que rejeitou toda a estrutura da vontade e do pensamento) nenhum instrumento tem com que iniciar a ação.

Bem, até agora vós e eu temos estado em *comunicação,* e talvez tenhamos também estabelecido entre nós uma certa *comunhão*. Mas, antes de prosseguirmos, considero importante compreender o que entendemos por *comunhão*. Se alguma vez andastes entre as árvores de uma floresta, ou pela margem de um rio, e *sentistes* a quietude, tivestes o sentimento de estar vivendo completamente com todas as coisas, com as pedras, com as flores, com o rio, com as árvores, com o céu — sabereis então o que é *comunhão*. O "eu" — com seus pensamentos, suas ânsias, seus prazeres, lembranças, desesperos — cessou completamente. Não existis como observador separado da coisa observada; há só aquele estado de completa comunhão. E espero que seja esta a comunhão aqui estabelecida entre nós. Ela não é um estado hipnótico; o orador não vos está hipnotizando, para pôr-vos nesse estado. Explicou certas coisas com todo o cuidado. Mas há algo mais, que não pode ser explicado verbalmente. Até um certo ponto podeis ser informados pelas palavras do orador, mas ao mesmo tempo cumpre ter em mente que a palavra não é a coisa, e que ela não deve interferir na direta percepção do fato. Quando comungais com uma árvore — se alguma vez o fazeis — vossa mente não está ocupada com a espécie dessa árvore, ou a respeito de sua utilidade ou não utilidade. Estais em comunhão direta com a árvore. Analogamente, deve-se estabelecer esse estado de comunhão entre vós e o orador, porque vamos passar agora a um assunto dos mais difíceis de tratar verbalmente.

Como disse, a ação da vontade, e a ação do pensamento como tempo, e o movimento que é iniciado por influência ou pressão de qualquer natureza, cessaram de todo. A mente, por conseguinte,

que de fato observou e compreendeu tudo isso, está completamente quieta. Ela não é a iniciadora de qualquer movimento, consciente ou inconsciente. E isso, também, é algo que precisa ser considerado, antes de podermos ir um pouco mais longe.

Conscientemente, podereis não desejar atuar em nenhuma direção determinada, porque já observastes a futilidade de toda espécie de mudança calculada, da mudança promovida pelo comunista ou pelo mais reacionário conservador. Vedes quanto tudo isso é fútil. Mas, interiormente, inconscientemente, há o tremendo peso do passado a impelir-vos numa certa direção. Estais condicionado como europeu, como cristão, como cientista, como matemático, como artista, como técnico; e há a milenar tradição (muito zelosamente explorada pela igreja) que instilou no inconsciente certas crenças e dogmas. Podeis, conscientemente, rejeitar tudo isso, mas, inconscientemente, o seu peso continua existente. Sois ainda cristãos, inglês, alemão, francês; sois ainda movido pelos interesses nacionais, econômicos, familiais, e pelas tradições da raça a que pertenceis; e, quando se trata de raça antiquíssima, mais profunda ainda é sua influência.

Ora, como eliminar tudo isso? Como purificar o inconsciente, imediatamente, do passado? Crêem os analistas que o inconsciente pode ser expurgado, em parte ou no todo, por meio da análise — mediante investigação, exploração, a confissão, a interpretação dos sonhos, etc. — de modo que qualquer um pode tornar-se pelo menos um ente humano "normal", capaz de ajustar-se ao atual ambiente. Mas, na análise, há sempre o analista e a coisa analisada, um observador a interpretar a coisa observada — e isso representa uma dualidade, fonte de conflito.

Vejo, pois, que a mera análise do inconsciente a nenhuma parte conduz. Poderá ajudar-me a ser menos neurótico, mais amável com minha mulher, meu próximo — ou outra superficialidade semelhante; mas não é disso que estamos falando. Percebo que o processo analítico (que implica tempo, interpretação, movimento do pensamento que analisa, como observador, a coisa observada) não pode libertar o inconsciente; por conseguinte, rejeito completamente o processo analítico. Assim que percebo esse fato, que a análise não pode, em circunstância nenhuma, afastar o fardo do inconsciente, estou fora da análise. Já não analiso. Assim, que aconteceu? Não havendo analista separado da coisa analisada, o próprio analista é

essa coisa. Não é uma entidade à parte. Descobre-se, então, que o inconsciente é de pouca importância. Percebeis?

Estive mostrando quanto é trivial o consciente, com suas atividades superficiais, sua perene tagarelice, etc.; e o inconsciente é também trivial. O inconsciente, como o consciente, só se torna importante quando o pensamento lhe dá continuidade. O pensamento tem seu lugar próprio, sua utilidade em assuntos técnicos, etc., mas o pensamento é de todo em todo fútil, quando se trata de operar aquela radical transformação. Se percebo ser o pensamento que *dá continuidade* ao pensador, termina essa continuidade.

Espero estejais seguindo o que estou dizendo, que requer muita atenção.

O consciente, ou o inconsciente, pouco significam. Eles só se tornam importantes quando o pensamento lhe dá continuidade. Ao perceberdes a verdade de que todo o "processo do pensar" é uma reação do passado e não pode, de modo nenhum, atender à enorme necessidade de mutação, então, tanto o consciente como o inconsciente perdem toda a importância, e a mente deixa de ser influenciada ou impelida por qualquer dos dois. Por conseguinte, já nenhuma iniciativa toma; fica completamente quieta, tranqüila, silenciosa. Embora ciente da necessidade de mutação, revolução, de completa e radical transformação de nosso ser, a mente nenhum movimento inicia, em qualquer sentido; e, nesse total percebimento, nesse silêncio completo, opera-se a mutação. A mutação, pois, só pode verificar-se de uma maneira não "diretiva", isto é, quando a mente nenhum movimento inicia e, por conseguinte, permanece inteiramente tranqüila. Nessa tranqüilidade há mutação, porque a raiz de nosso ser, ficando *exposta,* estiola-se. Esta é a única revolução real (e não a revolução econômica ou social) e não pode ser feita pela vontade ou pelo pensamento. Só naquele estado de mutação, pode-se perceber o imensurável, algo de supremo, acima de toda tecnologia e todo reconhecimento.

Espero não tenhais adormecido! Quereis fazer perguntas?

PERGUNTA: *Até onde tenho experimentado, o pensamento me condena ao isolamento, porquanto me impede a comunhão com as coisas que me cercam, e também de penetrar as raízes de meu ser. Por conseguinte, pergunto: Porque pensam os entes humanos? Qual a função do pensamento? E porque tanto exageramos a importância do pensar?*

KRISHNAMURTI: Supus que isso já tivesse ficado para trás. Está bem, senhor, vou explicar.

Escutar meramente uma explicação não é *ver* o fato, e não podemos estar em comunhão por meio de uma explicação, a menos que ambos vejamos o fato e não o toquemos, isto é, nos abstenhamos de nele interferir. Então, estamos também em comunhão com o fato. Mas, se interpretais o fato de uma maneira e eu o interpreto diferentemente, não estamos em comunhão nem com o fato nem entre nós.

Ora, como surge o pensamento — o pensamento que *isola*, que não dá amor, o único meio de comunhão? E, como pode terminar esse pensamento? O pensamento — todo o mecanismo do pensamento tem de ser compreendido, e essa própria compreensão é o seu fim. Examinemos isso.

Surge o pensamento, como reação, quando há um "desafio". Se nenhum desafio houvesse, vós não pensaríeis. O desafio pode ter a forma de uma pergunta, trivial ou importante, e conforme a pergunta "respondemos". No intervalo de tempo entre a pergunta e a resposta, começa o processo de pensamento, não é verdade? Se me perguntais alguma coisa com que estou bem familiarizado, minha resposta é imediata. Se me perguntais onde moro, por exemplo, não há intervaldo de tempo, porque não tenho de pensar nisso, e imediatamente respondo. Mas, se vossa pergunta é mais complexa, há um intervalo (durante o qual fico rebuscando na memória) entre vossa pergunta e minha resposta. Podeis perguntar-me qual a distância entre a Terra e a Lua, e eu digo: "Será que sei alguma coisa a este respeito? Ah! sei . . ." — e, então, respondo. Entre vossa pergunta e minha resposta há um intervalo de tempo, durante o qual a memória se põe em funcionamento, fornecendo, por fim, a resposta. Assim, quando sou "desafiado", minha "resposta" pode ser imediata ou pode necessitar de algum tempo. Se me perguntais algo a cujo respeito nada sei, o intervalo é muito mais longo. Digo: "Não sei, mas vou verificar"; e, não encontrando a resposta entre as coisas guardadas na memória, apelo para alguém, a fim de obter a informação, ou procuro-a num livro. Também aqui, durante esse longo intervalo, o "processo de pensamento" está em função. Essas três fases nos são bem familiares.

Pois bem; há uma quarta fase que talvez desconheçais ou nunca tenhais encadeado às outras, e que é a seguinte: Vós me fazeis uma pergunta, e eu realmente não sei a resposta. Minha memória não tem registro dela, e eu não estou contando que outra pessoa

me dê a resposta. Não tenho resposta nenhuma, e nenhuma expectativa. Com efeito, *eu não sei*. Não há intervalo de tempo e, por conseguinte, não há pensamento, porque a mente não está à procura de nada, nem esperando nada. Este estado é, com efeito, uma negação completa, um estado livre de todas as coisas que a mente tem conhecido. E só então o novo pode ser compreendido — sendo o novo o Supremo, ou outra qualquer palavra que preferirdes. Nesse estado, cessou todo o processo do pensamento; não há observador nem coisa observada, não há experimentador nem coisa experimentada. Toda experiência cessou, e nesse silêncio total há completa mutação.

19 de julho de 1964.

A COMPREENSÃO DO MEDO

(5)

Se me é permitido, desejo falar nesta manhã sobre um assunto que me parece muito importante. Não se trata de nenhuma idéia, conceito, ou fórmula para ser posta em prática, porque conceitos, fórmulas, idéias, impedem efetivamente a compreensão dos fatos tais como são. Por "compreender um fato" entendo observar uma atividade, um movimento de pensamento ou de sentimento, e perceber o seu significado no momento da ação. A percepção de um fato, tal como é, deve verificar-se no momento da própria ação; e, se não compreendermos profundamente os fatos, estaremos sempre sendo perseguidos pelo medo.

Penso que quase todos levamos essa enorme carga de medo, consciente ou inconsciente. E, nesta manhã, desejo examinar este problema convosco, para ver se podemos despertar uma compreensão total do medo e causar, assim, sua completa dissolução, de modo que, ao sairmos daqui, estejamos verdadeira e efetivamente livres do medo. Assim sendo, permiti-me sugerir-vos que escuteis tranqüilamente, sem estardes argumentando interiormente comigo. Iremos argumentar, permutar palavras, verbalizar nossos pensamentos e sentimentos dentro em pouco. Mas, por ora, fiquemos escutando, em certo sentido, negativamente, isto é, com total neutralidade no ato de escutar. Escutai, apenas. Eu vos estou comunicando alguma coisa — vós nada me comunicais. Para compreenderdes o que desejo transmitir-vos, deveis *escutar* — e no próprio ato de escutar tereis a possibilidade de comungar com o orador.

Infelizmente, a maioria de nós é incapaz desse escutar negativo, silencioso, não só aqui, mas também em vossa existência de cada dia. Quando saímos a passeio, não ouvimos os pássaros, o ciciar das árvores, o murmúrio do rio; não *escutamos* as montanhas,

nem os céus distantes. Para estardes em comunhão direta com a natureza e com outras pessoas, deveis *escutar*; e só podeis escutar quando estais negativamente silencioso — isto é, escutando sem esforço, sem atividade mental, sem verbalizar, argumentar, discutir.

Não sei se já alguma vez experimentastes *escutar* de maneira completa vossa esposa ou marido, vossos filhos, o carro que passa, o movimento dos próprios pensamentos e sentimentos. Nesse escutar nenhuma ação existe, nenhuma intenção, nenhuma interpretação; e esse ato de escutar produz uma grande revolução na raiz mesma da mente.

Mas, em geral, não estamos acostumados a escutar. Se escutamos algo contrário ao nosso pensar habitual, ou se é atacado um dos nossos ideais favoritos, ficamos terrivelmente agitados. Temos "interesses adquiridos" em certas idéias e ideais, assim como os temos em propriedades e em nossa própria existência e conhecimentos, e quando vemos ser impugnada qualquer dessas coisas, perdemos o equilíbrio, a serenidade, resistimos a tudo o que se diz.

Ora, se desejais realmente escutar, esta manhã, o que se está dizendo, escutar sem percebimento vigilante e sem escolha, cumpre seguir o orador, não verbalmente — isto é, sem análise discursiva — e, por conseguinte, vos moveis em harmonia com o significado transcendente da palavra. Isso não equivale a pôr-se a dormir, ou encontrar-se num estado beatífico de sentimentalidade, grato ao "eu". Pelo contrário, o escutar exige plena atenção — que não é concentração. Estas duas coisas são totalmente diferentes. Se escutais atentamente, talvez possamos — vós e eu — alcançar aquelas grandes profundezas onde se encontra a criação. E isso, sem dúvida nenhuma, é essencial; porque a mente superficial, ansiosa, sempre ocupada com múltiplos problemas, não pode compreender o medo, uma das coisas fundamentais da vida. Se não compreendemos o medo, não haverá nenhum amor, não existirá criação — não o ato de criar, porém aquele estado de criação eterna, o qual não pode ser expresso em palavras, quadros, livros.

Assim, temos de estar livres do medo. O medo não é uma abstração, uma simples palavra — embora para a maioria de nós a palavra se tenha tornado mais importante do que o fato. Não sei se já pensastes em libertar-vos total e completamente do temor. Isso pode ser feito de maneira tão completa que não haverá mais "sombra" de medo, porque a mente estará sempre à dianteira do fato. Isto é, em vez de preocupar-se com o medo e tentar vencê-lo

depois de manifestar-se, a mente está à sua dianteira, e por conseguinte livre dele.

Para compreender o medo, cumpre examinar a questão da comparação. Porque comparamos? Em matéria técnica, a comparação revela progresso, que é coisa relativa. Há cinqüenta anos, não havia bomba atômica, não havia aviões supersônicos, mas agora temos essas coisas; e daqui a mais cinqüenta anos teremos outras que atualmente não temos. Isso se chama progresso, o qual é sempre comparativo, relativo, e nossa mente está enredada nessa maneira de pensar. Não apenas "por fora", por assim dizer, mas também "por dentro", na estrutura psicológica de nosso ser, pensamos comparativamente. Dizemos "sou *isto,* fui *aquilo* e serei *diferente* no futuro". A esse pensar comparativo chamamos progresso, evolução, e todo o nosso comportamento — moral, ético, religioso, nas relações profissionais e sociais — nele se baseia. Observamo-nos comparativamente em relação a uma sociedade que é o produto dessa mesma luta comparativa.

Ora, a comparação gera medo. Observai este fato em vós mesmo. Desejo ser melhor escritor, ou pessoa mais bela e inteligente. Desejo possuir mais saber do que outrem; desejo ter muito êxito, tornar-me pessoa importante, ter mais fama no mundo. O sucesso e a fama são, psicologicamente, a vera essência da comparação, com a qual estamos constantemente criando medo. E a comparação dá também nascimento ao conflito, à luta — que se considera coisa muito respeitável. No vosso sentir, deveis estar em competição, para poderdes subsistir neste mundo, e assim comparais e competis nos negócios, na família, nos chamados assuntos religiosos. Precisais de alcançar o céu, para vos sentardes ao lado de Jesus — ou quem quer que seja vosso particular Salvador. O espírito de comparação se reflete no vigário — que quer tornar-se arcebispo, cardeal e, por fim, papa. Esse mesmo espírito nós outros cultivamos diligentemente durante a nossa vida, lutando para nos tornarmos melhores ou para alcançarmos posição mais alta do que outro. Nossa estrutura social e moral nisso se baseia.

Há, pois, em nossa vida, esse constante estado de comparação, competição, e a perene luta para sermos *alguém* — ou para sermos *ninguém,* o que vem a dar no mesmo. Isso, suponho, é a raiz de todo o medo, porquanto produz inveja, ciúme, rancores. Onde está o rancor, aí evidentemente não está o amor, e gera-se medo e mais medo.

Como disse, ficai só escutando. Não pergunteis: Como posso deixar de comparar? Que devo fazer para consegui-lo? — Nada podeis fazer para acabar a comparação. Se fizésseis alguma coisa, o vosso *motivo* seria também oriundo da comparação. O que podeis fazer é apenas perceber que essa coisa complexa chamada nossa existência é uma luta "comparativa", e que se tentais atuar contra ela, se tentais alterá-la, de novo vos vedes apoderado do espírito comparativo, "competitivo". O importante é escutar sem nada desfigurar; e desfiguramos o que estamos escutando ao desejarmos fazer algo a seu respeito.

Estamos, pois, vendo as implicações e o significado dessa avaliação comparativa da vida, e a ilusão de pensar que a comparação produz compreensão — comparação das obras de dois pintores ou de dois escritores; comparação de si próprio com outro menos inteligente, menos eficiente, mais belo, etc., etc. E pode-se viver neste mundo, tanto exterior como interiormente, sem comparar? Percebem o estado da mente que está sempre comparando — reconhecê-lo como fato e "deixar-se ficar" com esse fato — isso exige muita atenção. Essa atenção produz sua disciplina própria, a qual é extremamente flexível; não tem padrão, não é compulsiva, não é ato de controlar, subjugar, negar, na esperança de melhor compreender a questão do medo.

Essa atitude perante a vida, baseada na comparação, é um dos principais fatores de deterioração da mente, não achais? Deterioração da mente supõe embotamento, insensibilidade, declínio, e, portanto, completa falta de inteligência. O corpo se deteriora a pouco e pouco, porque vamos envelhecendo; mas a mente também se está deteriorando, e a causa desta deterioração é a comparação, o conflito, o esforço "competitivo". A mente semelha um motor a funcionar com excesso de atrito: não pode funcionar adequadamente, e durante o seu funcionamento deteriora-se com rapidez.

Como vimos, a comparação, o conflito, a competição, não só danificam, mas também causam medo; e onde há medo, há obscuridade, e não existe afeição, compreensão, amor.

Pois bem, que é o medo? Alguma vez já vos vistes frente a frente com o medo, ou apenas com a idéia do medo? Há diferença entre as duas coisas, não? O fato real — o medo — e a idéia do medo são duas coisas totalmente diferentes. Em geral achamo-nos enredados na idéia do medo, numa opinião, num juízo, numa avaliação do medo, e nunca nos achamos em contato com o fato real

— o temor em si. Isso precisa ser ampla e profundamente compreendido.

Tenho medo, por exemplo, de serpentes. Vi um dia uma serpente que me atemorizou, e essa experiência me permaneceu na mente como memória. Quando à noite saio a passeio, essa lembrança entra em função e já vou com medo de encontrar uma serpente; assim a *idéia* do medo se tornou mais vital, mais potente do que o próprio fato. Que significa isso? Que nunca estamos em contato com o medo, porém apenas com a idéia do medo. Observai esse fato em vós mesmo. E a idéia não pode ser afastada artificialmente. Podeis dizer: "Tentarei enfrentar o temor sem a idéia"; mas isso não é possível. Agora, se percebeis realmente que a memória e a "ideação" [1] vos impedem de comungar com o fato — o fato do medo, do ciúme, o fato da morte — então se estabelecerá uma relação completamente diferente entre vós e a realidade.

Para a maioria de nós, a idéia é bem mais importante do que a ação. Nunca agimos completamente. Estamos sempre limitando a ação com a idéia, ajustando ou interpretando a ação de acordo com uma fórmula, um conceito e, por conseguinte, não há ação nenhuma — ou, antes, a ação é tão incompleta que cria problemas. Mas, uma vez compreendido esse fato extraordinário, a ação se torna coisa sumamente vital, porquanto já não se ajusta a uma idéia.

O medo não é uma abstração; está sempre em relação com alguma coisa. Tenho medo da morte, medo da opinião pública, medo de não me tornar benquisto, popular, medo de nada realizar, etc. A palavra "medo" não é o fato, é apenas um símbolo que o representa, e para a maioria de nós o símbolo, no sentido religioso ou em outro qualquer, é mais importante do que o próprio fato. Ora, pode a mente libertar-se da palavra, do símbolo, da idéia, e observar a realidade, a coisa existente, sem interpretação, sem dizer: "Preciso olhá-la" — sem ter nenhuma idéia sobre ela? Se encaramos o fato, a realidade, com uma opinião a seu respeito, estamos apenas a entreter-nos com idéias, não é verdade? Portanto, isto é algo que muito importa compreender: que, quando olho um fato através de uma idéia, não há comunhão nenhuma com o fato. Se quero estar em comunhão com o fato, então a idéia deve desa-

---

(1) Ideation: Faculdade da mente de formar e conservar idéias (Cf. Dicionário Webster Collegiate). (N. do T.)

parecer completamente. Pois bem, prossigamos desse ponto, para ver aonde nos leva.

Há o fato de que temeis a morte, temeis o que alguém dirá, temeis dúzias de coisas. Ora, quando já não estais olhando esse fato através de uma idéia, de uma conclusão, de um conceito, através da memória, que acontece realmente? Em primeiro lugar, não há separação entre o observador e a coisa observada, o "eu" não está separado dessa coisa. A causa da separação foi eliminada e, por conseguinte, achais-vos em direta relação com o que chamais medo. O "eu" com suas opiniões, idéias, juízos, avaliações, conceitos, memórias — tudo isso está ausente, e só há *aquela coisa.*

O que estamos fazendo é difícil, não é um simples entretenimento matinal. Eu *sinto* que é possível uma pessoa sair deste pavilhão, nesta manhã, profunda e completamente livre do medo; e, então, essa pessoa é um verdadeiro ente humano.

Estais, pois, agora, frente a frente com o fato: a sensação ou apreensão que chamais "medo" e que foi produzida por uma idéia. Tendes medo da morte (estou tomando isso apenas para exemplo). Ordinariamente, considerais a morte uma simples idéia; não é um fato. O fato só se vos apresenta quando estais morrendo. Sabeis da morte de outras pessoas, e a compreensão de que também vós tendes de morrer se torna uma idéia geradora de medo. Olhais o fato através da idéia, a qual vos impede o contato direto com o fato. Há um intervalo entre o observador e a coisa observada. É nesse intervalo que surge o pensamento — sendo "pensamento" a ideação, a verbalização, a memória que oferece resistência ao fato. Mas quando esse intervalo não existe, isto é, quando ausente o pensamento, que é tempo, estais diante do fato; e então o fato atua sobre vós — vós não atuais sobre o fato.

Espero estejais compreendendo tudo. É isso demais para uma manhã de calor?

Eu *sinto* que o viver com medo, de *qualquer espécie* que ele seja, é — se posso empregar o termo — coisa má. Viver com medo é coisa má, porque gera ódio, desfigura o pensar e perverte toda a vossa vida. Portanto, é absolutamente necessário que o homem religioso seja completamente livre de medo, tanto exterior como interiormente. Não me refiro à reação espontânea do corpo físico, para proteger-se, que é natural. É normal, ao verdes uma serpente, saltardes para longe dela — o que é apenas um instinto físico autoprotetório, e seria anormal não terdes tal reação. Mas o desejo de

se estar em segurança, interiormente, psicologicamente, em qualquer nível do próprio ser, gera medo. Podemos ver em toda a parte os efeitos do medo e compreender, assim, quanto é importante que a mente não seja, em tempo algum, um "terreno de cultura" do temor.

Se bem escutastes o que aqui se disse nesta manhã, tereis visto que o medo nunca se acha no presente, porém sempre no futuro; ele é provocado pelo pensamento, pelo pensar no que poderá acontecer amanhã ou daqui a um minuto. Assim, o medo, o pensamento e o tempo são companheiros; e, para se compreender e transcender o medo, é necessária a compreensão do pensamento e do tempo. Todo pensar comparativo deve cessar; toda idéia de esforço — que envolve competição, ambição, adoração do êxito, luta por tornar-se *alguém* — deve findar. E, uma vez compreendido todo esse processo, não há conflito nenhum, há? Por conseguinte, a mente já não se acha num estado de deterioração, porquanto é capaz de enfrentar o medo e não propicia o seu aparecimento. Ora, esse estado livre do medo é absolutamente necessário, para que se possa compreender o que é criação.

Em regra, a vida é para nós entediante rotina, e nela não encontramos nada novo. Toda coisa nova que ocorre, logo a transformamos em rotina. Alguém pinta um quadro, que passa a ser novidade, mas logo depois deixa de sê-lo. O prazer, a dor, o esforço — tudo se torna rotina, tédio, luta perene e pouco significativa. Estamos sempre a buscar algo novo — o novo em filmes, o novo em quadros. Queremos sentir e expressar coisas novas, diferentes, não traduzíveis de imediato em termos do "velho". Esperamos encontrar um certo truque, ou técnica engenhosa mediante a qual possamos expressar-nos e sentir-nos satisfeitos; mas, também isso acaba-se tornando uma terrível importunação, uma coisa feia, que temos vontade de destruir. Achamo-nos, pois, num constante estado de reconhecimento. Toda coisa nova é imediatamente reconhecida e, assim, absorvida pelo "velho". O processo de reconhecimento é, para a maioria de nós, de excepcional importância, visto que o pensamento está sempre funcionando dentro do campo do conhecido.

No momento em que se reconhece uma coisa, ela deixa de ser nova. Compreendeis? Nossa educação, nossa experiência, nosso viver diário — tudo isso é processo de reconhecimento, de constante repetição, e confere continuidade à nossa existência. Com a mente presa nesse processo, perguntamos se existe algo novo;

queremos averiguar se há ou não há Deus. Partindo do conhecido, pretendemos encontrar o desconhecido. É o conhecido que causa o medo ao desconhecido, e por isso dizemos: "Preciso encontrar o desconhecido, reconhecê-lo e trazê-lo para o conhecido". Tal é nossa busca, na pintura, na música, em tudo — a busca do novo, para interpretá-lo sempre em termos do velho.

Ora, esse processo de reconhecimento e interpretação, de ação e de preenchimento, não é criação. Não há possibilidade de expressar o desconhecido. O que se pode expressar é uma interpretação ou reconhecimento de algo que *chamais* "o desconhecido". Cumpre, pois, descobrir por vós mesmo o que é criação, porque, do contrário, vossa vida é mera rotina, em que nenhuma mudança, nenhuma mutação ocorre, e com a qual vos aborreceis rapidamente. A criação é o próprio movimento criador — e não a interpretação desse movimento na tela, na música, em livros, ou numa relação.

Afinal de contas, a memória encerra milhões de anos de lembranças, de instintos, e o impulso para ultrapassar tudo isso faz parte ainda da mente. Desse fundo do "velho" procede o desejo de reconhecer o novo; mas o novo é algo totalmente diferente — ele é amor — e não pode ser compreendido pela mente que está aprisionada no processo do velho e tentando reconhecer o novo.

Esta é uma das coisas mais difíceis de transmitir, de comunicar; mas desejo comunicá-la, se possível, porque a mente que não se acha nesse estado criador está sempre em processo de deterioração. Esse estado é intemporal, eterno. Não é "comparativo", não é utilitário, nenhum valor tem em termos de ação; ninguém pode servir-se dele para pintar quadros ou escrever maravilhosa poesia *shakespeariana*. Mas, sem ele, não há realmente amor. O amor que conhecemos é ciúme, geralmente cercado de ódio, ansiedade, desespero, aflição, conflito; e nada disso é amor. O amor é coisa eternamente nova, irreconhecível; ele nunca é o mesmo, e, por conseguinte, é o supremo estado de incerteza. E só no "estado de amor" pode a mente compreender essa coisa extraordinária chamada "criação" — que é Deus, ou outro nome que lhe quiserdes dar. Só a mente que compreendeu as limitações do conhecido e, conseqüentemente, dele ficou livre — pode achar-se naquele estado criativo em que não existe fator de deterioração.

Desejais fazer perguntas sobre o que estivemos dizendo nesta manhã?

PERGUNTA: *O sentimento de termos uma vontade individual é a causa do medo?*

KRISHNAMURTI: Talvez seja. Mas, que entendeis pela palavra "individual"? Vós sois "individual"? Tendes um corpo, um nome, uma conta no banco; mas, se interiormente estais acorrentado, tolhido, limitado, sois um *indivíduo*? Como todos os outros, estais condicionado, não? E dentro dessa limitada área de vosso condicionamento que chamais "o indivíduo" tudo acontece — vossas aflições, desesperos, vosso ciúme, vossos temores. Essa entidade estreita e fragmentária, com sua alma individual, sua vontade individual e demais futilidades — dela tendes muito orgulho. E com ela desejais descobrir Deus, a verdade, o amor. Isso não é possível. O que pois fazer é só estar consciente do fragmento que sois e de vossas lutas, e perceber que o fragmento não pode, jamais, tornar-se o todo. O que quer que faça, o raio nunca poderá tornar-se roda. Por conseguinte, cumpre investigar e compreender essa existência separada, estreita, limitada, esse suposto "indivíduo". O mais importante nisso tudo não é vossa opinião ou minha opinião, mas descobrir o verdadeiro. E, para descobrir o verdadeiro, não deve a mente temer — ser tão despida de medo, que seja de todo "inocente" *. Só dessa "inocência" vem a criação.

21 de julho de 1964.

(*) "Inocente", isto é, a mente incapaz de sofrer dano, aquela que morre para tudo o que tem conhecido e lhe tem trazido conflito, prazer e dor. (N. do T.)

O QUE É BUSCAR

(6)

Parece-me de certa importância descobrir — cada um por si — o que está buscando. A palavra "buscar" tem extraordinária significação, não achais? Independente do significado lexicográfico, o ato de buscar implica que a pessoa se está movendo da periferia para o centro. E esse buscar, esse pesquisar, depende do temperamento de cada um, das pressões e tensões ambientes, das calamidades e angústias da vida, das numerosas tribulações de nossa existência. Todos esses fatores nos forçam a buscar. Se não houvesse pressão, desafio, calamidade, aflição, quantos dentre nós estariam buscando alguma coisa?

A palavra "buscar" subentende: "andar em volta, à procura, na esperança de achar algo" — não é? Esta manhã procurei no dicionário a palavra "searching" (buscar). Deriva de uma palavra latina,[1] cujo sentido é "procurar, indagar, perguntar, inquirir, sondar". E que buscamos nós? Poderemos sabê-lo? Ou trata-se de algo vago, fugidio, constantemente variável, conforme as circunstâncias, o temperamento, as idiossincrasias de cada um?

Falamos freqüentemente de "buscar", "procurar". Que implicam estes termos? Implicam que uma pessoa se move, gradualmente, de fora para o centro, conforme suas próprias idiossincrasias, gostos, e conforme as pressões do ambiente. É coisa semelhante a percorrer lojas, uma a uma, a provar diferentes ternos até encontrar um que assente bem e agrade, e aceitá-lo, então.

Quando dizeis que estais *buscando*, o que realmente quereis dizer é que estais "provando" diferentes idéias, conceitos, fórmulas,

---

(1) Search (do latim circare, andar em volta): explorar, examinar, investigar, etc. (V. dicionário Webster "Collegiate"). (N. do T.)

passando de uma religião para outra, de um instrutor para outro, até afinal encontrardes algo que vos agrade, algo que se ajuste bem ao vosso particular temperamento, a vossas idiossincrasias. Se não vos agrada o que existe no Ocidente, voltais-vos para o Oriente, com sua velha e complexa filosofia, e onde se encontra um vasto "sortimento" de instrutores e *gurus*; e lá ficais atolado numa pequena "poça" de pensamento, imaginando que ali está a realidade eterna. Ou, se assim não faz, torna-se o indivíduo um católico mais fervoroso, ou adere aos existencialistas — meu Deus, quantas coisas desse gênero há por este mundo! Para mim, não há Oriente nem Ocidente; a mente humana não é oriental, nem ocidental. Não importa a origem, todas as teologias são infantilidades, como o são todas as filosofias. São invenções do homem, que, vendo-se fechado numa prisão que ele próprio construiu, crê em alguma coisa e em torno dessa crença cria uma teologia, ou "projeta" maravilhosa filosofia; e quanto mais engenhoso o filósofo ou teólogo, tanto mais "aceitável" se torna para o público, para o leitor, para o seguidor.

Pois bem; é também isto que estamos fazendo aqui? Vindes para cá e ficais duas ou três semanas ouvindo o orador. Se não vos satisfaz o que ele diz, nem corresponde ao vosso desejo, recorreis a outro instrutor, ou adotais outra filosofia, da qual extraís mais satisfação. Assim, salvo se permaneceis confinado num pequeno remanso de pensamento, continuais em movimento até um outro ano em que, talvez, voltais aqui; e, então, recomeçais tudo de novo.

Penso, pois, que é preciso compreender esse extraordinário fenômeno — ocorra ele no Ocidente ou no Oriente — que é o andar de uma coisa para outra, incessantemente buscando, perguntanto, indagando, sondando. Isto é, acho que devemos perceber claramente, em nós mesmos, o que é que estamos buscando e porquê; e se há necessidade de alguma busca. Toda busca, por certo, implica movimento da periferia para o centro, das circunstâncias para a causa, das fronteiras até à origem mesma da existência. Isto é, movemo-nos de fora para dentro, esperando achar alguma coisa real, profunda, vital, sobremodo significativa. No decurso desse movimento, esforçamo-nos para praticar diferentes métodos, sistemas, torturamo-nos com disciplinas de todo gênero, de modo que, no fim da vida, estamos alquebrados, a mente quase paralisada.

Parece-me ser isso o que acontece com a maioria de nós. Movemo-nos da periferia para o centro, pois desejamos descobrir como sermos felizes, o que é a Verdade, se há Deus, algo de eterno;

e, por conseguinte, vivemos lutando, ajustando-nos, imitando, seguindo, embrutecendo nossa mente e coração com disciplinas, até nada mais restar em nós de original, de verdadeiro, de real. Eis a nossa vida; e quanto maior a pressão, a dor, a brutalidade do viver, na periferia, tanto mais desejamos mover-nos em direção ao centro.

Ora, existe alguma maneira de atingir o centro imediatamente — sem essa luta infinita para alcançá-lo, e, daí, desse centro "florescer"? Entendeis minha pergunta? Há milhões de anos vimos lutando para passar do exterior para o interior, a fim de descobrirmos a realidade — e acabamos de ver o que esse processo implica. Assim, digo de mim para mim, que tudo isso é absurdo. Porque torturar-me? Porque copiar, imitar, seguir? Existe alguma possibilidade de descobrirmos esse centro, de existirmos nele próprio e, *de lá,* "florescermos" — em vez de andarmos em sentido contrário? [1] Porque, para mim, pelo menos, o "andar em sentido contrário" nada significa; e porque nenhuma significação tem, rejeito-o completamente. Não quero torturar-me, nem seguir ninguém. Recuso-me a ler um só livro de filosofia, ou aguçar a minha mente com argumentos sutis; ela já se tornou bastante aguçada pela ambição, pela ansiedade, pelo desespero, por todas as brutalidades da vida. E não desejo praticar mais um método, mais um sistema, ou seguir mais um *guru,* um mestre, um salvador — *nada* disso quero fazer.

Notai que estou pensando em voz alta, não apenas para mim próprio, mas para tornar claras certas coisas, de modo que vós e eu possamos estar em comunhão, em relação ao real, e não estejamos incessantemente a lutar, por meio de reação, para mover-nos de fora para dentro. Estou expressando em palavras o que talvez experimentais em raros momentos em que vos sentis fartos de tudo — de vossas igrejas, de vossos políticos, de vossos bancos, da insignificância de vossas relações no lar, da monotonia do escritório, de tantas coisas estúpidas desta vida que constituem um insulto à dignidade humana. Tendo passado vinte ou mais anos da vida freqüentando diariamente o escritório, ou cozinhando e gerando filhos, um atrás do outro — havendo experimentado os prazeres e também os enfados, o prosaísmo, o desespero, inerentes a tudo isso, deveis às vezes ter perguntado a vós mesmo se não existe alguma possibilidade de atingir, subitamente, a fonte original, a verdadeira

---

(1) Isto é, devemos atuar do centro para a periferia, em vez de atuar da periferia para o centro (andar em sentido contrário). (N. do T.)

essência das coisas; e, *daí,* viver, funcionar, florescer, de modo que nunca necessitais ler um livro, estudar filosofia alguma, adorar qualquer imagem ou salvador, porque, para qualquer lado que olheis, encontrais aquele centro de onde parte toda a ação, todo o amor, tudo.

O fato bem óbvio é que — com a nossa avidez, nosso ciúme, nossa ânsia de posse, nosso medo, nosso sentimentalismo, nossos efêmeros prazeres, nossa satisfação pessoal — somos animais, animais altamente evoluídos. Se observamos um animal, vemos que ele tem conflitos como nós. Os macacos antropóides são ciumentos e têm seus desentendimentos conjugais. Como nós, eles se juntam em grupos — primeiro a família, depois a tribo, etc.; e, há pouco, alguém disse que esses macacos fariam tão boa figura na assembléia das Nações Unidas como qualquer ente humano! É evidente que nosso caráter, nossa devoção, nossa coragem, nosso medo, nossas guerras, nossa pretensa paz, nossas lutas, tudo procede desse fundo animal. Não precisais discutir comigo a este respeito. Os biologistas, os antropólogos o dizem — se desejais autoridades.

Ora, é possível um homem libertar-se desse fundo animal, não *no fim,* lenta e gradualmente, porém cortando-o de um só golpe, eliminando-o definitivamente, para que tenha então uma moral, uma ética, uma percepção da beleza totalmente distinta, separada do fundo animal? Por certo, para vivermos juntos no mundo, necessitamos de uma moralidade de conduta social; mas, atualmente, nossa moral, nossos conceitos de conduta — que constituem as fórmulas de nossa existência diária — são ainda procedentes do "animal", — e não queremos admitir isso. Apraz-nos pensar — porque somos um pouco mais capazes, mais eficientes e inventivos do que os macacos — que por isso somos mais humanos; mas os macacos também se servem de instrumentos para apanhar coisas, têm inventividade e, portanto, é pequena a diferença entre eles e nós.

Existe, pois, essa extraordinária atividade dos animais e a atividade igualmente extraordinária da mente humana que deseja segurança, tanto no mundo físico como também interiormente — sendo isso ainda um resultado do instinto animal. E há, ao mesmo tempo, o desejo de descobrir alguma coisa verdadeira, original, um estado não contaminado, são. Ora, é possível atingir-se esse estado subitamente, sem ser necessário cultivá-lo, procurá-lo? Pois a beleza não pode ser cultivada, e muito menos o amor. Esse estado surge instantaneamente, assim como se nos depara, de repente, um

panorama nunca visto. Repentinamente o vemos à nossa frente cheio de riqueza, de plenitude e de vida — e nós fazemos parte dele; e daí vivemos, atuamos, *somos*. Sem despender esforço, sem disciplina, controle, coação, procedentes do exterior, sem imitação, etc., atingimos subitamente a fonte da vida, as nascentes de toda a existência; e, bebendo dessa fonte, a mente *viveu e vive* eternamente. Isso é possível?

Compreendeis minha pergunta? Isto não é sentimentalismo nem misticismo — não é coisa para excitar-vos as emoções ou inspirar--vos, e tampouco para ser sentida intuitivamente. Nada disso. Enquanto conservamos o "fundo animal" — nossas invejas, ciúmes, desesperos — isso não é possível; as duas coisas são incompatíveis. Extinguir totalmente, de um só golpe, o fundo animal e recomeçar de *maneira nova* — é isso possível?

Vou mostrar-vos quanto é importante e necessário tornarmos isso possível. Se admitis o tempo — ontem, hoje e amanhã — estais, então, inevitavelmente, aprisionado no processo degenerativo, porque estareis sempre contando com o amanhã, e haverá sempre um ontem a condicionar-vos o presente. Portanto, a mente, resultado de uma existência milenar, deve esquecer o tempo. Entendeis? Ela tem de desembaraçar-se completamente do tempo. Se assim não faz, permanece envolvida na rede do tempo, na luta para alcançar, "vir a ser", "chegar"; deixa envolver-se nessa luta que só leva ao sofrimento, à aflição, ao declínio. Que fazer, então?

Desejo descobrir *agora mesmo*, e não depois, o que é verdadeiro. Quero *estar* lá! Não tenho paciência para esperar. Não preciso do tempo, nem da idéia de *alcançar* uma certa coisa no fim de minha vida ou ao cabo de dez mil vidas. Isso, para mim, é completamente infantil, sem madureza. É pura invenção de minha mente, em sua indolência, confusão, desespero. Quero estar tão desperto que, ao abrir os olhos, a mente, o coração, a verdade *lá esteja*; e, *daí*, quero funcionar, atuar, viver, fruir as belezas da Terra.

Vou agora falar sobre algo que de modo nenhum mode ser copiado, imitado. Vou investigar, e espero me *acompanheis* nesta investigação. Mas, se apenas me seguirdes, vos perdereis no caminho.

Por maiores que sejam as diferenças de temperamento, todo movimento da margem para o centro é movimento *positivo*. É uma busca deliberada, uma reação que foge da margem para o centro, um movimento resultante do desejo de achar e que, por conseguinte, supõe disciplina, imitação, seguimento, obediência, prática

de um sistema. Tudo isso constitui um processo positivo — pelo menos é o que se costuma chamar "positivo".

Atentai no que vou dizer, sem argumentardes mentalmente comigo e, à medida que formos progredindo, vereis o quanto é isto verdadeiro. Não estou tentando mesmerizar-vos ou impingir-vos alguma coisa, nem tampouco fazendo propaganda de espécie alguma — tudo isso é insensato.

Estamos, pois, conscientes desse processo positivo, e percebemos o seu inteiro significado. Vemo-lo *imediatamente*, e não de maneira descuidada, desatenta, com a idéia: "Refletirei nisto amanhã". Não há pensamento relativo ao amanhã, não há idéia de tempo intermediário. Percebemo-lo prontamente e, portanto, cessa de todo o movimento positivo. Nada se fez; não houve nenhum ato de volição, nenhuma causa, nenhuma busca deliberada e chegada a um resultado. Compreendemos a infantilidade desse movimento positivo, com seus sacerdotes — sentimos sua total futilidade. Os sacerdotes, as igrejas, as teologias — tudo se desvanece, pois vemos que esse movimento positivo da periferia para o centro nunca alcançará o centro. É o movimento *exterior* a querer tornar-se *interior,* e que, por conseguinte, permanecerá exterior. Percebemos este fato distintamente, com extraordinária clareza; e começamos, desse modo, a compreender a beleza do movimento negativo — o movimento mental negativo, que não é o oposto de positivo, porém se torna existente quando compreendemos o significado do movimento positivo. Nossa mente, pois, já não está presa ao movimento positivo e se acha, assim, num estado de negação. Isto é, percebendo — não fragmentariamente, porém completamente — o significado do movimento positivo, ela já não está em movimento, já não está agindo; conseqüentemente, encontra-se num estado que se pode denominar "negativo". Entendeis? Vou expressá-lo de outra maneira.

Pessoalmente, nunca li livro nenhum sobre esta matéria. Não desejo fazê-lo, porquanto não me interessa, já que em mim mesmo vejo toda a humanidade — não no sentido místico metafórico ou simbólico, porém realmente. Eu sou vós e o mundo. Em mim está todo o tesouro do mundo, e para descobri-lo só tenho de compreender e transcender a mim mesmo. Se não me compreendo, não tenho razão de ser, não tenho nenhuma substância; sou apenas uma entidade confusa e, quanto mais busco, quanto mais estudo e sigo determinado instrutor, tanto mais me confundo.

Dependo de instrutores, de meu temperamento, de meus desejos e, por conseguinte, aumenta-se-me a confusão.

Vejo, pois, quanto é importante compreender a mim próprio, totalmente, sem esforço — isto é, sem fazer desta compreensão um problema. Para me compreender, minha mente não deve fazer nenhum movimento positivo para corrigir, ou para não corrigir o que vê. Como já acentuei, tanto a mente consciente como a inconsciente são triviais, e preciso compreender essa trivialidade; preciso compreendê-la imediatamente, de modo que o inconsciente não se ponha a fazer "manobras", a "projetar" visões, imagens, desejos secretos, quando não lhe estou prestando atenção — o que, por sua vez, se torna um problema.

Está tudo claro?

Vejo que para compreender-me necessito de uma mente livre de influência, de *motivo*, uma mente *imóvel*, com total ausência de ação positiva. E quando, com essa clareza mental, olho a mim mesmo, basta esse olhar para dissolver a trivialidade, que sou *eu*.

Não estou inventando nenhuma filosofia. E, pelo amor de Deus, não interpreteis isso como alguma extravagância oriental. Não se trata de nenhuma idiossincrasia deste orador, que por acaso nasceu numa terra onde o sol é abrasador e torna a pele morena. Por causa desse calor e da indolência que ocasiona, e dada a geral pobreza, lá existem homens que se voltam *para dentro* e, como resultado disso, escrevem filosofias, inventam religiões, deuses, etc. Deixemo-los com suas coisas. Não é disso que estou falando; falo de uma coisa que não é oriental nem ocidental, pessoal nem impessoal — mas que é verdadeira: um estado em que nos vemos repetidamente, no qual já não somos impelidos pelo desejo de satisfação, já não necessitamos de experiências, nem as buscamos.

A esse estado ninguém pode conduzir-nos; nós é que temos de alcançá-lo, e para tanto requer-se energia. Por energia entendo a aplicação de toda a nossa atenção, sem intervir qualquer distração.

Na realidade, a distração não existe; o que chamamos "distração" nada mais é que falta de atenção. Não? Folgo de ver alguém em desacordo.

Existe mesmo tal coisa — distração? Quando estou passeando tranqüilamente, eu olho as coisas que me cercam e nada do que observo é distração. Só há distração quando quero focalizar a atenção num só pensamento, com exclusão de tudo o mais. Então, minha mente vagueia para um lado e para outro, para diferentes

tópicos; e, se quaisquer desses tópicos me interessam e desviam do caminho que estou seguindo, se me afastam do centro, que é meu "eu", chamo-os distrações. Mas, se não existe esse centro, esse "eu", se não estou percorrendo um caminho determinado, não há distração.

É muito importante compreender isso. Se com a maior clareza o compreenderdes, vereis que todo esforço de concentração, com o conflito que acarreta, desaparecerá completamente; e não haverá então distração nenhuma. No olhar o céu, no ver um lindo rosto de criança, no ouvir o ímpeto da corrente e o estridor de um avião, no observar as pessoas, os políticos, os sacerdotes, no auscultar a própria mente e coração; no estar consciente de vossas exigências e desesperos, em nada disso — do olhardes o céu ao olhardes a vós mesmo — há distração, porque cada um desses elementos faz parte de um todo. Esse todo só pode ser percebido quando há atenção completa, e nega-se a atenção total ao admitir-se a noção de distração. Oh, vede isso, por favor!

Havendo plena atenção, não considerais coisa alguma como distração. Vosso sexo, vosso ciúme, vossa ansiedade, vosso medo, vosso amor, vossa paixão — nada que olhais é distração. Tudo está na chama da atenção e, por conseguinte, nada é fragmentário. O político, o sacerdote, o ritual — tudo faz parte do todo. É no movimento *positivo* da mente que existe a distração, a fragmentação; mas, quando a mente nenhum movimento tem e, por conseguinte, é *negativa* — se posso usar esta palavra — a vida não se fragmenta. Então a nuvem no céu, a poeira da estrada, a flor à beira do caminho e os sussurros de vossos pensamentos, tudo faz parte do todo. Mas, só se pode compreender essa totalidade quando cessa o movimento positivo da mente.

Assim, pode uma pessoa ver, por si própria, que para se alcançar esse centro, essa fonte de todas as coisas, que é o Supremo, o movimento mental deve cessar — mas não torturando a mente com disciplinas, ou fazendo uma pergunta tão difícil ou fantástica — à maneira de certas seitas — que a mente emudeça com o choque. Isso é inteiramente infantil. De começo, cumpre perceber a verdade relativa a cada movimento do pensamento e sentimento; e isso só é possível quando a mente é inteiramente "negativa", toda silêncio, quietude. Podemos fazê-lo imediatamente. É como sair de uma rota: a rota da ação positiva que o homem vem percorrendo habitualmente há milhares e milhares de anos. Podeis sair dessa rota nem nenhuma expectativa, sem nada exigir ou buscar

Mas, isso só podeis fazer ao perceberdes, em sua inteireza, o movimento *do homem* — não apenas o movimento de um certo homem em particular; isto é, ao perceberdes em vós mesmo o movimento do todo. Ao verdes isso, inteiramente, e de relance, — eis o que apenas tendes de fazer, — então, já estais caminhando em liberdade; e dessa liberdade vem uma ação que não paralisa a mente.

Desejais fazer perguntas sobre o que estivemos dizendo? Ou nada há que perguntar?

PERGUNTA: *Que é maturidade?*

KRISHNAMURTI: Estávamos falando sobre maturidade? Está bem, senhor — que é maturidade? Tem ela alguma relação com a idade da pessoa? Relaciona-se com a experiência, o saber, a capacidade? Com a competição e a acumulação de dinheiro? Se não, que é maturidade? Está ela em relação com o tempo? Não digais "Não" tão prontamente. Se estivésseis realmente livre do tempo, se o tempo nada significasse para vós, qual seria o estado de vossa mente? Não me refiro ao tempo cronológico; este tem óbvia importância. Mas, se o tempo, no sentido psicológico, nada representasse para vós — tempo para realizações, para ter êxito, para dominar, conquistar, tempo para se tornar inteligente, para compreender, comparar — não seríeis então um ente amadurecido? Assim só a mente ilesa é *madura*, e não aquela que acumula conhecimentos infinitamente. O conhecimento é necessário e tem significação num certo nível; mas o conhecimento, o saber, não produz claridade, inocência. Só há inocência quando todo conflito terminou. Quando a mente já não se move em determinada direção, porquanto todas as direções foram compreendidas, acha-se ela nesse estado de *originalidade*, que é a *inocência*, e, *daí*, pode atingir a imensidade onde deve encontrar-se o Supremo; só então a mente é madura.

23 de julho de 1964.

AÇÃO SEM ESFORÇO

(7)

Desejo prosseguir do ponto em que ficamos outro dia. Considero importante compreender a questão da ação; e não estou empregando essa palavra em sentido abstrato, ou meramente ideativo. Refiro-me ao fato concreto da ação, do "fazer alguma coisa". Se estais cavando num jardim, ou a caminho do escritório, ou contemplando uma árvore, ou seguindo o movimento de um rio, ou simplesmente caminhando pela estrada, sem nada pensar, observando tranqüilamente as coisas — o que quer que estejais fazendo é parte da ação. Mas, em regra, nessa ação gera conflito. Ela, por profunda que seja considerada, ou por mais superficial, torna-se mecânica, cansativa, fastidiosa, mera atividade sem significação. Eis porque muito importa compreender o que é "ação".

Fazer qualquer coisa — andar, falar, olhar, pensar, sentir — requer energia; e a energia se dissipa quando, na sua mesma expressão, existe conflito. Como se pode observar, nossas atividades, em todos os níveis, geram conflito; criam em nós uma consciência de esforço, certa resistência, negação, defesa. E é possível, de alguma maneira, agir sem conflito, sem resistência — e, até, sem esforço? É sobre isto que desejo falar-vos nesta manhã.

Vê-se o que está acontecendo no mundo. Os computadores, os cérebros eletrônicos, e várias formas de "automação" vão proporcionar ao homem cada vez mais folga, e essa folga vai ser monopolizada pelas religiões e diversões organizadas.

Não sei se há muita diferença entre essas duas coisas, mas, por ora, deixemo-las separadas. Quando o homem dispõe de maior lazer, tem também mais energia — bastante energia — e a sociedade exige que ele utilize essa energia de maneira correta, e não anti-social.

Para controlar o sentimento anti-social, entrega-se o homem à religião organizada ou a divertimentos de todo gênero. Ou irá cultivar a literatura, a arte, a música — outra forma de divertimento. E o resultado é que o homem se tornará cada vez mais superficial. Poderá ler todos os livros do mundo e procurar entender as complicações da teologia, da filosofia, da ciência; poderá familiarizar-se com certos fatos e verdades da literatura, mas tudo será exterioridade, tal como as diferentes formas de religião e de entretenimento. Afirmam as religiões organizadas que estão buscando as coisas interiores da vida, porém elas exigem crença, dogma, ritual, conformismo, como todos sabemos.

Ora, a menos que estejamos conscientizados de todas essas condições inerentes à hodierna civilização, nossas energias serão por elas consumidas e nossa atenção, por conseguinte, permanecerá superficial; e, por causa dessa superficialidade, continuaremos a ter conflito interior e com outras pessoas, com a sociedade. Em todas as formas da atividade humana — artística, científica, matemática, industrial — e em nossas relações com esposa ou marido, com os filhos, com o próximo, continuará a haver conflito; e todo conflito é desperdício de energia. Para se conseguir a extinção do conflito e, por conseguinte, a conservação da energia, cabe-nos compreender o que é ação; pois, sem essa compreensão, nossa vida se tornará mais e mais exterior, e estaremos cada vez mais vazios interiormente. Isto não é um ponto passível de discussão ou de dúvida, não está em questão minha opinião contra a vossa. Trata-se de fatos reais.

Assim, em primeiro lugar, que é ação, como a conhecemos? Todas as nossas ações têm algum móvel, sutil ou óbvio, não é verdade? Ou estamos visando a uma recompensa, ou atuando por medo, ou procurando ganhar alguma coisa. Nossa ação é sempre um ajustamento a algum padrão, a alguma idéia, ou aproximação a algum ideal. Conformismo, ajustamento, aproximação, resistência, renúncia — eis tudo o que sabemos a respeito de ação, e tudo isso implica uma série de conflitos.

Como já mencionei, comungar com alguma coisa com a qual não nos relacionamos profundamente é sempre um tanto difícil. Eu desejo estar em comunhão convosco, em referência a um estado de espírito que é a verdadeira antítese desse conflito que comumente chamamos "ação". Há uma ação total, ação sem conflito, e desejo dizer-vos algo sobre ela — mas não para vós o aceitardes ou rejeitardes, ou serdes hipnotizado por minhas palavras. Uma

das coisas mais difíceis (quando um homem está sentado num estrado, a falar, e outros escutando — se de fato o escutais) é estabelecer a relação correta entre o ouvinte e o orador. Aqui não estais para serdes mesmerizados com uma série de palavras, a tampouco de nenhuma forma desejo influenciar-vos. Não estou fazendo propaganda de uma idéia, nem é minha intenção instruir-vos. Como várias vezes tenho frisado, não há instrutor nem discípulo, há só um "estado de aprender"; e vós e eu nenhuma possibilidade temos de aprender, se esperamos ser instruídos, ser informados sobre o que devemos fazer. Não nos interessam opiniões. Eu não tenho opiniões. O que estou tentando é apenas expor certos fatos, e podeis olhá-los, examiná-los por vós mesmos, ou deixar de fazê-lo. Isso significa que vós e eu temos de estabelecer a relação correta, de modo que haja não apenas uma comunhão intelectual, mas a percepção total de um fato que ambos examinamos. Não estamos em comunhão um com o outro, porém, antes, em comunhão com o fato e, por conseguinte, o fato se torna mais importante do que vós e eu. Só o fato, e o percebê-lo mutuamente, criará o ambiente ou clima adequado, que não pode deixar de influir profundamente em nós. Assim, eu acho que o *escutar* uma coisa — aquela corrente, ou o sussurro das árvores, ou nossos próprios pensamentos e sentimentos — se torna sobremodo importante quando estamos considerando o fato em si, e não uma idéia ou opinião sobre ele.

Todos sabemos que nossa ação gera conflito. Toda ação baseada em idéia, conceito, fórmula, ou visante a um ideal, deve inevitavelmente gerar conflito. Isto é óbvio. Se atuo em conformidade com uma fórmula, um padrão, um conceito, estou sempre dividido entre o fato — o que sou — e o que penso que deveria fazer a seu respeito; assim, não há ação completa. Há sempre "aproximação" a uma idéia ou ideal, e por conseguinte o conflito é inerente a toda ação que conhecemos, e é um desperdício de energia, um fator de deterioração mental. Observai o estado e a atividade de vossa mente, e vereis que isso é verdadeiro.

Pergunto, agora, a mim mesmo: existe ação sem idéia e conseqüentemente sem conflito? Ou, por outras palavras: deve a ação sempre gerar esforço, luta, conflito? Por exemplo, eu estou falando, e isso é uma forma de ação. Por certo, nesta ação só há conflito se estou tentando impor-me, procurando tornar-me importante, procurando convencer-vos. Assim, é de suma relevância descobrir, cada um por si, se há possibilidade de viver e fazer coisas sem o mais leve conflito — isto é, se pode haver ação em que a mente perma-

neça intacta, livre de deterioração, de qualquer forma de distorção. E não pode deixar de haver distorção, se a mente de alguma maneira está sendo influenciada ou envolvida em conflito, que é desperdício de energia. Descobrir o que ocorre verdadeiramente é para mim de real interesse, e também para vós o deve ser; porque o que estamos tentando é averiguar se podemos viver sem sofrimento, sem medo, sem desespero, sem nenhuma forma de atividade que mentalmente nos deteriora. Se é possível, que nos acontece, então? Que acontece à pessoa que não é influenciada pela sociedade, que não teme, que não é ávida, invejosa, ambiciosa, desejosa de poder?

Para o averiguarmos, precisamos começar por conscientizar-nos do atual estado de nossa mente, cheia de conflitos, aflições, frustrações, perversões, desespero. Temos de estar plenamente conscientes e, assim, acumular energia; e essa própria acumulação de energia é a ação que purificará a mente de todas as inutilidades que o homem veio amontoando no curso dos séculos.

A ação em si não nos interessa. Nós queremos averiguar se existe uma ação que não gere contradição em nenhuma forma. Como vimos, as idéias, os conceitos, as fórmulas, os padrões, os métodos, dogmas, ideais — são os criadores das ações contraditórias. E é possível viver sem a idéia — isto é, sem nenhum padrão, nenhum ideal, nenhum conceito ou crença? Muito importa que nós mesmos o descubramos, pois facilmente se pode ver que o amor não é uma idéia, um padrão, um conceito. Em geral temos um conceito do que é o amor, mas esse conceito, evidentemente, não é o próprio amor. Ou amamos, ou não amamos.

É possível uma pessoa viver neste mundo e ir para o escritório todos os dias, cozinhar, lavar pratos, dirigir seu carro, e executar todas as outras ações da vida cotidiana — que no presente se tornaram maquinais e causadoras de conflito — é possível fazer todas essas coisas, viver e agir, sem *ideação* [1] e dessa maneira libertar a ação de toda contradição?

Não sei se já algumas vezes percorrestes uma rua movimentada ou uma estrada solitária, olhando apenas para as coisas, sem pensar. Há um estado de observação sem a interferência do pensamento. Embora estejamos a par de tudo que nos cerca, e reconheçamos outra pessoa, a montanha, a árvore, ou o carro que se

---

(1) Ideation: faculdade da mente de formar e conservar idéias (Dic. de Webster "Collegiate"). (N. do T.)

aproxima, nossa mente não funciona no costumeiro padrão de pensamento. Não sei se isso alguma vez já vos sucedeu.

Experimentai-o, numa ocasião em que estiverdes passeando, de carro ou a pé. Olhai, apenas; observai sem a reação criada pelo pensamento. Embora reconheçais as cores e as formas, conquanto vejais o rio, o carro, o animal, o ônibus, não há reação alguma, porém, tão-só observação; e esse próprio estado, da assim chamada observação negativa, é ação. A mente, então, pode utilizar o conhecimento para executar o que for necessário, mas se acha isenta de pensamento, quer dizer, não atua por reação. Com essa total atenção, sem reagir — podeis executar todas as tarefas de cada dia.

Em geral, estamos sempre pensando em nós mesmos, da manhã à noite, e funcionando dentro do padrão desta atividade egocêntrica. Toda atividade dessa ordem, que é apenas reação, leva inevitavelmente a várias formas de conflito e deterioração. Mas, é possível não funcionar dentro desse padrão e, todavia, viver neste mundo? Não quero dizer "viver sozinho numa caverna, entre as montanhas", ou coisa semelhante; pode-se viver neste mundo e funcionar como ente humano *total*, pela ação desse estado de *vazio* (se não interpretais erroneamente o uso que estou fazendo desta palavra)? Pintando ou escrevendo poesia, ou caminhando para o escritório, ou falando, podeis conservar sempre um espaço vazio, interiormente, e, pela ação desse espaço, trabalhar? Porque, quando existe esse espaço vazio, a ação não gera contradição.

Isso é uma coisa que muito importa descobrir e vós mesmo é que tendes de descobri-la, porquanto ela não pode ser ensinada ou explicada. Para descobrirdes, deveis primeiramente compreender que toda ação egocêntrica gera conflito e, a seguir, interrogar-vos se a mente pode em algum tempo contentar-se com tal ação. Ela poderá satisfazer-se momentaneamente; mas, ao perceberdes que, em toda ação dessa natureza, é inevitável o conflito, passais a averiguar se existe outra espécie de ação, ação não conducente a conflito; e, então inevitavelmente descobrireis que ela existe.

Surge, assim, a questão; Porque é que estamos sempre à procura de satisfação? Em todas as nossas relações, e em tudo o que fazemos, existe sempre o desejo de preenchimento, a busca de prazer, e o desejo de conservar esse estado de prazer. O que chamamos "descontentamento" só se apresenta quando as coisas não nos satisfazem; e esse descontentamento só serve para gerar outra série de reações.

O indivíduo que encara os fatos com seriedade e que percebe tudo isto — como há milênios vivem os homens em completa confusão e aflição e sem nunca haver uma ação integral — deve por si mesmo descobrir se é capaz de viver sem se deixar contaminar pela sociedade. E isso ele só poderá descobrir quando estiver livre da influência social. Refiro-me a um estado livre da estrutura psicológica da sociedade, constituída de avidez, inveja, ambição e desejo de importância pessoal. Uma vez compreendida e posta de lado essa estrutura, o homem acha-se livre da sociedade. Poderá continuar a ir para o escritório, trajar calças [1], etc., mas já estará livre daquela estrutura psicológica que tanto lhe deforma o espírito.

Atinge, em suma, um ponto em que descobre por si próprio que a libertação da influência social é uma completa inação. Esta inação significa ação total, que não engendra contradição e, por conseguinte, deterioração.

Já disse o que desejava dizer nesta manhã, e agora talvez possamos discuti-lo — ou podeis fazer perguntas sobre o que foi dito.

PERGUNTA: *Podemos conservar nossos empregos, e trabalhar sem competição*?

KRISHNAMURTI: Não podemos, senhor? Podeis freqüentar o escritório e conservar vosso emprego sem competir? Não me cabe dizer se o podeis ou não, ou que *deveis* trabalhar sem competir. Mas, só vós podeis ver os efeitos do espírito de competição: ele gera antagonismos, medo, um cruel empenho em alcançar vossas pretensões, espirituais ou mundanas. Vedes tudo isso e perguntais a vós mesmo se é possível viver neste mundo sem competir. Isso significa viver sem comparar; significa fazer o que realmente gostais de fazer, o que sobremodo vos interessa. Ou, se vos vedes preso a um emprego de que não gostais — por terdes responsabilidades — significa que deveis descobrir como exercer esse emprego eficientemente, sem competir. E isso requer muita atenção, não achais? Tendes de estar sumamente vigilante para cada pensamento, cada sentimento, que em vós se manifestam, porque, do contrário, estareis meramente impondo a vós mesmo a idéia de que não deveis competir — o que se torna mais um problema. Mas, podeis tornar conhecimento de tudo o que a competição implica; perceber seu

(1) Alusão ao uso da tanga. (N. do T.)

verdadeiro significado, e como gera conflito, luta incessante; compreendes que a competição inevitavelmente conduz o homem (ainda que se verifique considerável progresso — o que se costuma chamar "progresso" — e maior eficiência na competição) ao antagonismo, à falta de afeição. Se perceberdes tudo isso, então, como resultado dessa percepção, atuareis — competindo ou não competindo, plenamente.

INTERROGANTE: *Não creio que uma ação que se repete seja necessariamente fastidiosa.*

KRISHNAMURTI: Deveis saber que se está começando a verificar que um homem que trabalha numa fábrica, fazendo a mesma coisa repetidamente, não é uma entidade muito produtiva, e dizem-me que na América se está agora experimentando, em certas fábricas, dar aos trabalhadores oportunidade de aprender, ao mesmo tempo que exercem suas atribuições. O resultado é que o seu trabalho se torna menos monótono e, por conseguinte, mais produtivo. Ainda que nos dê muito prazer fazer uma certa coisa, se prosseguimos incessantemente na mesma ação, ela se torna rotineira e cansativa.

PERGUNTA: *E que dizeis a respeito do artista?*

KRISHNAMURTI: Se o artista está meramente repetindo, por certo já não é artista. Parece-me que estamos confundindo as duas palavras — "repetição" e "criação" — será que estamos? Que é criação?

INTERROGANTE: *Um homem que faz bons sapatos é criador.*

KRISHNAMURTI: Fazer bons sapatos, cozinhar pão, gerar filhos, escrever poesias, etc. etc. — isso é criação? Por favor, não concordeis nem discordeis. Um minuto!

INTERROGANTE: *Não percebo como é possível viver-se num espaço vazio.*

KRISHNAMURTI: Minha senhora, parece que nos estamos desentendendo. Lamento-o. Provavelmente isso se deva à minha escolha das palavras, que pode não ser tão boa como deveria ser, e talvez não compreendais exatamente o que entendo por "vazio". Mas, estávamos falando sobre *criação*.

Ouvi dizer que em certa universidade estão ensinando o que chamam "literatura criadora", "pintura criadora". Mas pode-se ensinar a ser criador? A contínua prática de determinada coisa pode suscitar o espírito criador? Pode-se aprender de um professor a técnica de tocar violino, mas é óbvio que a técnica, por si só, não faz do homem um gênio. Já quando a pessoa tem aquela criatividade, ela produzirá a técnica — e não *vice-versa* (isto é, a técnica não pode gerar o ânimo criador). Em geral pensamos que, adquirindo a técnica, encontraremos a *outra coisa* (o poder de criar). Consideremos um exemplo muito simples, embora todos os exemplos sejam precários. Que é *vida simples*? Vida simples, dizemos, é ter poucas posses, comer pouco, ter minguados haveres, e abster-se de fazer isto ou aquilo. Na Ásia, aquele que anda de tangas e só toma uma refeição diária é considerado um homem de vida simples; mas, interiormente, esse homem pode estar em ebulição, como um vulcão, ardendo em desejos, paixões, ambições. A vida simples desse homem é meramente uma ostentação, que todos podem reconhecer e dizer "Que homem simples!" — Esse é o verdadeiro estado da maioria dos santos: exteriormente apresentam simplicidade, porém, interiormente, são homens ambiciosos que disciplinam a mente, que se obrigam a ajustar-se a um certo padrão, etc. Assim, eu acho que a simplicidade deve, primeiro, vir *de dentro, e* não de fora. Analogamente, a criação não pode verificar-se por meio de expressão. Temos de *achar-nos* no estado de criação, e não de buscar a criação através da expressão. Achar-se no estado de criação é o descobrimento do Supremo, e isso só pode acontecer quando não há atividade do "eu" em *nenhum sentido.*

Voltando ao que disse aquela senhora sobre o vazio. Em regra, embora em exterior relação uns com os outros, vivemos no isolamento; mas não é sobre esse isolamento que falo. *Vazio* é coisa totalmente diferente de isolamento. Deve haver *vazio* entre nós, para que possamos ver um ao outro; deve haver espaço mediante o qual possais ouvir o que estou dizendo, e vice-versa. Na mente, por igual, o espaço precisa existir; isto é, ela não deve estar atravancada de tantas coisas, que nenhum espaço reste. Só quando há espaço dentro da mente — o que significa não haver atividade egocêntrica — só então é possível saber o que é viver. Mas, viver no isolamento — isso não é possível.

PERGUNTA: *Poderíeis dizer mais alguma coisa a respeito da energia?*

KRISHNAMURTI: Qualquer coisa que se faça, até a mais insignificante, requer energia, não é verdade? O levantar-se e sair deste pavilhão, o pensar, o comer, o conduzir um carro — *toda* espécie de ação exige energia. E, ordinariamente, ao fazermos alguma coisa, há, em nós uma forma de resistência que dissipa energia — a não ser que a ação nos proporcione prazer, caso em que não há conflito, nem resistência na continuidade da energia.

Como já disse, precisamos de energia para estarmos *completamente* atentos, e nessa energia não há resistência, porquanto não há distração. Mas, se ocorrer distração — no momento em que desejais concentrar-os numa coisa e ao mesmo tempo olhar pela janela — há uma resistência, um conflito. Ora, o olhar pela janela é tão importante como o olhar para outra coisa qualquer — e, com a percepção dessa verdade, não haverá então distração, nem conflito.

Para terdes energia física, deveis naturalmente tomar alimentos adequados, ter a justa proporção de repouso, etc. Isto vós mesmos podeis experimentar e não há necessidade de o discutirmos. Mas existe também a energia psicológica, a qual se dissipa de várias maneiras. Para ter essa energia, a mente busca estímulos. Freqüentar a igreja, assistir a partidas de futebol, entregar-se à literatura, ouvir música, etc., — todas essas coisas vos estimulam; e se o que desejais é ser estimulado, isso significa que, psicologicamente, sois dependente. A busca de estímulo implica dependência de alguma coisa — de uma bebida, uma droga, um orador, ou de entrar numa igreja; e, por certo, o depender de estímulo não apenas embota a mente, mas também ocasiona dissipação da energia. Assim, para conservarmos nossa energia, deve desaparecer toda espécie de dependência ou de estímulo; e, para desaparecer a dependência, precisamos conscientizar-nos dela. Se, para ter estímulo, a pessoa depende de sua mulher ou de seu marido, de um livro, de seu cargo, de ir aos cinemas — qualquer que seja o incentivo — deve, em primeiro lugar, perceber isso. O aceitar simplesmente os estímulos, e com eles viver, dissipa energia e deteriora a mente. Mas, cientificando-nos dos estímulos e do significado que têm em nossa vida, poderemos livrar-nos deles. Pelo autopercebimento — que não é autocondenação, etc., porém estar simplesmente cônscio, sem esco-

lha, de si próprio — pode o homem conhecer todas as formas de influência, todas as formas de dependência, todas as formas de estímulo; e esse próprio movimento da ação de aprender dá-lhe a energia necessária para libertar-se de todas as dependências e de todos os estímulos.

26 de julho de 1964.

A TOTALIDADE DA VIDA

(8)

Esta manhã talvez possamos deixar de lado os nossos problemas — problemas econômicos, problemas atinentes a nossas relações pessoais, problemas de doença, e também os mais importantes que nos rodeiam, de ordem nacional e internacional: a guerra, a fome, as revoltas populares, etc. Não queremos fugir deles, mas, se pudermos pô-los de parte, por esta manhã, pelo menos, talvez possamos capacitar-nos para considerá-los de maneira diferente — com a mente mais fresca, percebimento mais penetrante — e, assim, atacá-los de maneira nova, com maior vigor e clareza.

A mim me parece que só o amor pode produzir a revolução correta, e que qualquer outra forma de revolução — isto é, revolução baseada em teorias econômicas, em ideologias sociais, etc. — só pode acarretar mais desordem, mais confusão e aflição. Não há esperança de resolvermos o básico problema humano mediante reformas e reorganizações parciais. Só quando há um grande amor, podemos ter uma visão total e, por conseguinte, uma ação plena, em vez dessa atividade fragmentária, parcial, que atualmente chamamos revolução, e que a nada conduz.

Hoje desejo falar sobre uma coisa que abarca a totalidade da vida — algo que não é fragmentário, porém constitui um acesso total à existência humana; e, para podermos entrar com certa profundeza nesta matéria, devemos libertar-nos de todas as teorias, e crenças, e dogmas. Em geral, aramos sem cessar o solo da mente, mas parece que nunca semeamos; analisamos, examinamos, "desmontamos" as coisas, mas não compreendemos o movimento da vida.

Pois bem; penso haver três coisas que devemos compreender profundamente, para podermos sentir o movimento total da vida.

São elas: o tempo, o sofrimento e a morte. Compreender o tempo, compreender o pleno significado do sofrimento, e "viver com a morte" — tudo isso exige a clareza do amor. O amor não é uma teoria, e tampouco um ideal. Ou uma pessoa ama, ou não ama. Ele não pode ser ensinado. Não podeis tomar lições para aprender a amar, nem nenhum método existe mediante cuja prática diária chegueis a saber o que é o amor. Mas, eu acho que se pode chegar ao amor, natural, fácil, espontaneamente, quando se compreende realmente o significado do tempo, a extraordinária profundeza do sofrimento, e a pureza que vem com a morte. Assim, talvez possamos considerar — realmente, e não teórica ou abstratamente — a natureza do tempo, a natureza ou estrutura do sofrimento, e essa coisa extraordinária que chamamos "a morte". Essas três coisas não são separadas. Se compreendermos o que é o tempo, compreenderemos o que é a morte, bem como o que é o sofrimento. Mas, se considerarmos o tempo como coisa separada do sofrimento e da morte, e tentarmos ocupar-nos dele isoladamente, nosso acesso será então fragmentário e, por conseguinte, nunca perceberemos a maravilhosa beleza e a vitalidade do amor.

Vamos, pois, tratar do tempo, não como abstração, porém como coisa real — sendo o tempo duração, a continuidade da existência. Há o tempo cronológico, horas e dias que se estendem a milhões de anos; e foi o tempo cronológico que produziu a mente com a qual funcionamos. A mente é um resultado do tempo como continuidade da existência, e o seu aperfeiçoamento ou polimento através dessa continuidade chama-se progresso. *Tempo* é também a duração psicológica criada pelo pensar como um meio de preenchimento. Servimo-nos do tempo para progredir, preencher-nos, "vir a ser", produzir um certo resultado. De ordinário, o tempo é para nós uma escada que leva a alguma coisa de maior importância — ao desenvolvimento de certas faculdades, ao aperfeiçoamento de determinada técnica, à realização de um fim, de um objetivo, louvável ou não; assim, julgamos que o tempo é necessário para a compreensão do verdadeiro, de Deus, daquilo que excede todo o esforço humano.

Em regra, considera-se o tempo como o período de duração entre o momento presente e um certo momento no futuro, quando teremos realizado nossos alvos; e desse tempo nos servimos para cultivar o caráter, livrar-nos de um certo hábito, desenvolvermos um músculo ou a visão das coisas. Há dois mil anos a mente cristã vem sendo condicionada para crer num Salvador, no inferno, no céu, e, no Oriente, idêntico condicionamento se verifica há muito

mais tempo. Pensamos que o tempo é necessário para tudo o que temos de fazer ou compreender, e, por conseguinte, ele se torna uma carga, uma barreira ao percebimento real; impede-nos de ver imediatamente a verdade relativa a qualquer coisa, porque pensamos que para isso o tempo é necessário. Dizemos "amanhã, ou daqui a anos, compreenderei essa coisa com extraordinária clareza". No momento em que admitimos o tempo, estamos cultivando a indolência, aquela peculiar preguiça que nos impede de ver prontamente a coisa tal como e.

Supomos que necessitamos de tempo para romper o condicionamento que a sociedade — com suas religiões organizadas, seus códigos de moralidade, seus dogmas, sua arrogância e seu espírito de competição — nos impôs. Pensamos em termos de tempo, porque o pensamento é produto do tempo. O pensamento é reação da memória — sendo *memória* o fundo que foi acumulado, herdado, adquirido pela raça, pela comunidade, pelo grupo, pela família, e pelo indivíduo. Esse fundo é produto do processo aditivo da mente, e sua acumulação levou tempo. Para a maioria das pessoas, a mente é memória, e sempre que há um desafio, uma exigência, é a memória que "responde". Sua "resposta" é como a "resposta" do cérebro eletrônico, que funciona por associação. E sendo a reação da memória, o pensamento é, por sua própria natureza, produto do tempo e o criador do tempo.

Notai que o que estou dizendo não é uma teoria, uma coisa em que deveis refletir. Sobre ela não precisais refletir, porém, antes *vê-la,* porque *assim é.* Não vou entrar nos seus complicados pormenores, mas já vos apontei os fatos essenciais, e vós os vedes ou não os vedes. Se me estais seguindo, não apenas no sentido verbal, discursivo ou analítico, porém vendo realmente que *assim* é, percebereis como é enganador o tempo; e a questão é então — se o tempo pode parar. Se somos capazes de ver todo o processo de nossa própria atividade — ver sua profundeza, sua superficialidade, sua beleza, sua fealdade — não amanhã, porém imediatamente, então esse próprio percebimento é a ação que destrói o tempo.

Se não compreendermos o tempo, não compreenderemos o sofrimento. Eles não são, como procuramos torná-los, duas coisas diferentes. Exercer um cargo, estar com a família, gerar prole — não são incidentes separados, isolados. Pelo contrário, estão profunda e intimamente relacionados; não podemos perceber essa extraordinária intimidade de relação sem a sensibilidade oriunda do amor.

Para compreender o sofrimento, devemos, com efeito, compreender a natureza do tempo e a estrutura do pensamento. O tempo tem de parar, porque, do contrário, ficaremos meramente repetindo as informações que temos acumulado, exatamente como um cérebro eletrônico. A menos que o tempo termine — o que significa o fim do pensamento — haverá mais repetição, ajustamento, modificação contínua. Nunca existirá nada novo. Somos cérebros eletrônicos "glorificados" — um pouco mais independentes, talvez, mas sempre máquinas, em nossa maneira de funcionar.

Assim, para compreender a natureza do sofrimento e como ele pode terminar, temos de compreender o pensamento. Os dois não existem separadamente. Ao compreender-se o tempo, atinge-se o pensamento; e a compreensão do pensamento é a extinção do tempo e, por conseguinte, o término do sofrimento. Se isto está perfeitamente claro, podemos então *olhar* o sofrimento e, *não*, adorá-lo, como o fazem os cristãos. O que não compreendemos, adoramos ou destruímos. Colocamo-lo num templo, numa igreja, ou num "canto escuro" da mente, onde lhe rendemos um culto de temor; ou desprezamo-lo e repudiamo-lo; ou fugimos. Mas aqui não estamos fazendo nada disso. Vemos que há milênios o homem luta com o problema do sofrimento, sem ter podido resolvê-lo até agora; assim, deixou-se calejar por ele, aceitou-o, considerando-o uma parte inevitável da vida.

Ora, o mero aceitar do sofrimento não só é insensato, mas também concorre para embotar-nos. Faz a mente insensível, brutal, superficial, e a vida, por conseguinte, se torna falsa, um mero processo de trabalho e de recreação. Leva o homem uma existência movimentada, como negociante, cientista, artista, sentimentalista, como pessoa dita religiosa, etc. Mas, para compreendermos o sofrimento e dele nos libertarmos, temos de compreender o tempo e, por conseguinte, o pensamento. Não se pode negar o sofrimento ou fugir dele, recorrendo a distrações, a igrejas, a crenças organizadas; tampouco devemos aceitá-lo e divinizá-lo; e, para se evitar isso, requer-se muita atenção, que é energia.

O sofrimento está enraizado na autocompaixão. Para o compreendermos, cumpre extinguir essa autopiedade. Não sei se já observastes como tendes pena de vós mesmo ao dizerdes: "Estou sozinho no mundo!" — Havendo autocompaixão, está preparado o solo em que o sofrimento lançará suas raízes. Ainda que justifiqueis a autocompaixão, ainda que a racionalizeis, que procureis poli-la, revesti-la com idéias, ela continuará existente, minando-vos

profundamente. Assim, para que o homem possa compreender o penar, deverá livrar-se dessa brutal e egocêntrica trivialidade que é a pena de si mesmo. Podeis sentir autocompaixão por motivo de doença, pela morte de um ente querido, ou por não vos terdes realizado e, por conseguinte, vos sentirdes frustrado; mas, independentemente de sua causa, a autocompaixão é a raiz do sofrimento. E, uma vez livre desse sentimento, podereis encarar o sofrer sem lhe renderdes culto, sem dele fugir, ou sem lhe dardes uma significação sublime, espiritual, como, por exemplo, dizendo que *deveis* penar para achar Deus — o que é puro contra-senso. Só a mente embrutecida, estúpida, se conforma com a amargura. Por conseguinte, não devemos aceitá-la, em nenhuma forma, nem rejeitá-la. Ao libertar-vos da autocompaixão, vos despojais de toda a sentimentalidade e emocionalismo que ela suscitou, e estareis pronto para olhar o sofrimento com total atenção.

Espero que o estejais fazendo, junto comigo, nesta viagem, e não aceitando apenas verbalmente os dizeres do orador. Tende cuidado com a passiva aceitação do sofrimento, a racionalização dele, as escusas, a autocompaixão, a sentimentalidade, a atitude emocional ante o amargor, porquanto tudo isso é dissipação de energia. Para compreenderdes o sofrimento, deveis aplicar-lhe toda a atenção, e nesta atenção não há lugar para escusas, para sentimento, racionalização, não há lugar para nenhuma espécie de comiseração própria.

Suponho estar sendo bem claro ao ressaltar a necessidade de darmos inteira atenção ao sofrimento. Nessa atenção, não há esforço para resolvê-lo ou compreendê-lo. A pessoa só está olhando, observando. Todo esforço para compreender, racionalizar ou fugir, impede aquele estado imparcial de completa atenção, no qual pode ser compreendida essa coisa chamada sofrimento.

Não estamos analisando, nem investigando analiticamente o sofrimento com o intuito de dele nos livrarmos, pois isso é apenas mais uma artimanha mental. A mente que o analisa supõe tê-lo compreendido e que está liberta. Puro contra-senso. Podeis libertar-vos de determinada forma de sofrimento; mas ele ressurgirá de outra maneira. Estamos falando do sofrimento em sua totalidade, o sofrimento em si, seja vosso, seja meu ou de outro qualquer ente humano.

Como dises, para se compreender o sofrimento é necessário compreender o tempo e o pensamento. Requer-se um percebimento não seletivo de todas as formas de fuga, de toda a autocompaixão,

de todas as verbalizações, de modo que a mente se aquiete diante de uma coisa que deve ser compreendida. Não há então divisão entre o observador e a coisa observada. Não há *aquele* que — como observador, como pensador — observa o sofrimento; só há o *estado* de sofrimento. Esse "estado de sofrimento", não-dividido, é necessário, porque, quando olhais o sofrimento como *observador*, criais o conflito que embrutece a mente e dissipa a energia e, por conseguinte, não há atenção.

Quando a mente compreende a natureza do tempo e do pensamento, quando desarraigou a autocompaixão, a sentimentalidade, o emocionalismo, etc., então o pensamento — que criou toda essa complexidade — termina, e o tempo já não existe; assim, ficais direta e intimamente em contato com essa coisa a que chamais sofrimento. O sofrimento só se conserva ao fugirmos dele, ao desejarmos evitá-lo ou divinizá-lo. Mas, quando não houver nada disso, porque a mente estará em direto contato com o sofrimento e, por conseguinte, completamente silenciosa em relação a ele, descobrireis, então, que ela dele se libertou. Desde que estejamos em direto contato com o penar, este fato, por si só, dissolve todos os fatores que o produzem, inerentes ao tempo e ao pensamento. E, assim, cessa de todo o sofrer.

Como, agora, compreender essa coisa que chamamos "a morte", e que tanto nos assusta? O homem tem criado muitas maneiras tortuosas de considerar a morte — divinizando-a, negando-a, apegando-se a inumeráveis crenças, etc. Mas, para compreender a morte, deveis por certo considerá-la de maneira nova; porque em verdade nada sabeis a respeito da morte, sabeis? Podeis ter visto pessoas morrerem e ter observado em vós mesmo ou em outro a aproximação da velhice, com a concomitante deterioração. Sabeis que há o findar da vida física, por velhice, acidente, doença, assassínio ou suicídio, mas não conheceis a morte como conheceis o sexo, a fome, a crueldade, a brutalidade. Ignorais o que é morrer e, enquanto não o souberdes, a morte nenhuma significação terá. O que temeis é uma abstração, algo que não conheceis. Desconhecendo a plenitude da morte, ou o que ela implica, a mente tem-lhe medo — medo do pensamento, e não do fato que ela desconhece.

Vejamos isso com certa profundeza.

Se morrêsseis repentinamente, não teríeis tempo para pensar na morte e temê-la. Mas, há um intervalo entre agora e o momento em que se apresentará a morte, e durante esse intervalo tendes bastante tempo para vos preocupar e para racionalizar. De-

sejais "transportar" para a próxima vida — se há uma próxima vida — todas as ansiedades e desejos e conhecimentos que tendes acumulado, e, assim, inventais teorias ou credes numa certa espécie de imortalidade. Considerais a morte algo separado da vida. A morte está *lá* e vós *aqui*, ocupado em viver — em guiar vosso carro, em ter relações sexuais, em alimentar-se, em exercer vossa atividade, acumular conhecimentos, etc. Não desejais morrer porque ainda não concluístes o livro que estais escrevendo, ou porque ainda não sabeis tocar violino com "virtuosidade". Por isso, separais a vida da morte, dizendo: "Agora compreenderei a vida, e oportunamente compreenderei a morte". Mas, as duas *não* estão separadas — e eis o que importa compreender em primeiro lugar. A vida e a morte constituem um todo, estão intimamente relacionadas, e não podeis isolar uma delas e procurar compreendê-la separadamente da outra. Isso é o que em regra fazemos. Dividimos a vida em compartimentos estanques. Se sois economista, então a ciência econômica é tudo o que vos interessa, e nada sabeis acerca do resto. Se sois médico especialista de nariz e garganta ou do coração, viveis anos seguidos neste limitado campo de conhecimento e, quando morreis, este é o vosso céu.

Como disse, considerar a vida fragmentariamente é viver em constante confusão, contradição, aflição. Tendes de ver a totalidade da vida; e só se pode ver essa totalidade quando há afeição, quando há amor. O amor é a única revolução que produzirá a ordem. É inútil adquirir constantes conhecimentos de Matemática, Medicina, História, Economia, e depois reunir todos esses fragmentos; isso não resolverá coisa alguma. Sem o amor, a revolução só conduz ao endeusamento do Estado ou à adoração de uma imagem, ou a inumeráveis e tirânicas perversões, e à destruição do homem. Do mesmo modo, quando a mente, medrosa que é, põe a morte à distância, separando-a do viver diário, tal separação só serve para gerar mais medo, mais ansiedade, e uma multiplicidade de teorias a respeito da morte. Para se compreender a morte, é necessário compreender a vida. Mas a vida não é continuidade do pensamento, continuidade essa responsável por todas as nossas aflições.

Assim, pode a mente trazer a morte, da distância em que se acha, para *o imediato* (o agora)? Entendeis? A morte, com efeito, não se acha em nenhum lugar remoto: ela está aqui e agora. Está presente quando falamos, quando nos divertimos, quando escutamos, quando nos dirigimos ao escritório. Está aqui a cada instante da vida, exatamente como o amor. Percebendo-se esse fato, deixa de haver medo à morte. Tememos, não o desconhecido, porém a perda

do conhecido. Tememos perder nossa família, ficar só, sem companheiros; tememos a dor da solidão, ficar privado das experiências, dos haveres acumulados. É o conhecido que temos medo de largar. O conhecido é memória — memória a que nos apegamos. Mas a memória é apenas uma coisa mecânica — como os computadores o provam sobejamente.

Para compreendermos a beleza e a extraordinária natureza da morte, precisamos livrar-nos do conhecido. No morrer para o conhecido, está o começo da compreensão da morte, porque a mente então se torna fresca, nova, e nenhum medo existe; por conseguinte, pode-se entrar naquele estado que se chama "a morte". Assim, do começo até o fim, a vida e a morte são inseparáveis. O sábio compreende o tempo, o pensamento e o sofrimento, e só ele é capaz de compreender a morte. A mente que morre a cada instante, que não armazena experiência, é imaculada e, por conseguinte, se acha num perene estado de amor.

Desejais fazer perguntas a este respeito, para entrarmos em mais pormenores?

PERGUNTA: *Qual a diferença entre o vosso pensar e o pensamento cristão sobre o amor?*

KRISHNAMURTI: Sinto não poder dizê-lo. Eu *não* penso no amor. Não se pode pensar no amor; se o fazeis, não se trata de amor. Como deveis saber, há enorme diferença entre o sexo, e o pensamento a respeito do sexo, que estimula a sensação. A mente que se ocupa da mera satisfação sexual, que pensa no sexo, que se excita por meio de imagens, de figuras, de pensamentos, é de qualidade destrutiva. Já "a outra coisa" (o amor) difere muito: sentimo-la sem a interferência do pensamento. Analogamente, não se pode pensar a respeito do amor, de acordo com o padrão de nossa memória ou conforme o que tendes ouvido dizer: que ele é bom, profano, sagrado, etc. Porque esse pensar não é amor. O amor não é cristão nem hinduísta, não é oriental nem ocidental, não é vosso nem meu. Só quando uma pessoa se liberta de todas essas idéias de nacionalidade, raça, religião, etc. — só então saberá o que é amar.

Vede, estive falando nesta manhã acerca da morte, a fim de bem a compreenderdes — não apenas enquanto estais aqui, neste pavilhão, mas durante a nossa vida — e por conseguinte ficardes livre do sofrimento, livre do medo, e saberdes realmente o que significa morrer. Se agora, e nos dias vindouros, vossa mente não

continuar vigilante, ilesa, sã, então o mero escutar de palavras será completamente futil. Mas, se vos achais profundamente atento, ciente de vossos pensamentos e sentimentos; se não estais interpretando o que diz o orador, porém observando *realmente*, por vós mesmo, enquanto ele vai descrevendo e penetrando o problema, então, após sairdes daqui, *vivereis* — não só com exultação, mas também com a morte e o amor.

28 de julho de 1964.

A MENTE ILUMINADA

(9)

Nesta manhã desejo falar sobre um assunto talvez estranho para os ouvintes. Afigura-se-me uma das coisas mais importantes da vida o clarificar a mente, o esvaziá-la de toda experiência e pensamento, de modo que ela se torne fresca, nova, sã; porque só a mente sã pode, com sua liberdade, descobrir o verdadeiro. Esta sanidade não é um estado permanente. Não significa que a mente alcançou um resultado e aí se deixa ficar. É o estado da mente que, achando-se desimpedida, é capaz de renovar-se a todo instante, sem esforço. E essa renovação, essa liberdade para descobrir, é de imenso significado, já que a maioria das pessoas vive superficialmente; vive com os seus conhecimentos e informações e os julga suficientes. Mas, sem a meditação, nossa vida é bem superficial. Por "meditação" não entendo contemplação ou oração. Para a pessoa achar-se no "estado de meditação", ou, melhor, para nele entrar naturalmente, sem esforço, deve primeiro compreender a mente superficial, a mente vulgar, aquela que em regra se satisfaz com informações. Tendo acumulado conhecimentos ou adquirido uma certa capacidade técnica, que nos habilita a exercer determinada especialidade, para vivermos neste mundo com leviandade, contentamo-nos em viver nesse nível, sem nenhuma compreensão de qualquer problema psicológico que acaso se apresente. Parece-me, pois, sobremodo relevante observar a superficialidade da mente, e investigar se ela pode transcender a si própria.

Quanto mais conhecimento e preparo uma pessoa tem, tanto maior a sua capacidade na vida diária; e é óbvio que necessitamos desses conhecimento, desse preparo, dessa capacidade, pois não podemos "jogar fora" as máquinas e a ciência e volver ao estado primitivo. Isso seria proceder como algumas pessoas ditas "religio-

sas" que querem retornar a uma tradição ou ressuscitar antigos conceitos e fórmulas filosóficas, destruindo, dessa maneira, a si próprias e ao mundo em que vivem. A Ciência, a Matemática, as técnicas atualmente à disposição do homem, são coisas absolutamente necessárias. Mas o viver neste mundo tecnológico, de conhecimentos e ilustração que rapidamente se avolumam, tende a tornar-nos superficiais; e, em geral, contentamo-nos em permanecer nesta superficialidade, visto que o conhecimento e a tecnologia nos fazem ganhar mais dinheiro, mais confortos, mais da chamada "liberdade" — coisas essas bem respeitadas numa sociedade degradada e em desintegração. Assim, para poder ultrapassar a si própria, deve a mente compreender as limitações da tecnologia, do conhecimento e da ilustração, e ficar livre dessas limitações.

Como se pode observar, as nossas atividades, as nossas emoções, as nossas reações neurológicas são pouco profundas, perfunctórias. Vivendo, como vive a maioria, na superfície, procuramos alcançar as profundezas, penetrando cada vez mais, porquanto depressa nos cansamos dessa maneira leviana de viver. Quanto mais inteligentes, mais intelectuais, e apaixonados formos, tanto mais perceberemos a superficialidade de nossa existência; ela se torna cansativa, aborrecida, e sem significação. Assim, trata a mente superficial de descobrir a finalidade da vida ou de procurar uma fórmula que lhe dê sentido. Luta essa mente para viver consoante uma idéia por ela própria concebida, ou uma crença que aceitou; eis porque age sempre de maneira superficial. É necessário perceber com toda a clareza esse fato.

O que nesta manhã vamos fazer é tirar, uma por uma, as camadas superficiais, para penetrarmos até à origem, até à última profundeza das coisas. A superficialidade se perpetua pela experiência, e por esta razão releva compreender o inteiro significado da experiência.

Em primeiro lugar, vemos quanto a especialização tecnológica de toda espécie tende a tornar a mente estreita, vulgar, limitada — qualidades que constituem a verdadeira essência do burguês. Então, superficial que é, ela busca o que chama "significado da vida", projetando, ao mesmo tempo, um padrão que lhe é grato, lucrativo, aprazível, e a esse padrão se ajusta. Esse processo lhe confere uma certa determinação, certo ímpeto, um senso de realização.

Cumpre também compreender profundamente essa coisa chamada experiência. Vivendo uma vida superficial, estamos sempre em busca de experiências mais amplas e profundas. Por esta razão é

que tantos freqüentam as igrejas, tomam *Mescalina,* experimentam *LSD-25, ácido lisérgico* e várias outras drogas, em busca de novas excitações, estímulos e sensações. Buscamos também experiência através da arte, da música, de novas, mais modernas formas de expressão.

Pois bem; a mente que deseja achar-se numa grande profundidade — *achar-se,* e *não* produzir esse estado — deve compreender todas essas coisas. "Compreender" não é entender apenas intelectualmente uma comunicação verbal, porém, antes, perceber incontinenti a verdade relativa à questão. Essa percepção imediata é compreensão. Pode-se argumentar e discutir interminavelmente a propósito de opiniões, mas isso não fará nascer a compreensão. Requer-se, isto sim, sensibilidade, percebimento, uma certa hesitação, uma atitude experimental, que nos dão a capacidade de aprender com rapidez.

Assim, qual é a natureza da experiência? Todos desejamos novas experiências, não é verdade? Estamos cansados do "velho", das coisas que nos têm causado dor ou sofrimento. A rotina do escritório, dos rituais religiosos, dos rituais do culto do Estado — de tudo isso estamos fartos, cansados, exaustos, daí desejarmos novas experiências, novas diretrizes e em diferentes planos. Mas, por certo, só a pessoa que não busca nem acumula experiência poderá viver em profundidade.

Resulta a experiência de um desafio e uma "resposta". A reação pessoal a um desafio pode ser adequada ou inadequada, conforme nossa maneira de ser, nosso condicionamento. Isto é, "respondemos" a cada desafio conforme o nosso *fundo,* nossa própria limitação. Essa "resposta" a desafio é experiência; e toda experiência deixa um resíduo, que chamamos *conhecimento.*

Por outras palavras, no passar por várias experiências, a mente atua como uma peneira, na qual cada experiência deixa um certo sedimento. Esse sedimento é *memória,* e com essa memória vamos ao encontro da próxima experiência. Assim, cada experiência — por mais ampla e profunda e vital que seja — deixa novo depósito de sedimento, ou memória, tornando, assim, mais forte o nosso condicionamento.

Por certo, isto não é uma opinião, não é questão de *crerdes* no que dizemos. Se vos observardes, vereis ser isso o que realmente sucede. Este orador descreve como é peculiar à mente o acumular experiência, e observais esse "processo" em vós mesmos. Portanto, não há nada para *crer,* nem estais sendo hipnotizados por palavras.

Assim, pois, cada experiência, de qualquer natureza que seja, deixa um sedimento que se torna o *passado*, convertido em memória, e nesse sedimento vivemos. Esse sedimento é o "eu", a verdadeira estrutura da atividade egocêntrica. Percebendo a natureza limitada dessa atividade egocêntrica, buscamos novas e mais amplas experiências, ou perguntamos como se pode romper essa limitação, a fim de encontrar algo superior. Mas, toda busca dessa natureza é ainda atividade de acumulação, e só vai aumentar os restos, o sedimento da experiência, seja a experiência de um minuto, de um dia, seja a de dois milhões de anos.

Ora, vós tendes de ver esse fato com toda a clareza. Deveis ter consciência dele, assim como tendes consciência de estar com fome. Quando sentis fome, ninguém precisa dizer-vos nada — trata-se de uma experiência pessoal, vossa. Analogamente, deveis perceber claramente, por vós mesmos, que toda experiência — de afeto, de compaixão, de orgulho, de ciúme, de inspiração, de medo, qualquer uma — deixa na mente um resíduo; e que a constante repetição e a sobreposição de novas camadas a esse resíduo ou sedimento constituem a totalidade do processo de nosso pensar, de nosso existir. Toda atividade nascida desse processo, em qualquer nível que seja, há de ser inevitavelmente superficial; e a mente que deseja investigar a possibilidade de descobrir um estado de originalidade, ou um mundo não contaminado pelo passado, deve compreender esse processo de experiência.

Surge, assim, a questão: é possível ficar-se livre de toda atividade egocêntrica, sem nenhum esforço, sem se tentar dissolvê-la e, dessa maneira, convertê-la num problema?

Espero estar esclarecendo bem a questão; se não, o que direi mais adiante ficará completamente obscuro.

Agora, a palavra "meditação" significa, em geral, pensar a respeito de uma coisa, investigá-la, refletir profundamente nela; ou pode significar um estado mental contemplativo, independente do processo de pensamento. É uma palavra de pouca significação nesta parte do mundo, porém sobremodo significativa no Oriente. Muito se tem escrito sobre o assunto, e há escolas que advogam diferentes métodos ou sistemas de meditação.

A meditação, para mim, não é nenhuma dessas coisas. Meditação é o total "esvaziamento" da mente — e não se pode esvaziar a mente à força, de acordo com um certo método, escola ou sistema. Mais uma vez é necessário perceber a extrema falácia de todos os sistemas. A prática de um sistema de meditação é busca de expe-

riência; é esforço para alcançar uma experiência mais elevada, ou a experiência final; e quem compreende a natureza da experiência rejeita tudo isso, que se acaba para sempre, porque sua mente já não está seguindo ninguém; ela não busca experiência, e nenhum desejo tem de visões. A busca de visões, o intento de aumentar a sensibilidade por meios artificiais, — drogas, disciplinas, rituais, adoração, oração — constitui atividade egocêntrica.

Nossa questão, pois, é a seguinte: Como pode a mente que se tornou superficial por influência da tradição, pela ação do tempo, da memória, da experiência — como pode essa mente libertar-se, sem esforço, de sua superficialidade? Como pode tornar-se tão desperta que a busca de experiência nada mais signifique? Compreendeis? A mente iluminada não pede mais luz — ela própria é luz; e toda influência, toda experiência que penetra nessa luz, nela se consome de instante a instante, de modo que a mente está sempre clara, imaculada, *indene.* Só a mente iluminada, a mente sã, pode ver o que está fora dos limites do tempo. E como pode nascer esse estado de espírito?

Tornei clara a questão? Esta não é uma questão *minha*; é, ou *deve* ser, uma questão de interesse geral, e, portanto, eu não a estou impondo. Se eu vos impusesse esta questão, vós a tornaríeis um problema, dizendo: "Como fazer isso?". É uma questão que deve nascer de vosso percebimento, porque tendes vivido, tendes observado, e também visto o que é este mundo, e bem conheceis a vossa maneira de agir. Tendes lido, acumulado conhecimentos, progredido em vosso saber. Tendes visto pessoas, com mente semelhante a computadores, professores capazes de "desenrolar" uma espantosa quantidade de conhecimentos, e haveis conhecido teólogos de idéias fixas, em torno das quais desenvolveram maravilhosas teorias. Conscientizando-vos de tudo isso, inevitavelmente deveis ter feito a vós mesmos a pergunta: como pode a mente, prisioneira do tempo, produto do passado, "jogar fora" o passado, completamente, com facilidade, sem nenhum esforço? Como pode ficar livre do tempo, sem ter nenhuma diretiva ou *motivo,* de modo que possa *achar-se* na fonte da vida?

Ora, quando esta pergunta vos é feita, por vós mesmo ou por outro, qual a vossa reação? Não me respondais, por favor; escutai, apenas. Trata-se de uma pergunta de grande significado. Não é uma simples pergunta retórica, a que se pode responder prontamente ou pô-la de lado. É uma pergunta de extraordinária importância para a pessoa que penetrou as inanidades da religião organizadas e

"varreu" todos os sacerdotes e *gurus*, templos, igrejas, rituais, incensos — atirou tudo isso aos ventos. E se já atingistes este ponto, a vós mesmos deveis ter interrogado: Como pode a mente ultrapassar a si própria?

Que fazeis quando vos vedes diretamente em presença de um imenso problema, quando algo de tremendo e imediato vos sucede? É tão vital e exigente a experiência, que completamente vos absorve, não é verdade? Vossa mente é tomada por esse singular acontecimento, de modo que se aquieta. Esta é uma qualidade de silêncio. A mente "reage" como uma criança a quem se deu um brinquedo interessante. O brinquedo absorve a criança, fazendo-a concentrar-se e, assim, momentaneamente, ela se esquece de suas travessuras e correrias. E o mesmo acontece com os adultos ao verem-se diante de um "caso" incomum, especial. Não compreendendo o verdadeiro significado dessa experiência, a mente fica sob o seu domínio e se torna entorpecida, chocada, paralisada, de modo que transitoriamente silencia. Isso é uma coisa que já deveis ter experimentado.

E há, também, uma espécie de silêncio mental que se apresenta ao considerar-se um problema com inteira concentração. Nesse estado não há distração, porque, momentaneamente, não temos outro pensamento, outro interesse. Não olhamos para nenhum outro lado, porque só estamos interessados nessa coisa; intensifica-se a concentração, que tudo o mais exclui, e nesse esforço há uma vitalidade, uma exigência, uma premência que também produz certa qualidade de silêncio.

Quando a mente se absorve num brinquedo ou imerge de todo num problema, está apenas fugindo. Quando imagens, símbolos — palavras como "Deus", "Salvador", etc. — dela se apoderam, isso também é uma fuga profunda, uma fuga à realidade, e nessa fuga há um determinado silêncio. Se a mente se sacrifica, ou de si mesma se esquece, pela identificação completa com uma coisa, poderá ficar tranqüila — mas acha-se num estado neurótico. O desejo de identificação com um objetivo, uma idéia, um símbolo, uma nação, uma raça — denuncia um estado neurótico, tal como o da maioria das pessoas pretensamente religiosas. Estas estão identificadas com o Salvador, com o Mestre, com isto ou aquilo, identificação que lhes dá invulgar impetuosidade e lhes traz determinada visão beatífica da vida — e isso é uma atitude totalmente neurótica.

E há também aquela que aprendeu a concentrar-se, que a si própria ensinou a nunca desviar a atenção da idéia, da imagem, do símbolo que ela própria "projetou" à sua frente. E que acontece

nesse estado de concentração? Toda concentração é esforço, e todo esforço é resistência. É como um homem edificar em torno de si uma muralha defensiva, com uma pequena abertura pela qual olha uma única idéia ou pensamento, de modo que nunca possa ser abalado, posto num estado de incerteza. Nunca estais "aberto", porém vivendo sempre dentro de vossa concha de concentração, atrás das muralhas de vossa inspirada busca de alguma coisa, e disso vos vem um sentimento de grande vitalidade, uma impetuosidade que vos habilita a fazer coisas extraordinárias — socorrer os "favelados", viver no deserto, praticar toda a sorte de "boas obras"; mas, trata-se ainda da atividade egocêntrica da mente, que se concentrou numa só coisa, com exclusão de tudo o mais. E também isso lhe confere uma certa serenidade tornando-a silenciosa.

Ora, há uma espécie de silêncio que nenhuma relação tem com esses estados neuróticos, e é aí que se nos apresenta a dificuldade; porque, infelizmente — e digo-o sem ofensa — em regra *somos* neuróticos. Assim, para podermos compreender o que é esse silêncio, devemos antes de tudo libertar-nos completamente de todo e qualquer estado neurótico. Nesse silêncio não existe autocompaixão, nem desejo de resultado, nem "projeção" de imagens; não há visões, nem luta para nos concentrarmos. Vem esse silêncio, sem ser solicitado, uma vez compreendida a absorção da mente numa idéia, e as várias formas de concentração que a pessoa pratica; e, também, quando se compreende todo o processo do pensar. Dessa observação, dessa vigilância da atividade mental egocêntrica, vem um senso de disciplina bem flexível; e essa disciplina é necessária. Não é uma disciplina defensiva, reacionária; nada tem que ver com o ficar sentado a um canto, de pernas cruzadas, e outras infantilidades. Nela, não há imitação, nem ajustamento, nem esforço para alcançar resultado. O observar todos os movimentos do pensamento e do desejo, a fome de novas experiências, o processo de identificação com uma certa coisa — apenas observar e compreender tudo isso produz, naturalmente, uma facilidade de disciplina em inteira liberdade. Disciplinada a compreensão, surge um percebimento próprio e imediato, um estado de atenção completa. Nessa atenção, há virtude — e esta é a *única* virtude. A moralidade social, o caráter desenvolvido pela resistência e segundo a respeitabilidade e a ética social — isso não é virtude nenhuma. Virtude é a compreensão de toda a estrutura social que o homem levantou em torno de si; e é, também, a compreensão do chamado "auto-sacrifício" mediante identificação e controle. Dessa compreensão nasce a atenção, e só na atenção se encontra a virtude.

Deveis ter uma mente virtuosa; mas aquela que apenas procura ajustar-se aos padrões sociais e religiosos de determinada sociedade, quer comunista, quer capitalista, não é virtuosa. É necessária a virtude porque sem virtude não há liberdade; mas, como a humildade, ela não é cultivável. Não podemos cultivá-la, assim como não podemos cultivar o amor. Mas, havendo plena atenção, há também virtude e amor. Dessa atenção vem o silêncio total, não só no nível da mente consciente, mas também no nível do inconsciente. Tanto o consciente como o inconsciente são em verdade triviais, e a percepção dessa trivialidade liberta-nos do passado e do presente. Dando-se total atenção ao presente, surge-nos interiormente uma certa tranqüilidade, indicativa de que já não buscamos experiência. Todo experimentar terminou, porque nada mais há para experimentar. Estando sempre desperta, a mente é a luz de si própria. Nessa quietude, nesse silêncio, encontra-se a paz. Não a paz dos políticos, não a paz entre duas guerras. Paz não nascida de reação. E quando a mente está, assim, sobremodo tranqüila, pode então prosseguir. A atuação da tranqüilidade difere inteiramente do movimento da atividade egocêntrica. O atuar da tranqüilidade é criação. Quando a mente é capaz de mover-se com essa placidez, ela conhece a morte e o amor; e pode, então, viver neste mundo e ao mesmo tempo estar livre do mundo.

PERGUNTA: *Desejo ardentemente o silêncio, mas vejo que minhas tentativas para alcançá-lo se tornam cada vez mais lamentáveis.*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, não podeis desejar ardentemente o silêncio; não sabeis nada, absolutamente nada, a seu respeito. Ainda que algo soubésseis, isso não seria o silêncio, porque, então, não se trataria da realidade. Por isso, é preciso ter muito cuidado ao dizer-se: "Sei".

Vede, senhor! O que conheceis, reconheceis. Eu vos reconheço porque ontem vos encontrei. Após ouvir o que então dissestes, e tendo visto vosso modo de ser, digo que vos conheço. O que sei já é coisa do passado, e daquele passado eu vos reconheço. Mas o silêncio não pode ser reconhecido; nele não há nenhum processo de reconhecimento. Eis o que, antes de tudo, importa compreender. Para reconhecermos uma coisa, já devemos tê-la experimentado, conhecido antes, ou lido a seu respeito, ou ter-lhe ouvido a descrição, mas o que se pode reconhecer, descrever, não é aquele silêncio.

Por ele ansiamos porque nossa vida é superficial, vazia, monótona, estúpida, e por isso desejamos fugir de suas detestáveis lides. Mas, não podemos fugir da vida; temos de *compreendê-la*. E para compreendermos uma coisa, não devemos dar-lhe pontapés, nem evitá-la. Cumpre ter grande amor, verdadeira afeição por aquilo que queremos compreender. Se desejamos compreender uma criança, não podemos coagi-la, forçá-la, ou compará-la com seu irmão mais velho. Devemos olhar a criança, observá-la com carinho, ternura, afeição, com tudo o que de bom possuímos. Analogamente, devemos compreender essa coisa vulgar que chamamos "nossa vida", com seus ciúmes, conflitos, aflições, canseiras, pesares. Dessa compreensão provém uma diferente tranqüilidade, que não pode ser procurada às apalpadelas.

Há uma interessante história de um discípulo que foi ter com o Mestre. Encontrava-se este num belo e bem irrigado jardim, e o discípulo sentou-se perto dele — não bem à sua frente, porque sentar-se diretamente à frente do Mestre não seria respeitoso. Assim, sentando-se ao lado, o discípulo cruza as pernas e fecha os olhos. Então, pergunta o Mestre: "Meu amigo, que estais fazendo?" Abrindo os olhos, o discípulo responde: "Mestre, estou tentando alcançar a consciência do Buda" — e torna a fechar os olhos. Daí a momentos, o Mestre apanha duas pedras e começa a esfregar uma na outra, com muito barulho; então o discípulo desce das alturas em que andava e pergunta: "Mestre, que estais fazendo?" Ao que o Mestre responde: "Estou esfregando estas duas pedras, para fazer que uma delas se torne um espelho." Diz então o discípulo: "Mas, Mestre, isso jamais conseguireis, ainda que fiqueis um milhão de anos a esfregá-las." Sorri, então, o Mestre e responde: "De modo idêntico, meu amigo, podeis ficar aí sentado um milhão de anos, que nunca alcançareis o que estais tentando alcançar." — E é isso o que todos nós estamos fazendo. Estamos tomando posições; estamos desejando alguma coisa, buscando algo, às apalpadelas — o que exige esforço, luta, disciplina. Mas sinto dizer-vos que nenhuma dessas coisas vos abrirá a porta. O que o fará é a compreensão sem esforço; apenas olhar, observar, com afeição, com amor. Mas não podeis ter amor se não sois humilde; e só é possível a humildade quando *nada* desejais, nem dos deuses nem de nenhum ente humano.

30 de julho de 1964.

O SIGNIFICADO DA RELIGIÃO

(10)

Desejo nesta manhã falar sobre o significado da religião, não apenas para explicá-lo verbalmente, mas também para compreendê-lo profundamente. Mas, antes de nos aprofundarmos nesta questão, precisamos ficar bem esclarecidos sobre o que é mente religiosa, e qual o estado da mente que investiga, de fato, a questão da religião.

Parece-me sumamente importante compreender a diferença entre isolamento e solidão. Quase toda a nossa atividade diária se concentra em torno de nós mesmos; baseia-se em nosso particular ponto de vista, em nossas próprias experiências e idiossincrasias. Pensamos em termos relativos à nossa família, nosso emprego, nossos objetivos, e também em referência a nossos temores, esperanças e desesperanças. Tudo isso é obviamente egocêntrico e torna existente um estado de isolamento, como se pode ver na vida de cada dia. Temos secretos desejos pessoais, ocultos apelos e ambições, e nunca nos achamos em profunda relação com ninguém, nem com as nossas esposas, nem com os nossos maridos ou nossos filhos. Esse isolamento é igualmente um resultado de nossa fuga ao tédio cotidiano, às frustrações e trivialidades de nossa vida diária. É causado, também, pela nossa fuga ao estranho sentimento de solidão que nos assalta quando nos vemos subitamente desligados de tudo, quando tudo está longe de nós e não há comunhão, não há *relação* com ninguém. Penso que a maioria de nós, aqui presentes — se alguma vez nos conscientizamos do processo de nosso próprio existir — tem sentido profundamente essa solidão.

Em virtude dessa solidão, desse sentimento de isolamento, tratamos de identificar-nos com alguma coisa maior do que nós —

pode ser o Estado, um ideal, ou um conceito acerca de Deus. Essa identificação com algo maior ou imortal, algo exterior à esfera de nosso pensamento, chama-se geralmente "religião" e conduz à crença, ao dogma, ao ritual, a atividades separadas de grupos rivais, cada um dos quais crê num diferente aspecto da mesma coisa; assim, o que chamamos religião produz mais isolamento ainda.

E vê-se, também, como o mundo está dividido em nações rivais, cada uma com seu governo soberano e suas barreiras econômicas. Embora todos sejamos entes humanos, temos edificado muralhas entre nós mesmos e nossos semelhantes, com o nacionalismo, a raça, a casta, a classe — o que, por igual, gera isolamento, solidão.

Ora, a pessoa que se envolve na solidão, nesse estado de isolamento nunca terá possibilidade de compreender o que é religião. Poderá crer, ter certas teorias, conceitos, fórmulas, poderá procurar identificar-se com o que chama Deus; mas a religião, assim me parece, nada tem que ver com crenças, sacerdotes, igrejas ou os chamados livros sagrados. Só podemos compreender o estado da mente religiosa ao começarmos a compreender o que é a beleza. E a compreensão da beleza tem de começar pela solidão total. Só nesse estado é que podemos conhecer a beleza.

Solidão, evidentemente, não é isolamento, nem singularidade. Ser "singular" é apenas de algum modo ser excepcional, ao passo que o *estar completamente só* requer extraordinária sensibilidade, inteligência, compreensão. "Estar completamente só" implica que a pessoa se encontra livre de toda espécie de influência e, por conseguinte, isenta da contaminação social; *temos de estar sós* para compreender o que é *religião* — a verdadeira religião, que é descobrir individualmente se existe algo imortal, eterno.

A mente, tal como é na atualidade, resulta de milhares de anos de influência — biológica, sociológica, ambiente, climática, alimentar, etc. Isso também é bem óbvio. Sois influenciados pela alimentação, pelos jornais, por vossa mulher ou marido, por vosso vizinho, pelo político, pelo rádio, pela televisão, e outras coisas mais. Estais sendo influenciados pelo que vos é "despejado", na mente consciente e na inconsciente, de muitas e diferentes direções. E não é possível estarmos cônscios dessas numerosas influências, de maneira tal que não nos deixemos enredar por nenhuma delas? Do contrário, a mente se torna um mero instrumento do ambiente. Poderá criar uma imagem do que ela pensa ser Deus ou a Verdade Eterna, e crer nessa coisa, mas continua a ser moldada pelo ambiente, suas exi-

gências, tensões, superstições, pressões; e sua crença não representa, absolutamente, o estado de uma mente religiosa.

Como cristão, fostes criado numa igreja construída pelo homem no decorrer de dois milênios, com seus sacerdotes, dogmas, rituais. Em pequeno, batizaram-vos e enquanto crescíeis disseram-vos o que devíeis crer; passastes por todo esse processo de condicionamento, de "lavagem do cérebro". A pressão dessa religião, com sua máquina de propaganda, é obviamente forte, sobretudo porque é bem organizada e está apta a exercer influência psicológica mediante a educação, a adoração de imagens, a atemorização, e o condicionamento da mente. Em todo o Oriente, também, as pessoas estão fortemente condicionadas por suas crenças, seus dogmas, suas superstições, e por uma tradição que remonta a dez mil anos ou mais.

Ora, a menos que a mente esteja livre, não terá possibilidade de descobrir o que é verdadeiro — e estar em liberdade é achar-se livre de qualquer influência. Tendes de livrar-vos da influência da nacionalidade, e da influência de vossa igreja, com suas crenças e dogmas; e deveis também libertar-vos da avidez, da inveja, do medo, do sofrimento, da ambição, da competição, da ansiedade. Se não estamos livres de todas essas coisas, as numerosas pressões exteriores e interiores criarão um estado contraditório, neurótico, e, em tais condições, não podemos, em circunstância nenhuma, descobrir o que é verdadeiro ou se existe alguma coisa que transcenda o tempo.

Vemos, pois, o quanto é necessário que a mente se livre de toda influência. Será isso possível? Se não é possível, não pode então haver descobrimento do que é eterno, do Supremo. Para uma pessoa descobrir se isso é possível ou não, terá de conscientizar-se dessas numerosas influências, não só aqui, neste pavilhão, mas também em sua vida de cada dia. Terá de observar como estão elas contaminando, moldando, condicionando a mente. É óbvio que não se pode estar cônscio a todas as horas das inúmeras e diferentes influências que se precipitam na mente; mas pode-se perceber a importância — e este me parece o ponto crucial da questão — de nos livrarmos de todas influências; e, uma vez compreendida essa necessidade, o inconsciente percebe a influência, ainda que a mente consciente possa, muitas vezes, não percebê-la.

Está claro?

O que estou tentando assinalar é o seguinte: Há influências sobremodo sutis a moldar a mente; e a mente que está sendo moldada por influências, as quais se encontram sempre na esfera do

tempo, não pode de modo nenhum descobrir o eterno, ou se tal coisa existe. A questão, pois, é esta: se a mente consciente não tem possibilidade de perceber todas as influências, que deverá fazer? Se, seriamente, vos fizerdes esta pergunta, de modo que ela exija vossa total atenção, vereis que a parte inconsciente de vós mesmos, que não se acha inteiramente ocupada quando as camadas superficiais da mente estão funcionando, toma as coisas a seu cuidado, e observa as influências que vão surgindo.

Considero importante compreender isso; porque, se cuidardes meramente de resistir às influências ou delas vos defender, essa resistência, que é uma reação, criará na mente mais um condicionamento. A compreensão do processo total da influência deve ocorrer sem esforço algum, ter o caráter de percepção imediata. O que sucede é isto: se perceberdes realmente a imensa importância de não vos deixardes influenciar, então, uma certa parte de vossa mente se encarregará desse trabalho, sempre que conscientemente estiverdes ocupado com outras coisas — e essa parte é muito vigilante, ativa e desperta. Impede, pois, ver de pronto a enorme importância de não se ser influenciado por nenhuma circunstância ou pessoa. Este é o ponto essencial — e, não, como resistir à influência, ou o que cumpre fazer quando se está sendo influenciado. Uma vez tenhais compreendido esse fato central, vereis que há uma parte da mente que está sempre desperta e vigilante, sempre pronta a eximir-se de qualquer influência, ainda a mais sutil. Desse estado não influenciado provém uma solidão completamente diferente do isolamento. E há necessidade de solidão, porquanto a beleza se encontra fora da esfera do tempo, e só a mente que está só pode saber o que é a beleza.

Para a maioria, a beleza é questão de proporções, forma, tamanho, contorno, cor. Vemos um edifício, uma árvore, uma montanha, um rio, e dizemos que é belo; mas aí está ainda a "entidade exterior", o experimentador que observa essas coisas e, por conseguinte, o que chamamos "beleza" acha-se ainda na esfera do tempo. Mas, eu sinto que a beleza está fora do tempo e que, para conhecê-la, o experimentador deve deixar de existir. O experimentador não é mais do que uma simples acumulação de experiência, que serve para julgar, avaliar, pensar. Quando a mente contempla um quadro, ou ouve música, ou observa a correnteza de um rio, ela geralmente o faz apoiada naquele fundo de experiência acumulada; olha do passado, da esfera do tempo — e, para mim, isso não é conhecer a beleza. Conhecer a beleza, ou seja descobrir o eterno,

só é possível quando se está totalmente só — e isso nada tem que ver com o que dizem os sacerdotes, com o que dizem as religiões organizadas. A pessoa deve estar livre de influência, de contaminação da sociedade, dessa estrutura psicológica de avidez, inveja, ansiedade, medo. Deve estar liberta de tudo isso. Dessa liberdade provém a solidão, e só no estado de solidão pode a mente conhecer o que existe fora da esfera do tempo.

A beleza e aquilo que é eterno não podem ser separados. Podeis pintar, escrever, observar a natureza, mas se há qualquer forma de atividade do "eu" — qualquer atividade egocêntrica do pensamento — então o que percebeis deixa de ser beleza, porque ainda compreendido na esfera do tempo; e, se não compreenderdes a beleza, de modo nenhum descobrireis o que é eterno; porque essas duas coisas estão unidas. Para descobrir o eterno, o imortal, deve a pessoa estar livre do tempo — sendo o tempo tradição, conhecimento acumulado e a experiência do passado. Não é questão de "crer" ou de "não crer" — pois tais coisas são "imaturas", extremamente infantis, e nenhuma relação têm com o caso. Mas quem tem sério interesse e deseja realmente *descobrir*, abandonará totalmente a atividade egocêntrica do isolamento e alcançará, dessa maneira, um estado no qual se verá completamente só; e apenas nesse estado de solidão total podemos compreender a beleza, o eterno.

As palavras iludem, porquanto, símbolos que são, não constituem a realidade. Elas encerram um significado, um conceito, porém não são a própria coisa. Assim, quando falo do eterno, deveis averiguar se estais meramente sendo influenciados por minhas palavras ou enredados numa crença — o que seria uma infantilidade.

Pois bem; para se averiguar se existe tal coisa — o eterno — é preciso compreender o que é o tempo. O tempo é algo verdadeiramente extraordinário; mas não me refiro ao tempo cronológico, ao tempo cronométrico, que é tão evidente quanto necessário. Aludo ao tempo como continuidade psicológica. E é possível vivermos sem essa continuidade? O que dá a continuidade é, obviamente, o pensamento. Se penso numa coisa constantemente, ela tem continuidade. Se alguém olha diariamente para o retrato da própria esposa, com isso lhe dá continuidade. Mas, é possível viver-se neste mundo sem se dar continuidade à ação, de modo que a ação seja sempre nova? Isto é, posso morrer para cada ação, em todo o correr do dia, de maneira que a mente jamais acumule e, por conseguinte, nunca se deixe contaminar pelo passado, mantendo-se, assim, perenemente nova, fresca, indene? Eu digo que isto é possí-

vel, que podemos viver assim, o que não significa que tal coisa é para vós uma realidade. Vós mesmos é que deveis descobri-lo.

Começamos, dessarte, a perceber que a mente deve estar completamente só, mas não isolada. Nesse estado de total solitude surge a percepção de uma extraordinária beleza, de algo não criado pela mente. Isso nada tem que ver com o juntar algumas notas musicais, ou espalhar tintas para pintar um quadro; mas, achando-se só, a mente está imersa na beleza e, em conseqüência, é sobremodo sensível; e, sendo sensível, é inteligente. Sua inteligência não é a inteligência da sagacidade ou do saber, nem tampouco a capacidade de fazer determinada coisa. É inteligente, no sentido de não estar sendo dominada, nem influenciada, de ser sem medo. Mas, para achar-se nesse estado, a mente deve ser capaz de renovar-se todos os dias — e isso significa morrer, cada dia, para o passado, para tudo o que conheceu.

Ora, como disse, a palavra, o símbolo, não é a realidade. A palavra "árvore" não é a árvore, e devemos, pois, estar atentos para não nos deixarmos enredar em palavras. Estando a mente livre da palavra, do símbolo, torna-se bem sensível e apta a investigar e fazer descobrimentos.

Afinal, busca o homem essa coisa há longo tempo, dos tempos mais antigos à atualidade. Deseja encontrar algo que não seja de concepção humana. Embora as religiões organizadas nada signifiquem para o ser inteligente, contudo elas sempre proclamaram existir algo transcendente; e o homem nunca deixou de procurar essa coisa, porque sempre viveu no sofrimento, na aflição, na confusão, no desespero. Vendo-se em incessante estado de transitoriedade, deseja encontrar algo permanente, perdurável, que tenha *continuidade,* e sua busca, por conseqüência, sempre esteve confinada na esfera temporal. Mas, como se pode observar, não há nada permanente. Nossas relações, nossos empregos — tudo é transitório. Dado o nosso medo a essa transitoriedade, estamos sempre em busca de algo permanente, que chamamos "o imortal", "o eterno", ou como preferirdes. Mas, essa busca do permanente, do imortal, do eterno, é mera reação e, por conseguinte, sem validade. Só quando a mente está livre desse desejo de certeza, pode começar a descobrir se tal coisa existe — o eterno — algo que transcende o espaço, o tempo, o pensador e a coisa em que pensa ou a que busca. O observar e compreender tudo isso requer plena atenção e a flexibilidade da disciplina resultante de tal atenção. Nessa atenção, não há distração, não há tensão, não há movimento em nenhum sentido; porque

todo movimento, todo motivo dessa natureza, resulta de influência, quer do passado, quer do presente. Nesse estado de atenção livre de esforço apresenta-se uma extraordinária consciência de liberdade, e só então — achando-se totalmente vazia, quieta, serena — está a mente capacitada a descobrir o eterno.

Talvez desejeis fazer perguntas a respeito do que foi dito nesta manhã.

PERGUNTA: *Como pode uma pessoa ficar livre do desejo de certeza?*

KRISHNAMURTI: A palavra "como" supõe método, não achais? Se sois arquiteto e eu vos pergunto como se constrói uma casa, podeis dizer-me o que se tem de fazer, porque há um método, um sistema, uma maneira de executar esse trabalho. Mas a observância de um método ou sistema condiciona a mente; vede, pois, o obstáculo que suscita o emprego da palavra "como".

E, também, precisamos compreender o desejo. Que é desejo? Outro dia estive examinando isso, e espero que aqueles que então estiveram presentes tenham apreendido o significado do que eu disse e não se sintam enfadados com o que agora estou dizendo. Porque, com efeito, a pessoa pode ouvir estas palestras numerosas vezes, e cada vez perceber algo novo.

Que é o desejo? Como disse naquele dia, há o *ver* ou perceber, depois o contato e ainda a sensação e, por fim, o aparecimento do que chamamos "desejo". É isto, por certo, o que acontece. Prestai toda a atenção. Vejo, por exemplo, um belo carro. Desse próprio ato de ver, mesmo sem tocar o carro, há sensação, que cria o desejo de conduzi-lo, de possuí-lo. Não nos interessa, aqui, o como resistir ou livrar-se do desejo, porque o homem que resistiu ao desejo e pensa ter ficado livre dele está em verdade paralisado, morto. O importante é compreender todo o processo do desejo, quer dizer, compreender tanto a sua importância como sua total insignificância. Nós temos de saber, não como extinguir o desejo, mas, sim, descobrir aquilo que lhe dá continuidade.

Ora, que é que dá continuidade ao desejo? O pensamento, pois não? Primeiro vê-se o carro, vem depois a sensação, seguida do desejo; e se o pensamento não intervém e não dá prosseguimento ao desejo, dizendo: "Preciso possuir este carro; como poderei adquiri-lo?" — então o desejo termina. Entendeis? Não estou acentuando

a necessidade de ficarmos livres do desejo; muito ao contrário! Mas é preciso compreender a natureza do desejo; porque veremos então que não haverá a seqüência do desejo, senão outra coisa completamente diferente.

Assim, o importante não é o desejo em si, porém o fato de lhe darmos continuidade. Por exemplo, damos continuidade ao sexo por meio do pensamento, de imagens, de fotografias, da sensação, da lembrança; mantemos viva a memória dessas coisas pensando nelas, e isso faz vibrar a sexualidade e os próprios sentidos. Bem sei que os prazeres sensuais têm real importância, mas nós lhes atribuímos, pelo desejo de repetição, um exagerado valor em nossa vida. Conseqüentemente, o relevante não é que nos livremos do desejo, porém que lhe compreendamos a estrutura, e como o pensamento lhe dá vitalidade; isso basta. A mente é então livre e ninguém precisa procurar um meio de libertar-se do desejo. No momento em que o procuramos, envolvemo-nos em conflito. Sempre que vedes um carro, uma mulher, uma casa, ou o que quer que vos atraia, o pensamento interfere e desperta o desejo, e tudo se torna um problema interminável.

O essencial é vivermos uma vida sem esforço, sem um só problema; e pode-se viver sem problema algum quando se compreende a natureza do esforço e se percebe claramente a inteira estrutura do desejo. Temos, em geral, inúmeros problemas; e para estarmos isentos de problemas cumpre pôr fim a cada problema tão logo ele surja. Já consideramos suficientemente este assunto, e não pretendo examiná-lo de novo. Todavia, é absolutamente necessário não ter a mente problema algum e, assim, a pessoa viver uma vida sem esforço. Por certo, esta é a única mente religiosa, porquanto terá compreendido o sofrimento e a terminação do sofrimento; ela é sem medo e, por conseguinte, a luz de si própria.

2 de agosto de 1964.